

*As  
sete  
esferas  
da  
Terra*

Mário Frigéri





*As  
sete  
esferas  
da  
Terra*



Mário Frigéri

*As  
sete  
esferas  
da  
Terra*

Estudos das várias dimensões espirituais do  
Planeta, à luz do Espiritismo e do Apocalipse.





Copyright © 2000 by  
FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB

4ª edição – 1ª impressão – 2 mil exemplares – 11/2016

ISBN 978-85-9466-033-6

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, armazenada ou transmitida, total ou parcialmente, por quaisquer métodos ou processos, sem autorização do detentor do *copyright*.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA – FEB  
Av. L2 Norte – Q. 603 – Conjunto F (SGAN)  
70830-106 – Brasília (DF) – Brasil  
www.febeditora.com.br  
editorial@febnet.org.br  
+55 61 2101 6198

Pedidos de livros à FEB  
Gerência comercial  
Tel.: (61) 2101 6168/6177 – comercialfeb@febnet.org.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Federação Espírita Brasileira – Biblioteca de Obras Raras)

---

F912s Frigéri, Mário Ribeiro, 1945–

As sete esferas da Terra: estudo dos multiplanos do planeta, à luz do  
espiritismo e do apocalipse / Mário Frigéri. – 4.ed. – 1.imp. – Brasília:  
FEB, 2016.

132 p.; 21 cm

Inclui índice geral

ISBN 978-85-9466-033-6

1. Terra (Planeta) – Visão espírita. 2. Espiritismo. I. Federação  
Espírita Brasileira. II. Título.

CDD 133.9

CDU 133.7

CDE 10.00.00

---

# Sumário

Dedicatória

Prefácio

Disse Jesus:

As sete esferas da Terra

Capítulo 1

A Terra é um grande magneto

Capítulo 2

Primeira e segunda esferas subcrostais: Abismo e Trevas

Capítulo 3

A terceira esfera: Crosta terrestre

Capítulo 4

A quarta esfera: Umbral

Capítulo 5

A quinta esfera: Arte, Cultura e Ciência

Capítulo 6

A sexta esfera: Amor Fraternal Universal

Capítulo 7

A sétima esfera: Diretrizes do Planeta

Capítulo 8

As esferas da Terra e o Apocalipse de Jesus

Capítulo 9

As visões de João Evangelista

Capítulo 10

Batalha no céu

Capítulo 11

O fim do mundo?

Capítulo 12

Os redimidos e a volta de Jesus

Capítulo 13

Trigo e joio

Capítulo 14

As moradas na Casa do Pai

Capítulo 15

O esplendor da Nova Era

Referências

Decálogo do Escritor

A busca da Verdade

A Revelação Espírita e a parceria entre Espíritos e homens

Índice geral 7

## *Dedicatória*

*Dedico este livro aos que amam a  
Verdade e a buscam, não obstante  
a incipiência de suas asas.*

## *Prefácio*1

Muitos leitores desta obra — *As sete esferas da Terra* —, inclusive espíritas, serão surpreendidos pelo seu conteúdo.

Entretanto, o novo livro de Mário Frigéri é uma síntese, muito bem embasada, do que se acha esparso na literatura espírita que já perlustamos, sem contudo atentar em pormenores que são realidades referidas em diversas fontes.

Os espíritas estudiosos apreciam a série de livros de André Luiz que se inicia com *Nosso lar*, a obra espírita considerada a mais importante das publicadas no século XX, em recente pesquisa.

Pois é nessa série que se encontram muitas das referências desenvolvidas neste livro, ao lado de outras constantes das obras da Codificação de Allan Kardec.

Também o *Apocalipse* de João, que se tornou atrativo especial de muitos comentadores das escrituras, *alguns deles explorando a linguagem mística do Apóstolo para tirar ilações fantásticas e irreais*, constitui fonte em que o autor busca calçar sua interpretação espírita sobre a constituição do Planeta em que vivemos.

A Terra, esse imenso magneto onde a Vida estua sob múltiplas formas, ainda é desconhecida em sua forma, natureza, origem e destino.

Pouco a pouco nós, os seus habitantes, vamos tomando conhecimento da Casa Planetária a que estamos ligados, em busca de

nosso aperfeiçoamento, vinculado a planos diversos de um mesmo mundo.

Acreditamos que Mário Frigéri, estudioso permanente do Espiritismo, que todos apreciamos por sua sensibilidade no campo das letras, poeta apreciado e já consagrado, está agora nos brindando com uma nova visão conscienciosa, realista e séria, que contribuirá para um melhor entendimento da natureza do nosso Planeta.

Os espíritas sabem que a Terra e sua Humanidade não estão circunscritas à crosta, com a vida que nela se desdobra.

Doutrinariamente, sabemos, inclusive, da existência de mundos espirituais superiores e inferiores a este *habitado pelos Espíritos encarnados*.

Mas a organização da Terra apresenta, pelos estudos comparados, diversos planos, assim apresentados nesta obra: 1° e 2° planos, denominados *abismo* e *trevas*, habitados por Espíritos sofredores em horríveis situações de inferioridade e atraso.

As referências a esses dois planos lembram-nos as descrições das zonas infernais de *A divina comédia*, de Dante Alighieri.

O 3° plano corresponde à crosta terrestre, habitada pela Humanidade encarnada.

Os demais planos, do 4° ao 7°, habitados por Espíritos desencarnados, invisíveis para os encarnados, são denominados: a) *umbral*; b) plano ou esfera da *Arte, Cultura e Ciência*; c) esfera do *Amor Universal*; d) esfera *diretora do planeta*.

Cada plano é descrito e caracterizado em capítulo específico, facilitando ao leitor a compreensão da gradativa evolução dos Espíritos que os habitam.

As análises e interpretações do autor são sóbrias, sobre um tema delicado por sua natureza, e sobre o qual tem havido abundante produção literária de caráter fantástico, inverossímil e por vezes catastrófico de muitos intérpretes do Apocalipse.

Esperamos que o livro de Mário Frigéri contribua para a elucidação de muitos leitores, espíritas e não espíritas, sobre um assunto pouco conhecido mas muito explorado por diversas correntes de pensamento.

JUVANIR BORGES DE SOUZA  
*Presidente da Federação Espírita Brasileira*  
(1990–2001)

---

<sup>1</sup> Nota do autor: 1) todos os grifos deste livro são do autor, exceto os ressaltados. 2) o termo espírito, quando tomado em seu sentido genérico, é grafado com minúscula. 3) os trechos da *Bíblia sagrada* citados nesta obra são da tradução de João Ferreira de Almeida (Edição revista e atualizada no Brasil. Sociedade Bíblica do Brasil, 1960).

*Disse Jesus:*

*Na casa de meu Pai há muitas moradas. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for, e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também.*

*(João, 14:2 e 3)*

## *As sete esferas da Terra*

*Na casa de meu Pai há muitas moradas.*

JESUS

A Terra é um gigantesco *Organismo de Esferas*:  
Sete planos de vida, onde há trevas e há luz.  
Nas regiões abissais — Satanás, homens-feras;  
Nas esferas de cima — homens-anjos, Jesus...  
A primeira região é o *Abismo*, profundo...  
Vêm as *Trevas* depois — zona de reclusão;  
Em seguida, eis a *Crosta*, isto é, nosso mundo,  
Onde o joio se mescla ao trigo em floração.  
Já se escuta no *Umbral* a divina trombeta;  
Em sequência, eis o céu: *Arte, Cultura e Ciência*;  
Mais acima é o *Amor Fraternal Universal*...  
*Diretrizes do Mundo*, ou melhor, *do Planeta*:  
Esta é a sétima esfera — a da mais alta essência —,  
De onde o Cristo comanda esta Nau Celestial!

# Capítulo 1

## A Terra é um grande magneto

1

•

1

O livro *Cidade no além* (9. ed., IDE), escrito e ilustrado a oito mãos (Francisco Cândido Xavier, Heigorina Cunha, André Luiz e Lucius), não obstante sua aparente singeleza, é certamente um dos mais instigantes dentre os que integram a bibliografia espírita de nosso país. Nele, o laborioso e abençoado médium de Uberaba analisa os vários planos que compõem o campo magnético do planeta Terra. E abona, ao que tudo indica, sua divisão em sete esferas, “segundo a tradicional concepção dos *sete céus* de que nos falam os antigos estudiosos das coisas espirituais” (p. 68).

O assunto, evidentemente, não constitui maior novidade. Mas da forma exótica e até certo ponto confusa pela qual vinha sendo apresentado — principalmente pelas escolas filosóficas orientais — para esta nova formulação simplificadora, o avanço é muito significativo.

As esferas são apresentadas à semelhança de globos que envolvem uns aos outros, os maiores englobando os menores — como se fossem bolas de pequenas proporções dentro de outras mais amplas. E todos se interpenetrando segundo uma linha ascendente

de evolução que tem origem no interior (ponto de menor evolução) e se projeta para a periferia (ponto de maior evolução). Comparação bem singela seria com uma cebola: cada camada ou túnica representaria uma esfera. Mas não há limites que possam ser estabelecidos entre as esferas. O conjunto forma um imenso globo magnético que, numa espécie de degradê vibratório progressivo, vai da vibração mais pesada à mais leve, e cada ser vivo paira em um desses níveis de acordo com seu peso específico espiritual.

- 1.
- 2

Na citada obra, a denominação das esferas, começando da mais interior para a mais exterior, é a seguinte (a 5ª é chamada, no original, de *Arte em geral ou Cultural e Ciência*):

- 1° – Crosta terrestre
- 2° – Umbral grosso
- 3° – Umbral médio
- 4° – Umbral
- 5° – Arte, Cultura e Ciência
- 6° – Amor Fraternal Universal
- 7° – Diretrizes do planeta

A explanação apresentada no decorrer deste livro tem por objetivo aclarar, embora de forma sintética, o entendimento de cada uma dessas esferas, bem como o seu posicionamento dentro do grande organismo chamado planeta Terra.

Começemos pelas criteriosas considerações do médium de Uberaba, que condensamos abaixo, calcadas principalmente nas elucidções de André Luiz contidas em sua vasta obra que se inicia com *Nosso lar*, e que são muito esclarecedoras:

I) “Na realidade, cada uma dessas divisões compreende outras, conforme asseguram os Espíritos.”

II) “A primeira esfera comporta o Umbral ‘grosso’, mais materializado, de regiões purgatoriais mais dolorosas e de cujas organizações comunitárias, conquanto estejam tão próximas, temos poucas notícias.”

III) “A segunda esfera abriga o Umbral mais ameno, onde os Espíritos do Bem localizam, com mais amplitude, sua assistência, e onde estão situadas as Moradias [...].”

IV) “A terceira esfera, a rigor, ainda faz parte do Umbral, pois, sendo de transição, abriga Espíritos necessitados de reencarnação. Nessa terceira esfera se localiza a cidade Nosso Lar, num ponto situado sobre a cidade do Rio de Janeiro e com uma altura que não podemos definir, mas que se encontra na ionosfera [...].”

V) “Ao que se deduz das narrativas do citado Mensageiro, as esferas espirituais se distinguem por vibrações distintas, que se apuram à medida que se afastam do núcleo.”

1.

3

VI) “Sabemos que a Terra é um grande magneto que se projeta no Espaço, mantendo um campo magnético ativo e diferenciado *que comporta as esferas espirituais*, de modo que, por exemplo, quando se contrabalançam os magnetismos da Terra e de Marte, tocando-se, os dois mundos se interpenetram, pelas suas esferas extremas.”

VII) “Mas, da Crosta até esse limite, os continentes e os mares se projetam, e onde o Espírito estiver situado pela sua identidade vibratória, seja onde for nesse vasto espaço magnético, *sob seus pés terá terra firme e sobre sua cabeça céu aberto*, já que seus sentidos não estarão aptos para perceberem as esferas que lhe estão acima. Nessa posição terá a mesma geografia planetária que nos

corresponde e o mesmo horário nosso, pois estará sob o mesmo fuso horário.”

VIII) “Lendo André Luiz, *quando descreve a segunda e a terceira esferas*, percebemos que, em ambas, há chão firme, sólido, terra fértil que se cobre de vegetação. Se assim é, fácil é perceber-se que, *para seus habitantes, nós estamos vivendo no interior da Terra.*”

IX) “Percebe-se, também, nos livros de André Luiz, que os Espíritos que estão acima podem transitar pelas esferas que lhes estão abaixo, mas os Espíritos que estão nas esferas inferiores não podem, sozinhos, passar para as esferas superiores.”

X) “O trânsito entre as esferas se faz por maneiras diversas. Por *estradas de luz*, referidas pelos Espíritos como caminhos especiais, destinados a transporte mais importante. Através dos chamados “campos de saída”, que são pontos nos quais as duas esferas próximas se tocam. Pelas águas, de se supor as que circundam os continentes. [...]”

XI) “Claro que se trata de alguns aspectos rudimentares dessa *questão importantíssima* que é a das esferas espirituais da Terra. No futuro, por certo, os Espíritos, sobre essa e outras questões importantes, farão mais luz, ensejando-nos compreender mais um pouco o mundo que se encontra acima de nossa fronteira vibratória. É o que se deduz da afirmação contida à página 85, do livro *Os mensageiros*, 14<sup>o</sup> edição, e que transcrevemos, encerrando este capítulo:

XII) “[...] Há, porém, André, *outros mundos sutis, dentro dos mundos grosseiros, maravilhosas esferas que se interpenetram*. O olho humano sofre variadas limitações e todas as lentes físicas reunidas não conseguiriam surpreender o campo da alma, que exige o desenvolvimento das faculdades espirituais para tornar-se perceptível. [...] Somente ao homem de sentidos espirituais desenvolvidos é possível revelar alguns pormenores das paisagens sob nossos olhos. A maioria das criaturas ligadas à Crosta não

entende estas verdades, senão após perderem os laços físicos mais grosseiros. *É da lei que não devemos ver senão o que possamos observar com proveito*” (p. 68-72).

1.

4

Devem ser observadas, para admirar, as profundas deduções que o médium extrai da mensagem transcendental. Com fina argúcia espiritual, penetra o sentido da revelação, abrindo-nos os olhos para uma nova realidade. É impressionante o que nos diz, quando, analisando o riquíssimo ditado mediúnicos, pondera que a Terra é um grande magneto que se projeta no espaço, mantendo um campo magnético ativo e diferenciado *que comporta as esferas espirituais*, e que, onde o espírito estiver situado, nesse vasto espaço magnético entre as esferas, *sob seus pés terá terra firme e sobre sua cabeça céu aberto...* E mais: para os habitantes das esferas acima da Crosta Terrestre, *nós estamos vivendo no interior da Terra!*

Ainda sobre o tema, encontramos uma preciosa observação na palavra do Ministro Flácus:

Comparada à grandeza, inabordável para nós, de milhões de sóis que obedecem a leis soberanas e divinas, em pleno Universo, a nossa Terra, *com todas as esferas de substância ultrafísica que a circundam*, pode ser considerada qual laranja minúscula, perante o Himalaia, e nós outros, confrontados com a excelsitude dos Espíritos Superiores, que dominam na sabedoria e na santidade, não passamos, por enquanto, de bactérias, controladas pelo impulso da fome e pelo magnetismo do amor (LIB, p. 16).<sup>2</sup>

Em outra obra de sua coleção, André Luiz insere um item a que intitula ESFERAS ESPIRITUAIS, e escreve o seguinte:

Muitos comunicantes da Vida Espiritual têm afirmado, em diversos países, *que o plano imediato à residência dos homens jaz subdividido em várias esferas. Assim é com efeito, não do ponto de vista do espaço, mas sim sob o prisma de condições, qual ocorre no globo de matéria mais densa, cujo dorso o homem pisa orgulhosamente* (EDM, cap. 13, “Almas e fluidos”).

1.  
5

Nessa mesma esteira de esclarecimentos, escreve J. Arthur Findlay:

As ulteriores informações que obtive confirmam que *o mundo real contém sete esferas, junto à Terra, interpenetrando-se umas às outras, cada uma tendo um plano ou superfície e uma atmosfera que representa, para seus habitantes, um firmamento. Olhando, daqui da Terra, para cima, olhamos através deles e, como o mesmo se dá em cada plano, eles olham através do que lhes está acima, porém, não veem Sol, nem estrelas, nem planetas, ou nuvens, apenas o firmamento. Não há sombras nas esferas a que nos referimos, porque lá a luz não produz sombras. Para os seus respectivos habitantes, é sólida a superfície de cada esfera; entretanto, pelo pensamento, podem eles baixar suas vibrações e vir diretamente de plano em plano até à Terra. Quão poucos dentre nós se apercebem de que, quando olham para o céu, estão olhando através de planos de densidades diferentes, que algum dia habitaremos e onde os que já viveram na Terra estão vivendo uma existência ativa e proveitosa!*” (NLE, cap. 10, “Noites de instrução”).

Comentando também o assunto, Allan Kardec faz a seguinte explanação:

Os antigos acreditavam na existência de muitos céus superpostos, *de matéria sólida e transparente*, formando

esferas concêntricas e tendo a Terra por centro.

Girando essas esferas em torno da Terra, arrastavam consigo os astros que se achavam em seu circuito.

Essa ideia, provinda da deficiência de conhecimentos astronômicos, foi a de todas as teogonias, que fizeram dos céus, assim escalados, os diversos degraus da bem-aventurança: o último deles era abrigo da suprema felicidade.

## 1. 6

Segundo a opinião mais comum, havia sete céus e daí a expressão — *estar no sétimo céu* — para exprimir perfeita felicidade. Os muçulmanos admitem nove céus, em cada um dos quais se aumenta a felicidade dos crentes.

O astrônomo Ptolomeu contava onze e denominava ao último Empíreo por causa da luz brilhante que nele reina.

É este ainda hoje o nome poético dado ao lugar da glória eterna. A teologia cristã reconhece três céus: o primeiro é o da região do ar e das nuvens; o segundo, o espaço em que giram os astros, e o terceiro, para além deste, é a morada do Altíssimo, a habitação dos que o contemplam face a face. É conforme a esta crença que se diz que São Paulo foi alçado ao terceiro céu.

Quatro parágrafos adiante, Kardec conclui: “A Ciência, com a lógica inexorável da observação e dos fatos, levou o seu archote às profundezas do Espaço e mostrou a nulidade de todas essas teorias” (OCI, cap. 3).

Lendo essa apreciação de Kardec, temos a impressão inicial de que a teoria das esferas não tem futuro. Mas não é assim. Nesta obra estamos falando de coisa diferente. Kardec fala das esferas como se fossem “de matéria sólida e transparente”, passíveis de ser verificadas pela ciência com sua instrumentação física, enquanto

nós, e os demais autores citados neste livro, falamos de esferas fluídicas, invisíveis e impalpáveis ao ser humano. Quem olhar para os céus do Rio de Janeiro, para admirar a Lua ou as estrelas, não percebe que seu olhar está atravessando Nosso Lar e, acima de Nosso Lar, todas as esferas ultrafísicas que envolvem o planeta.

As crenças mencionadas pelo ínclito Codificador eram especulativas, místicas e contraditórias, imbuídas de profundo matiz religioso (ou com as tintas “científicas” da época, no caso de Ptolomeu) e, portanto, pouco racionais e incoerentes: falavam de sete céus, nove céus, onze céus, três céus etc., demonstrando mais suposições abstratas e inventividade de seus autores que raciocínio amadurecido e lógico.

Kardec, sempre escrupuloso em seus pareceres, mencionou, de passagem, o assunto, sem nele deter seu olhar percuciente, mas encerrando-o sem maiores delongas, com a fleuma de quem põe um ponto final numa frase. Não voltou a ele em novos escritos, não se interessou mais pelo assunto, não criou nenhuma teoria a respeito, como fez acerca de outros tópicos relevantes para o Espiritismo naquela época, chegando a submeter, com louvável honestidade doutrinária, algumas teorias pessoais ao crivo do leitor, para que não pesasse “sobre a doutrina a responsabilidade delas” (AG, p. 12). Se fizesse parte de sua missão aprofundar a sonda investigativa nesse tema das esferas, ele chegaria, por certo, à mesma conclusão a que chegamos hoje, em face da concordância universal das comunicações espirituais que falam dessas esferas fluídicas.

1.

7

Diante disso, e com a mesma honestidade doutrinária do Codificador, podemos afirmar tranquilamente que a conclusão do ilustre Mestre estaria correta, caso todos os céus mencionados por ele, nas várias crenças ou teorias apresentadas, fossem constituídos

de matéria semelhante à terrena, passíveis, portanto, de comprovação científica. Não sendo assim, a ciência é incompetente para se pronunciar a respeito das esferas ultrafísicas. Os instrumentos a serem empregados neste caso (em face de as revelações recebidas sobre o assunto serem de ordem espiritual) são os do espírito — os mesmos que Kardec empregou na codificação e consolidação de nossa substanciosa Doutrina —, acima de tudo a análise, a coerência, a razão, o raciocínio, a lógica, tudo, porém, iluminado pela fé, pela intuição, pela inspiração e pela espiritualidade da alma.

Note-se, por fim, que até o momento falou-se apenas de esferas que se iniciam *a partir da Crosta terrestre (que habitamos) para cima*. E se esclarece, inclusive, a maneira como se transita de uma para a outra. Veremos, no próximo capítulo, que há outras dimensões habitadas abaixo da esfera onde nos encontramos.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Nota do autor: Sobre títulos de livros em acrônimo, veja Referências no final do livro.

<sup>3</sup> Nota do autor: Em resposta à pergunta-sugestão formulada por Kardec, na questão nº 28 de *O livro dos espíritos*, respondem as entidades que lhe ditaram a Terceira Revelação: “As palavras pouco nos importam. Compete-vos a vós formular a vossa linguagem de maneira a vos entenderdes. As vossas controvérsias provêm, quase sempre, de não vos entenderdes acerca dos termos que empregais, por ser incompleta a vossa linguagem para exprimir o que não vos fere os sentidos”.

Pondo em prática tão sábia orientação, alertamos que, quando empregarmos os termos planeta, ou Terra, estaremos nos referindo ao gênero, isto é, ao organismo de esferas chamado planeta Terra; e quando escrevermos Crosta, ou Crosta terrestre, é à espécie que estamos aludindo, ou seja, a uma esfera específica das sete que compõem o planeta.

Esta observação é oportuna na medida em que, hoje, empregam-se normalmente os termos Terra, planeta ou planeta Terra como sendo exclusivamente a Crosta que habitamos.

## Capítulo 2

# Primeira e segunda esferas subcrostais: Abismo e Trevas

2.

1

Há, como dissemos, esferas no interior da Crosta. Na página 80 de *Cidade no além*, encontramos uma ilustração que nos apresenta duas esferas situadas no interior do planeta *e abaixo da Crosta terrestre*, denominadas de “Núcleo Interno” e “Núcleo Externo”. Destacamos este fato porque, apesar de o livro não fazer quaisquer outras menções a estes dois núcleos, é de crer-se que representam outras duas esferas igualmente habitadas. E a elas, André Luiz faz referências em vários livros de sua coleção, sob a denominação de *Trevas* ou *regiões subcrostais*, como nestes dois tópicos citados abaixo:

1) O instrutor Jerônimo, André Luiz e mais duas dezenas de amigos espirituais, acompanharam, do plano invisível, o féretro e o sepultamento de Dimas, irmão recém-desencarnado e que fazia parte do grupo. No campo santo, após a inumação, André se interessou por dar uma olhadela nos arredores, onde havia muito sofrimento, inclusive de espíritos que gemiam chorosos, ainda ligados às vísceras sepultas. Um dos vigilantes daquele local passou a esclarecê-lo a

respeito dos vários quadros de provações que André ia encontrando, e que o vigilante denominou de espíritos “na vigília da loucura”.

Por fim, viram um velhote desencarnado, de cócoras sobre a campa, ainda com seus filamentos fluídicos ligados ao cadáver, perguntando meio enlouquecido: Quem me guardará o dinheiro? Quem me guardará o dinheiro? André tentou dizer-lhe palavras de consolação, mas o vigilante esclareceu que era inútil, porque o velhote não poderia ouvi-lo, pois sua mente estava cheia de imagens de moedas, letras, cédulas e cifrões, e que eles nada poderiam fazer por ele, porque se ele fosse libertado, voltaria para casa e iria castigar os herdeiros.

2

.

2

Como André não pudesse dissimular o espanto, o vigilante acentuou:

— Não há motivo para tamanho assombro. Estamos diante de infelizes, aos quais não falecem proteção e esperança, porquanto outros existem tão acentuadamente furiosos e perversos que, *do fundo escuro do sepulcro, se precipitam nos tenebrosos despenhadeiros das esferas subcrostais, tal o estado deplorável de suas consciências, atraídas para as trevas pesadas* (OVE, cap. 15, “Aprendendo sempre”).

2) Estando em missão numa cidade primitiva situada nas regiões mais baixas do Umbral, o instrutor Gúbio, André Luiz e Elói, dispondo de algumas horas de folga, resolveram realizar pequena excursão pelos arredores para aproveitar os minutos e estudar os “ovoides” (espíritos que “desgastaram” ou “perderam” o perispírito). Depois de caminharem bastante, chegaram, por fim, a um vale profundo, “habitado por toda a espécie de padecimentos

imagináveis”. André informa que “numa distância de dezenas de quilômetros, sucediam-se furnas e abismos, qual se nos situássemos perante imensa cratera de vulcão vivo, alimentado pela dor humana, porque, lá dentro, turbilhões de vozes explodiam, ininterruptas, parecendo estranha mistura de lamentos de homens e animais”.

Chocados com a cena, André e Elói recuam instintivamente, mas o Instrutor, permanecendo firme e sereno perante aquela triste visão, esclareceu:

— Amontoam-se aqui, como se fossem lenhos secos, milhares de criaturas que abusaram de sagrados dons da vida. São réus da própria consciência, personalidades que alcançaram a sobrevivência sobre as ruínas do próprio ‘eu’, confinados em escuro setor de alienação mental. Esgotam resíduos envenenados que acumularam na esfera íntima, através de longos anos vazios de trabalho edificante, no mundo físico, entregando-se, presentemente, a infundáveis dias de tortura redentora.

2

.

3

Percebendo o espanto crescente dos dois amigos, Gúbio acrescenta com calma: “Não estamos contemplando senão a superfície de trevosos cárceres *a se confundirem com os precipícios subcrostais*” (LIB, cap. VII, “Quadro doloroso”).

Encontramos também, na *Revista Espírita* publicada por Allan Kardec, uma comunicação de Mozart, em que ele, supostamente, se refere a essas duas esferas de nosso planeta, inferiores à Crosta. Vamos transcrever parcialmente as perguntas e respostas de números 23 e 25 (saltando a de número 24, por não interessar neste contexto):

23 – Uma hierarquia dos Espíritos faria supor uma outra [hierarquia] de residência. Existe esta última? Sob que forma?

Resp. – [...] Os Espíritos habitam diferentes planetas, conforme seu grau de perfeição; aí desfrutam de maior ou menor felicidade.

25 – Nosso globo terrestre é o primeiro desses degraus, o ponto de partida, ou procedemos de uma região mais inferior ainda?

Resp. – *Há dois globos antes do vosso*, que é um dos menos perfeitos (RE, maio 1858, p. 219-220).

O assunto não recebeu maior destaque na época porque, naturalmente, não era hora de ser desenvolvido. Esses “dois globos antes do vosso” são, sem dúvida, o Abismo e as Trevas (esferas situadas abaixo da Crosta terrestre) revelados por André Luiz. Além disso, nem tudo os Espíritos podem ou devem nos dizer, para não nos tirar o direito e o dever à livre iniciativa, ao esforço próprio, à busca incessante da verdade pelos caminhos da inteligência e do amor fraterno. Por isso, notamos que os Instrutores do Além são muito reservados ao abordarem o tema dessas esferas abissais, como que a preservar os homens, ainda tão bisonhos nesses assuntos, de um contato mais direto com a difícil realidade que se desenrola *nos subterrâneos do planeta*.

2

.

4

André Luiz estranha, em *Nosso lar* (p. 244-246), a menção feita pelo Governador, em seu discurso, “aos círculos *da Terra, do Umbral e das Trevas*”, pois ainda não tivera notícia deste último plano. E busca a orientação de Lísias.

— Chamamos Trevas — diz Lísias — *às regiões mais inferiores que conhecemos*. Considere as criaturas como itinerantes da

vida. Alguns poucos seguem resolutos, visando ao objetivo essencial da jornada. São os espíritos nobilíssimos, que descobriram a essência divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilações. A maioria, no entanto, estaciona. Temos então a multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. [...] Classificam-se, aí, os milhões de seres que perambulam no Umbral. *Outros, preferindo caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, estacionando no fundo do abismo por tempo indeterminado.* Compreendeu?

André, sem dúvida, havia compreendido, mas ainda uma interrogação lhe pairava no espírito: onde ficaria localizado semelhante lugar de sofrimento e dor? Lísias esclarece:

— Naturalmente, como aconteceu a nós outros, você situou como região de existência, além da morte do corpo, apenas os círculos a se iniciarem da superfície do globo para cima, *esquecido do nível para baixo.* A vida, contudo, palpita *na profundidade dos mares e no âmago da terra.* Além disso, *há princípios de gravitação para o espírito,* como se dá com os corpos materiais. A Terra não é somente o campo que podemos ferir ou menosprezar, a nosso bel-prazer. É organização viva, possuidora de certas leis que nos escravizarão ou libertarão, segundo nossas obras. É claro que a alma esmagada de culpas *não poderá subir à tona do lago maravilhoso da vida.* Resumindo, devo lembrar que as aves livres ascendem às alturas; as que se embaraçam no cipoal sentem-se tolhidas no voo, e as que se prendem a peso considerável *são meras escravas do desconhecido.* Percebe?

Lísias, porém, não precisaria fazer-me esta pergunta. Avaliei, de pronto, o quadro imenso de lutas purificadoras, a desenhar-se ante meus olhos espirituais, *nas zonas mais baixas da existência.*

Como alguém que precisa ponderar bastante, para exprimir-se, o companheiro pensou, pensou... e concluiu:

— Qual acontece a nós outros, que trazemos em nosso íntimo o superior e o inferior, *também o planeta traz em si expressões altas e baixas*, com que corrige o culpado e dá passagem ao triunfador para a vida eterna. [...] Quem estime viver exclusivamente nas sombras, embotará o sentido divino da direção. Não será demais, portanto, *que se precipite nas Trevas*, porque o abismo atrai o abismo e cada um de nós chegará ao local para onde esteja dirigindo os próprios passos.

Em outra ocasião, informa Lísias:

— [...] Há legiões compactas de almas irresolutas e ignorantes, *que não são suficientemente perversas para serem enviadas a colônias de reparação mais dolorosas*, nem bastante nobres para serem conduzidas a planos de elevação. Representam fileiras de habitantes do Umbral, companheiros imediatos dos homens encarnados, separados deles apenas por leis vibratórias. [...].

Salta aos olhos a gravidade do assunto e o critério extremamente cauteloso com que Lísias o aborda. Pela sua sábia palavra compreendemos que os espíritos poderiam ser classificados, quanto à sua marcha evolutiva (e apenas por razões didáticas), em três categorias:

1) os que seguem resolutos, visando ao objetivo essencial da jornada. São os espíritos nobilíssimos, que descobriram a Essência Divina em si mesmos, marchando para o alvo sublime, sem vacilação;

2) a maioria, que estaciona, constituindo essa multidão de almas que demoram séculos e séculos, recapitulando experiências. Classificam-se, aí, os milhões de seres que perambulam no Umbral;

3) e os que, preferindo caminhar às escuras, pela preocupação egoística que os absorve, costumam cair em precipícios, *estacionando no fundo do abismo*, por tempo indeterminado.

2

.

6

E Lísias alerta ainda André Luiz para o fato de que “como aconteceu a nós outros, você situou como região de existência, além da morte do corpo, apenas os círculos a se iniciarem da superfície do globo para cima, *esquecido do nível para baixo*. A vida, contudo, palpita na profundidade dos mares e no âmago da terra”. E conclui suas austeras ponderações lembrando que “a alma esmagada de culpas não poderá *subir à tona do lago maravilhoso da vida*”.

Entende-se ainda, pelo contexto, que o Umbral, sendo a esfera que se situa imediatamente acima da Crosta, é região de depuração de almas medianamente culpadas. Ou seja, aquelas que “não são suficientemente perversas para serem enviadas *a colônias de reparações mais dolorosas*”, compreendendo-se por esta expressão as *regiões subcrostais* onde as leis de disciplinamento espiritual são infinitamente mais rigorosas.

Atente-se para a sutileza da seguinte mensagem espiritual, principalmente para o jogo de contraste entre “meios mais elevados do vosso mundo/ou mundos superiores ao vosso” e “meios inferiores do vosso planeta/ou planetas inferiores ao vosso”:

[...] Desde o aparecimento do homem na Terra, os Espíritos que pelo seu progresso têm merecido habitar *os meios mais elevados do vosso mundo, ou mundos superiores ao vosso*, não

ascendido a esses meios ou a esses mundos. Do mesmo modo, os Espíritos culpados têm sido, de acordo com o grau de culpabilidade e com as necessidades do progresso que devem realizar, mandados, como castigo, como expiação, para os *meios inferiores do vosso planeta*, ou *para planetas inferiores ao vosso* (OQE, v. 3, p. 376).

## Capítulo 3

### A terceira esfera: Crosta terrestre

3.

1

Observamos, claramente, da resumida exposição feita por Lísias, que os espíritos excessivamente maus são encerrados nas Trevas ou no Abismo. Os remediados, demoram no Umbral ou reencarnam na Crosta terrestre para expurgo de seus débitos cármicos. E os que já se quitaram com a Lei Divina são elevados a planos superiores de evolução, normalmente nas esferas mais sublimadas do planeta.

Pouca informação pode ser encontrada na literatura terrena sobre essas regiões habitadas abaixo do nível humano. A Crosta terrestre — que, neste caso, seria a terceira esfera, se considerarmos o *Abismo* (“Núcleo Interno”) como a primeira, e as *Trevas* (“Núcleo Externo”) como a segunda — é de todos nós sobejamente conhecida, por ser nossa morada provisória, dispensando, por isso, maiores considerações neste espaço. Sobre o Umbral, a esfera que vem logo acima da Crosta, dispomos de ampla e minuciosa descrição na Coleção André Luiz, tão rica de detalhes quanto o poderia desejar o mais exigente pesquisador desses “mistérios” celestiais.

Aqui é de justiça reconhecer que o genial escritor desencarnado fez autêntica revolução neste setor de conhecimento. Lançou jorros

de luz sobre essa intrigante região espiritual, como se varresse com potentíssimos holofotes esses sítios tenebrosos. E desmitificou um campo tão próximo à Crosta, de onde os homens recebiam pálidas e distorcidas imagens (haja vista *A divina comédia*, de Dante), através das dissertações teológicas, teosóficas, esotéricas e ocultistas divulgadas no mundo em todos os tempos.

3

.

2

Não conseguimos, por isso, furtar-nos ao velho clichê de reconhecer um *antes* e um *depois* de André Luiz, quando se tratar do estudo desse mundo astralino que nos rodeia. As informações disponíveis sobre o assunto nos eram dadas por comunicações mediúnicas fragmentárias ou fornecidas por videntes e iniciados em viagens astrais quase sempre muito precárias, além de imbuídas dos preconceitos e engajamentos ideológicos de seus autores.

Nas palavras do instrutor Metelo, anotadas por André Luiz, temos um exemplo vivo da precariedade dessas informações de videntes e místicos encarnados sobre as realidades do mundo espiritual. Metelo estava instruindo inúmeros grupos socorristas que, nas regiões superiores do planeta, se preparavam para descer à Crosta a fim de prestar assistência aos necessitados. Em dado momento, ao comentar a falta de lucidez e vigilância do espírito encarnado, ele esclareceu:

De nossos amigos encarnados não podemos esperar, por enquanto, concurso maior e mais eficiente nesse sentido. Presos nas grades sensoriais, progridem lentamente na aprendizagem das leis que regem a matéria e a energia. Quando convidados a visitar nossos círculos de edificação, fora da instrumentalidade fisiológica, regressam ao corpo assombrados pelas visões rápidas que lhes foi possível arquivar e, em

transmitindo suas lembranças aos contemporâneos, operam a coloração da água simples e pura da verdade com os seus 'pontos de vista' e predileções pessoais no terreno da Ciência, da Filosofia e da Religião.

Bernardin de Saint-Pierre, o romancista trazido por amigos a regiões vizinhas da crosta Planetária, volta ao seu meio de ação *e traça aspectos que asseverou pertencerem ao Planeta Vênus*. Huyghens, o astrônomo, recebe mentalmente algum noticiário de nossas esferas de luta *e ensaia teorias referentes à vida em outros mundos*, afirmando que os processos biológicos nos orbes distantes são absolutamente análogos aos da crosta da Terra. Teresa d'Ávila, a religiosa santificada, transporta-se à paisagem de nosso plano onde se lamentam almas sofredoras, *e torna ao corpo carnal, descrevendo o inferno para os seus ouvintes e leitores*. Swedenborg, o grande médium, percorre alguns trechos de nossas zonas de ação *e pinta os costumes das 'habitações astrais' como melhor lhe parece*, imprimindo às narrações os fortes característicos de suas concepções individuais.

3

.

3

Quase todos os que vieram momentaneamente ao nosso campo de trabalho voltam ao esforço humano, exibindo a experiência de que foram objeto, pincelando-a com a tinta de suas inclinações e estados psíquicos. Porque se encontram fundamente arraigados ao 'chão inferior' do próprio 'eu', acreditam enxergar outros mundos em situações iguais à da Terra, nosso maravilhoso templo, cujas dependências não se restringem à Esfera da Crosta sobre a qual os homens de carne pousam os pés. A Terra é também nossa grande mãe, cujos

braços acolhedores se estendem pelo espaço além, ofertando-nos outros campos de aprimoramento e redenção (OVE, p. 19-20).

Superando todas essas distorções, temos em André Luiz uma espécie de embaixador terrestre enviado por nossa Humanidade a um país limítrofe. Nesse país, ele visita pessoalmente cada região e nos envia circunstanciado relatório, não só expondo com argúcia e suma inteligência seu ponto de vista, mas também colhendo profundos e sérios subsídios dos elevados mentores que o conduzem e esclarecem a cada passo.

Assim como a maioria de nós, o médium de Emmanuel (cuja fidelidade à missão que esposou atesta a nobreza de seu caráter) acredita intimamente “que André Luiz está representando um círculo talvez vasto de entidades superiores”:

— [...] Assim digo porque quando estava psicografando o “Missionários da Luz”, houve um dia em que o trabalho se interrompeu. Levou vários dias parado. Depois, informou-me Emmanuel, quando o trabalho teve reinício, que haviam sido realizadas algumas reuniões para o exame de certas teses que André Luiz deveria ou poderia apresentar ou não no livro. Em psicografando o capítulo *Reencarnação*, do mesmo trabalho, por mais de uma vez, vi Emmanuel e Bezerra de Menezes, associados ao autor, fiscalizando ou amparando o trabalho” (TCX, p. 99).

Tal é Francisco Cândido Xavier: um hífen de luz entre a Terra e o Céu, uma ponte recamada de estrelas a unir a nossa e a outra Humanidade. Todos os superlativos imagináveis, todas as palavras mais belas, ainda que incrustadas de diamantes pelo mais perfeito dos ourives, se transformariam em farrapos inúteis para revelar a grandeza e a imensa generosidade de seu coração. Em seu despojamento, em sua simplicidade franciscana, esse novo *poverello*<sup>4</sup> semeou a mãos cheias as riquezas espirituais que pavimentaram de ouro, para sempre, os caminhos deste mundo.

3

.

4

Buscamos em toda parte algo que fosse capaz de descrevê-lo, de estampar para sempre em nossa alma a grandeza sem-par de seu caráter e de sua missão. E ao fim dessa longa procura, fomos encontrar a descrição perfeita na palavra sensibilíssima do Espírito Humberto de Campos.

Humberto, contista e jornalista célebre, partira para a pátria espiritual em 1934, aos 48 anos de idade, ceifado desta vida por insidiosa doença. Valia-se agora das possibilidades mediúnicas do humilde servidor público para escrever ao coração de sua querida mãezinha, que ficara na Crosta, a fim de amenizar-lhe a imensa saudade. E *na paisagem de fundo dessa carta pungente*, que se umedece ao contato de suas lágrimas filiais, congela no tempo, a nosso ver, a mais bela e tocante imagem do médium, bem como do meio em que laborava diuturnamente em prol do Reino de Deus entre nós. É um quadro que já se encontra imortalizado em nosso coração. Escreve Humberto pelo lápis do médium mineiro:

Hoje, mamãe, eu não te escrevo daquele gabinete cheio de livros sábios, onde o teu filho, pobre e enfermo, via passar os espectros dos enigmas humanos, junto da lâmpada que aos poucos lhe devorava os olhos, no silêncio da noite.

*A mão que me serve de porta-caneta é a mão cansada de um homem paupérrimo, que trabalhou o dia inteiro buscando o pão amargo e cotidiano dos que lutam e sofrem. A minha secretária é uma tripeça tosca, à guisa de mesa, e as paredes que me rodeiam são nuas e tristes, como aquelas da nossa casa desconfortável em Pedra do Sal. O telhado sem forro deixa passar a ventania lamentosa da noite, e deste remanso humilde, onde a pobreza se esconde, exausta e desalentada, eu*

te escrevo sem insônias e sem fadigas, para contar-te que ainda estou vivendo para amar e querer a mais nobre das mães (CAT, p. 203-204).

3

.

5

A cena monocrômica e evocativa nos transporta instantaneamente ao tempo em que o Senhor viveu entre nós, quando se dirigiu a seus discípulos, nestes termos: “O Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça”. O dadivoso médium não chegou a tanto, mas devido à sua total renúncia aos bens terrenos em favor do próximo, certamente nunca lhe faltou o peito amoroso de Jesus, onde pudesse, à semelhança do Discípulo Amado na noite da ceia, reclinar a atormentada cabeça, nos momentos mais difíceis de sua jornada terrena.

É credor eterno, portanto, do nosso mais profundo respeito, não só pela obra que realizou, mas pelo Ser-Amor que é, pelo paradigma divino que representa, por ter estreado na Terra, entre nós os nativos deste mundo, o sublime protótipo do Homem Crístico de amanhã, ao qual nem sabemos ainda aspirar. Em razão disso, só terão coração para senti-lo e compreendê-lo os que amarem como ele amou, e moral para julgá-lo (pois que a tanto se abalançam alguns) só os que fizerem o que ele fez e viverem como ele viveu.

---

<sup>4</sup> N.E.: Do italiano, significa pobrezinho. Assim era chamado São Francisco, o Pobrezinho de Assis.

## Capítulo 4

### A quarta esfera: Umbral

4.

1

Analisemos esta síntese respigada da vasta obra de André Luiz, sobre o Umbral, a esfera que vem logo acima da nossa:

I ) “O Umbral começa na crosta terrestre. É a zona obscura de quantos no mundo não se resolveram a atravessar as portas dos deveres sagrados, a fim de cumpri-los, demorando-se no vale da indecisão ou no pântano dos erros numerosos. [...] funciona, portanto, como região destinada a esgotamento de resíduos mentais; uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena” (NL, p. 69-71).

II) “Mas... além do principado humano, para lá das fronteiras sensoriais que guardam ciosamente a alma encarnada, amparando-a com limitada visão e benéfico esquecimento, começa vasto império espiritual, vizinho dos homens. Aí se agitam milhões de espíritos imperfeitos que partilham, com as criaturas terrenas, as condições de habitabilidade da Crosta do Mundo. Seres humanos, situados noutra faixa vibratória, *apoiam-se na mente encarnada*, através de falanges

invisíveis, tão semiconscientes na responsabilidade e tão incompletas na virtude, quanto os próprios homens” (LIB, p. 18).

III) “[...] é nessa zona que se estendem os fios invisíveis que ligam as mentes humanas entre si. [...] Quem pensa, está fazendo alguma coisa alhures. E é pelo pensamento que os homens encontram no Umbral os companheiros que afinam com as tendências de cada um [...]” (NL, p. 72).

4

.

2

IV) (As almas decaídas) “misturam-se à multidão terrestre, exercem atuação singular sobre inúmeros lares e administrações, e o interesse das mais poderosas inteligências, dentre elas, *é a conservação do mundo ofuscado e distraído*, à força da ignorância defendida e do egoísmo recalcado, *adiando-se o Reino de Deus, entre os homens, indefinidamente...*” (LIB, p. 22).

V) “[...] O objetivo essencial de tais exércitos sombrios é a conservação do primitivismo mental da criatura humana, a fim de que o Planeta permaneça, tanto quanto possível, sob seu jugo tirânico. [...] Loucos perigosos, por voluntários, dirigidos por inteligências soberanas, especializadas em dominação, constituem hordas terríveis que, a bem dizer, *vigiam as saídas das esferas inferiores em todas as direções*” (LIB, p. 27-33).

VI) “[...] Todos os lugares infernais surgem, vivem e desaparecem com a aprovação do Senhor, que tolera semelhantes criações das almas humanas, como um pai que suporta as chagas adquiridas pelos seus filhos e que se vale delas para ajudá-los a valorizar a saúde. As Inteligências consagradas à rebeldia e à criminalidade, em razão disso, não obstante admitirem que trabalham para si, permanecem a serviço do Senhor, *que corrige o*

*mal com o próprio mal.* Por esse motivo, tudo na vida é movimentação para a vitória do bem supremo. [...] Se a penitenciária vigora entre os homens, em função da criminalidade corrente no mundo, *o inferno existe, na Espiritualidade, em função da culpa nas consciências [...]*” (AR, p. 20-35).

VII) “Claro está que, embora comandados por Inteligências pervertidas ou bestializadas nas trevas da ignorância, esses antros jazem circunscritos no Espaço, *fiscalizados por Espíritos sábios e benfazejos* que dispõem de meios precisos para observar a transformação individual das consciências em processo de purificação ou regeneração, a fim de conduzi-las a providências compatíveis com a melhoria já alcançada” (MM, p. 171).

VIII) (Os Mensageiros da Luz) “...são prepostos das Inteligências angélicas que não perdem de vista as plagas infernais, porque, ainda que os gênios da sombra não o admitam, *as forças do Céu velam pelo inferno* que, a rigor, existe para controlar o trabalho regenerativo da Terra” (AR, p. 36).

Vemos, assim, em apertada síntese para facilitar a memorização, que o Umbral começa na Crosta terrestre. Funciona como uma espécie de zona purgatorial, onde se queima a prestações o material deteriorado das ilusões que a criatura adquiriu por atacado, menosprezando o sublime ensejo de uma existência terrena. É habitado por milhões de espíritos que partilham, com as criaturas terrenas, as condições de habitabilidade da Crosta do Mundo. Apoiam-se na mente encarnada e é pelo pensamento que os homens encontram nessa região os companheiros que afinam com as suas tendências. Seu interesse é a conservação do mundo ofuscado e distraído, à força da ignorância defendida e do egoísmo recalcado, adiando-se o Reino de Deus, entre os homens, indefinidamente.

Loucos perigosos, por voluntários, dirigidos por inteligências soberanas, especializadas em dominação, constituem hordas terríveis que, a bem dizer, *vigiam as saídas das esferas inferiores em todas as direções*. Não obstante admitirem que trabalham para si, permanecem a serviço do Senhor, *que corrige o mal com o próprio mal*. Se a penitenciária vigora entre os homens, em função da criminalidade corrente no mundo, *o inferno existe, na Espiritualidade, em função da culpa nas consciências*. Embora comandados por Inteligências perversas, esses antros jazem circunscritos no Espaço, *fiscalizados por Espíritos sábios e benfazejos* que dispõem de meios precisos para observar a transformação individual das consciências em processo de purificação ou regeneração. E essa fiscalização visa conduzi-las a providências compatíveis com a melhoria alcançada, pois *as forças do Céu velam pelo inferno* que, a rigor, existe para controlar o trabalho regenerativo da Terra.

Acerca dessa vigilância de mil olhos trevosos que hordas terríveis do Umbral mantêm, bloqueando as saídas das esferas inferiores em todas as direções, impõe-se recordarmos a narrativa emocionante do Irmão Jacob (Frederico Fígner), no capítulo *Incidente em viagem*, do livro *Voltei*, editado pela FEB. Ele narra de forma comovente o trânsito, das regiões inferiores do Umbral para as superiores, de um grupo de recém-desencarnados que deixava a Crosta.

Havia uma ponte luminosa assinalando a passagem das regiões de treva para as de luz. Um desencarnado do grupo que volitava sob a supervisão e sustentação fluídica de Bezerra de Menezes e do irmão Andrade, se desequilibrou ante a visão magnífica da nova região e,

recordando seus antigos deslizes na carne, passou a gritar: “— Não! não! não posso! eu matei na Terra! Não mereço a Luz Divina! Sou um assassino, um assassino!”.

4

.

4

Quando seus brados ressoaram pelas quebradas sombrias abaixo, outras vozes, parecendo provir de maltas de feras ao pé da ponte, esbravejaram, horríveis: “ — Vigiem a ponte! Assassinos não passam, não passam!”.

Bezerra de Menezes reequilibrou o grupo, explicando que aquele irmão em crise realmente fora homicida em outra época. Mas trabalhara em favor da regeneração própria e a bem da Humanidade, com tamanho valor, nos últimos trinta anos da existência, que merecera carinhosa proteção dos orientadores de Mais Alto. E que ele não devia levar a penitência tão longe, pelo menos naquele momento, a ponto de ameaçar o êxito da expedição.

Acrescentemos que, se a passagem para regiões melhores se torna difícil até para os que seguem custodiados por entidades superiores — como é o caso em destaque —, é de se imaginar com que dificuldades praticamente intransponíveis não se depararão os que despertam nesses sítios, após a morte do corpo físico, só podendo contar consigo mesmos, desguarnecidos da luz da fé e do aconchego das obras do bem...

Vale a pena citar aqui *A vida nos mundos invisíveis*, da Editora Pensamento. Seu autor espiritual é Monsenhor Robert Hugh Benson, desencarnado na Inglaterra em 1914, e o médium, Anthony Borgia. O livro é de grande importância e oportunidade, e seus postulados confirmam e desenvolvem os conceitos exarados neste estudo.

Pondo de lado a panorâmica belíssima dos reinos espirituais da Terra traçada pelo autor, pincemos apenas algumas de suas anotações sobre as esferas de nosso planeta:

O mundo espiritual está dividido em esferas ou reinos. Essas duas palavras passaram a ser correntes entre a maioria daqueles que na terra conhecem e praticam a comunicação com o nosso mundo. Ao falar-vos assim, usei as palavras acima, suficientes para o nosso fim.

A essas esferas foram dados números, por alguns estudantes, e vão desde o primeiro, que é o mais baixo, até o sétimo, que é o mais alto. É costume entre nós seguir este sistema de numeração. A ideia, segundo me disseram, teve origem aqui entre nós, e é um método conveniente de dar informações de nossa posição na escala da evolução espiritual.

4

.

5

As esferas do mundo do espírito estão colocadas numa série de zonas formando um número de círculos concêntricos à volta da terra. Esses círculos alcançam o espaço infinito e estão invisivelmente ligados com o mundo terrestre na sua revolução menor sobre seu eixo, e é claro, em sua maior revolução à volta do sol. [...].

Um exemplo de círculos concêntricos nos é dado quando nos dizem que um visitante de uma esfera mais elevada vai *descer* a nós. Ele está relativamente acima de nós, tanto espiritual como espacialmente (grifo do original).

Os reinos inferiores da escuridão estão situados perto da terra, e penetram na sua parte mais baixa. [...].

Sendo o mundo espiritual constituído de círculos concêntricos, e com a terra [Crosta] aproximadamente no centro, as esferas são subdivididas lateralmente para se corresponderem largamente com as várias nações da terra, cada subdivisão estando situada imediatamente sobre sua nação irmã [...].

Esta divisão das nações se estende apenas a um certo número de reinos. Além deles a nacionalidade cessa de existir [...].

Cada esfera é completamente invisível a todos os habitantes das suas inferiores, e isso pelo menos é que forma os nossos limites.

Quando viajamos para os planos inferiores vemos o terreno gradualmente degenerar. Mas ao aproximarmo-nos dos reinos mais elevados acontece o oposto: vê-se a terra à nossa volta tornar-se mais etérea, mais pura, e isso forma uma barreira natural para aqueles entre nós que ainda não progrediram suficientemente para se tornarem habitantes desse reino.

Ora, eu já contei como os reinos se colocam, uns acima dos outros. Como, então, se passa de um para o outro, seja acima ou abaixo? Deve haver algum ou alguns pontos em cada reino onde exista uma sensível inclinação para um, e um distinto acento, para o outro. Apesar de parecer simples, é esse exatamente o caso [...].

Para passar do reino onde estou ao próximo mais elevado, me acharei andando suavemente ao longo de um chão em acento. Ao adiantar-me verei e sentirei todos os inconfundíveis sinais de um reino de maior refinamento espiritual. Chegará o ponto em que não poderei avançar mais sem desconforto espiritual. Se cometesse a tolice de tentar desafiar essa lei, descobriria no fim que não poderia dar nem mais um passo sem passar por sensações que não me seria possível suportar. Nada poderia ver à minha frente, somente atrás. Mas estejamos nós num desses limites ou bem dentro dos nossos limites, há um certo trecho na ponte entre os reinos onde o reino mais alto se torna

invisível a olhos menos espirituais. Assim como certos raios de luz são invisíveis a olhos terrenos, e certos sons e notas musicais são inaudíveis a ouvidos mortais, assim também os reinos mais elevados são invisíveis aos habitantes inferiores.

4

·  
6

E a razão é que cada reino possui uma vibração de maior intensidade do que o seu inferior e é, portanto, invisível e inaudível aos que vivem abaixo. [...] Vemos assim que outra lei natural opera para o nosso próprio bem (p. 117-121)

De se notar a perfeita correlação entre o que diz esse autor espiritual, cuja obra foi ditada na Inglaterra, e os apontamentos do médium mineiro no primeiro capítulo. Não poderíamos vislumbrar aqui o princípio do controle universal preconizado por Kardec? Em que consiste esse princípio? Na concordância e universalidade dos ensinamentos espontâneos dos Espíritos, dados através de vários médiuns, estranhos entre si, em várias partes do globo. É isso, de forma geral, que estabelece na Doutrina Espírita o fundamento sério de sua unidade.

Neste caso temos apenas dois exemplos. Veremos, até o final desta obra, quantas outras vozes veneráveis se juntarão a estas, através de médiuns estranhos entre si, para proclamar a nova e fascinante realidade das esferas espirituais.

---

<sup>5</sup> Na versão para o português, consta declive, num visível equívoco de tradução.

## Capítulo 5

### A quinta esfera: Arte, Cultura e Ciência

5.  
1

E quanto à esfera da Arte, Cultura e Ciência, que vem logo acima do Umbral? Lembrando aquele refulgente pensamento do Buda: *A recompensa da mais alta santidade está em não renascer*, onde poderíamos obter alguma informação desse orbe maravilhoso, cuja Humanidade já está livre de reencarnar na Crosta terrestre?

Acerca desse quinto orbe, cremos haver encontrado uma bela e ilustrativa página mediúnica de Victor Hugo, psicografada pela médium Zilda Gama. Nessa página, o fecundo e inesquecível escritor francês narra *o voo cósmico* que o instrutor espiritual Alfen levou seu pupilo Paulo (recém-liberto da carne) a fazer pelas esferas superiores da Terra, a fim de prepará-lo, *através da visão inebriante dessas regiões divinas*, para uma última reencarnação na Crosta. O objetivo dessa viagem espiritual era fortalecer o espírito de Paulo para que, em sua futura e próxima existência, se redimisse, finalmente, de seus derradeiros ônus para com a Lei de Deus.

A narrativa emocionante e belíssima desse voo sideral, aqui sintetizada, é do próprio Paulo (paragrafamos alguns trechos):

Vou abreviar a narrativa que vos tenho feito, da minha trajetória pela amplidão sideral. Dir-vos-ei apenas, prezado

amigo, que por momentos inesquecíveis penetramos no aludido orbe de luminosidade azul, ameníssima; presenciámos, por instantes, a ventura dos seres gráceis e airosos que o povoam, sentindo-me vexado de mim mesmo, ante o contraste que notava entre o meu corpo astral e a correção escultural, a candidez e a radiosidade dos que, extático, eu contemplava, passando aos pares, enlaçados castamente.

5

.

2

Eram almas gêmeas pelos sentimentos de uma afinidade perene, libertas das imperfeições do carácter, da hipocrisia, só cogitando de cometimentos grandiosos, *tendo por escopo unicamente o Bem, as Artes e as Ciências*, compondo hinos ou salmos consagrados ao Onipotente e aos sentimentos mais puros e dignificadores.

Pairamos a pouca distância de um solar (ou antes, de uma catedral primorosa), que parece cinzelado numa só mole de topázio com incrustações luminosas, ostentando esguios e rendilhados minaretes, coruscantes à luz que incessantemente lhe jorra do interior, e que julgo fazer parte integrante da sua contextura.

Adejavam-lhe em torno as sonoridades maviosas de uma orquestra admirável, a vibrar os últimos acordes de uma música celestial. Quisera permanecer assim, por milênios, estacionando no Espaço, ouvindo-a com transporte, esquecido de todos os tormentos que me haviam farpeado a alma. Subitamente, porém, fui arrancado ao êxtase pelo preclaro instrutor:

— Eis um dos templos onde verdadeiramente se adora o Soberano do Universo! Contempla, mais uma vez, Paulo, a colossal *urbs* onde a escultura impera em toda a plenitude e a arte dos sons é cultivada por artistas realmente geniais. Observa a felicidade que te aguarda se cumprires a tua próxima e pungentíssima missão terrena.

Após confirmar seu firme desejo de submeter-se a essa rude e definitiva prova (uma nova encarnação na Crosta terrestre), diz o extasiado viajante do cosmos:

Caro amigo, ao proferir o último vocábulo do nosso convênio espiritual, firmado em nome do Altíssimo, senti que começara a descer.

A força centrípeta, que havia muito deixara de existir para mim, entrou novamente a impelir-me vertiginosamente para o planeta da Dor e do Pranto, com rapidez indescritível. Uma energia incontrastável me atraía para a Terra [Crosta], como se fosse arrebatado por um ciclone irresistível, por um torvelinho estonteante, para um abismo tétrico, insondável, infinito...

5

.

3

A narrativa prossegue, minuciosa, descrevendo a amarguíssima existência vivida por Paulo, na França, da qual, finalmente, sai vencedor. Após a desencarnação, *levado de volta ao orbe superior*, pela mão de seu guia espiritual, continua a narrar o vitorioso personagem:

Aproximamo-nos do núcleo resplandecente do orbe esmeraldino, voejando horizontalmente e cerce ao solo. Logo se nos foram ostentando paisagens encantadoras, de aspectos indescritíveis: serranias que pareciam moles gigantescas de

turmalinas, com todas as nuances do verde; solares de estilo bizantino, esculpturados em jaspe translúcido, com extensos hortos em que medravam vegetais esguios, com formosíssimas flores intangíveis para os que ainda perlustram os planetas inferiores, parecendo lavoradas em pedras preciosas, de todas as cambiantes, recendendo essências ameníssimas.

Inefável melodia se desprendia de todos os castelos fulgurantes, como se em todos eles estivessem celebrando pomposos festivais. Esvaíram-se-me, lentamente, todas as recordações dolorosas da Terra: dominou-me uma bonança, uma calma que desejara jamais se extinguisse.

Subitamente, porém, meu amigo, meu galhardo guia parou e em seguida principiou a descer. Pousou num dos degraus da escadaria, em forma de voluta, de um deslumbrante alcáçar, como que talhado em topázio rútilo, e penetramos sutilmente, de mãos unidas, num salão em que a luz jorrava do próprio teto de cristal coruscante, de envolta com fragrâncias dulcíssimas de flores imarcescíveis e com os arpejos de uma orquestra que executava magistral sinfonia.

No recinto se apinhava seleta sociedade, constituída de seres todos jovens, trajando singelamente, mas com muita elegância, túnicas de escumilha argêntea, luminosa.

Lembrei-me então do tempo em que ia tocar à noite nos palácios de Paris e apreciei o contraste que havia entre uma e outra multidão. Na terrestre, imperavam quase que exclusivamente o egoísmo, a vaidade, a ostentação, a hipocrisia. Na sideral reinava unicamente o Amor, em todas as suas nobilitantes modalidades. Das fronteiras de todos aqueles seres, aureolados por um halo radioso, transpareciam pensamentos de pureza extrema. Todas aquelas entidades translúcidas se achavam animadas por ideais elevados, por sentimentos fraternais, a borbulharem de seus corações radiosos, que eu via pulsar através das suas roupagens de neve.

A realidade, porém, me absorvia a atenção. Entramos naquele reduto luminoso, onde se achavam congregados centenas de seres pulcros e o meu tutelar Companheiro, cheio de solicitude, mos apontou, murmurando:

— Eis-nos chegados, meu irmão, a um dos inúmeros ateneus do Universo, onde os espíritos libertos das últimas imperfeições, acendrados pelos sofrimentos, remidos pelo escrupuloso cumprimento de deveres sociais e divinos, vêm retemperar as forças combalidas por prolongadas lições morais — em que os corações combatem e, às vezes, saem dilacerados — recobrar novo alento para prosseguirem na senda de austeras virtudes, pensar as úlceras que se lhes abriram na alma durante as árduas pugnas contra o mal e a adversidade. É aqui, finalmente, que eles iniciam o estágio para o desempenho de graves e meritórias missões — as de mensageiros celestiais.

[...] Ao terminar essa breve alocução, a um gracioso gesto de Alfen, de nós se acercaram todos aqueles entes airosos — semelhantes a joviais e chilreantes andorinhas, esvoejando celeremente às primeiras vibrações do campanário do templo onde pairavam [...].

— Irmãos — completou ele —, eis aqui mais um espírito valoroso que triunfa, mais um ser evoluído que vem iniciar-se no tirocínio elevadíssimo de mensageiro celestial, mais um liberto da carne, do erro, das imperfeições morais, que se reúne às nossas fileiras, enchendo de alegria todas as mansões deste orbe, onde se soleniza a chegada de um prosélito do bem, de um irmão em Deus!” (NSNL, p. 112-114 e 220-224).

Note-se que os habitantes dessa esfera feliz têm como objetivo unicamente *o Bem, as Artes e as Ciências*. E que é possível, após várias existências sacrificiais vividas na Crosta terrestre, em virtude da depuração consequente, ir habitar essa dimensão de luz e harmonia, *atravessando são e salvo as regiões umbralinas*.

5

.

5

A aprazível descrição das condições sublimes em que vive sua Humanidade, bem como de sua topografia translúcida matizada de suavizante luz, preenche as almas humanas aspirantes à redenção de um irreprimível anseio de progresso. E esse forte desejo traz à memória de algumas delas lembranças profundas de *uma pátria etérea* — espécie de “paraíso perdido”, para usar a simbologia bíblica —, na qual, entre as dimensões infinitas do tempo, estagiaram algum dia.

Essas almas abençoadas, em processo de finalização depurativa na Crosta, lembram os antigos profetas bíblicos, principalmente Abraão, que, quando divinamente chamado, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança, partiu, sem nem mesmo saber aonde ia: “Abraão, esperando contra a esperança, creu, para vir a ser pai de muitas nações, segundo lhe fora dito: Assim será a tua descendência.” (Rm 4:18.)

“Pela fé Abraão, quando chamado, obedeceu, a fim de ir para um lugar que devia receber por herança; e partiu sem saber aonde ia. Pela fé, peregrinou na terra da promessa como em terra alheia, habitando em tendas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; *porque aguardava a cidade que tem fundamentos [a Nova Jerusalém celestial], da qual Deus é o arquiteto e edificador*” (Hb 11:8 a 10).

E, em seguida, após falar de Moisés, de Gideão, de Baraque, de Sansão, de Jefté, de Davi e de Samuel (“homens dos quais o mundo não era digno”), o Apóstolo Paulo conclui:

Todos estes morreram na fé, sem ter obtido as promessas; vendo-as, porém, de longe, e saudando-as, e confessando que eram estrangeiros e peregrinos sobre a terra. Porque os que falam desse modo manifestam estar procurando uma pátria. E, se, na verdade, *se lembrassem daquela de onde saíram*, teriam oportunidade de voltar. Mas, agora, *aspiram a uma pátria superior, isto é, celestial*. Por isso, Deus não se envergonha deles, de ser chamado o seu Deus, porquanto lhes preparou uma cidade (Hb 11:13 a 16).

5

.

6

*Pois a nossa pátria está nos céus*, de onde também aguardamos o Salvador, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas (Fp 3:20 e 21).

## Capítulo 6

### A sexta esfera: Amor Fraternal Universal

6.

1

Da esfera seguinte — Amor Fraternal Universal —, por ser tão elevada, certamente só podemos fazer um juízo meramente conjectural.

É desse plano verdadeiramente hiperceleste que, sem dúvida, desceu o mensageiro Asclépios, *materializando-se* no Santuário da Bênção, em Nosso Lar, para uma formosa preleção a seus habitantes.

— Pertence Asclépios — informa o Instrutor Cornélio — a comunidades redimidas do Plano dos Imortais, *nas regiões mais elevadas da zona espiritual da Terra*. Vive muito acima de nossas noções de forma, em condições inapreciáveis à nossa atual conceituação da vida. Já perdeu todo contato direto com a Crosta terrestre e só poderia fazer-se sentir, por lá, através de enviados e missionários de grande poder. Apreciável é o sacrifício dele, vindo até nós, embora a melhoria de nossa posição, em relação aos homens encarnados. Vem aqui raramente. Não obstante, algumas vezes, outros mentores da mesma categoria visitam-nos por piedade fraternal.

— Não poderíamos, por nossa vez, demandar o plano de Asclépios, a fim de conhecer-lhe a grandeza e sublimidade? —

perguntei [André Luiz].

— Muitos companheiros nossos — assegurou-nos o instrutor —, por merecimentos naturais do trabalho, alcançam admiráveis prêmios de viagens, não só às *esferas superiores do Planeta* que nos serve de moradia, mas também aos círculos de outros mundos...

6

.

2

Sorriu e acrescentou:

— Não devemos esquecer, porém, que a maioria efetua semelhantes excursões somente na qualidade de viajores, em processo estimulante do esforço pessoal, à maneira de jovens estudantes de passagem rápida pelos institutos técnicos e administrativos das grandes nações. Raros são ainda os filhos do Planeta em condições de representá-lo dignamente noutros orbes e círculos de vida do nosso sistema.

Não me deixei impressionar e prossegui perguntando:

— Asclépios, todavia, não mais reencarnará na Crosta?

O instrutor gesticulou, significativamente, e esclareceu:

— Poderá reencarnar em missão de grande benemerência, se quiser, *mas a intervalos de cinco a oito séculos entre as reencarnações.*

— Oh! Deus — exclamei — como é grandioso semelhante estado de elevação!

— Constitui sagrado estímulo para todos nós — ajuntou o mentor atenciosamente.

— Devemos acreditar — interroguei, admirado — seja esse o mais alto grau de desenvolvimento espiritual do Universo?

O diretor da casa sorriu, compassivo, em face de minha ingenuidade e considerou:

— De modo algum. Asclépios relaciona-se entre abnegados mentores da Humanidade terrestre, partilha da soberana elevação da coletividade a que pertence, mas, efetivamente, *é ainda entidade do nosso Planeta*, funcionando, embora, *em círculos mais altos de vida*. Compete-nos peregrinar muito tempo, no campo evolutivo, para lhe atingirmos as pegadas; no entanto, acreditamos que o nosso visitante sublime *suspira por integrar-se* no quadro de representantes do nosso orbe, junto às gloriosas comunidades que habitam, por exemplo, Júpiter e Saturno. Os componentes dessas, por sua vez, *esperam, ansiosos*, o instante de serem convocados às divinas assembleias que regem o nosso sistema solar. Entre essas últimas, estão os que *aguardam, cuidadosos e vigilantes*, o minuto em que serão chamados a colaborar com os que sustentam a constelação de Hércules, a cuja família pertencemos. Os que orientam nosso grupo de estrelas *aspiram, naturalmente*, a formar, um dia, na coroa de gênios celestiais que amparam a vida e dirigem-na, no sistema galáxico em que nos movimentamos. E sabe meu amigo que a nossa Via Láctea, viveiro e fonte de milhões de mundos, é somente um detalhe da Criação Divina, *uma nesga do Universo?!...* (OVE, p. 49-51).

6

.

3

É também dessa luminosa e transcendental região que, certamente, desceu um dia Alcíone, esse alcandorado anjo de luz,

para encorajar seu amado Pólux, nas regiões umbralinas, a uma nova e redentora encarnação na Crosta terrestre.

Pólux vinha falindo sucessivamente na carne, em existências anteriores, algumas como poderosa autoridade das religiões humanas, e estava temeroso de uma nova imersão na região do esquecimento, onde palmilharia mais uma vez as estradas do mundo, “qual enterrado vivo a quem fosse subtraída a faculdade de recordar” (REN, p. 13). Só aceitaria esse novo mergulho no Letes (o rio mitológico do esquecimento) se Deus permitisse também a Alcíone retornar à carne para fortalecê-lo e ampará-lo em seu novo cometimento.

Como estrela luminosa que recebesse o apelo de um condenado em tenebrosa furna, ela desceu de sua radiante esfera às pesadas regiões do Umbral e, esmaecendo sua luminosidade para se tornar visível a seu amado, prometeu acompanhá-lo, passo a passo, nas mesmas condições dele, em seu novo tentame de ressarcimento. Só assim, diante dessa solene promessa de Alcíone, Pólux condescendeu em renascer, adormecendo em seus braços, após comovente prece proferida por ela, para despertar num berço entre seus irmãos terrenos.

Em seguida, [Alcíone] tomou sua roupagem de luz e afastou-se da paisagem nevoenta, dando a impressão de uma estrela solitária que regressava ao paraíso.

Pouco depois, ei-la que aporta em portentosa esfera, inconfundível em magnificência e grandeza. O espetáculo maravilhoso de suas perspectivas excedia a tudo que pudesse caracterizar a beleza, no sentido humano. A sagrada visão do conjunto permanecia muito além da famosa cidade dos santos, idealizada pelos pensadores do Cristianismo. Três sóis rutilantes despejavam no solo arminhoso oceanos de luz mirífica, em cambiâncias inéditas, como lampadários celestes acesos para edênico festim de gênios imortais. Primorosas construções, engalanadas de flores indescritíveis, tomavam a forma de castelos talhados em filigrana dourada, como

irradiações de feitos policromos. Seres alados iam e vinham, obedecendo a objetivos santificados, num trabalho de natureza superior, inacessível à compreensão dos terrícolas.

6

.

4

Penetrando em seguida num templo majestoso, Alcíone procurou Astênio, a autoridade angélica máxima que cumpria naquele local as ordenações de Jesus, a fim de solicitar-lhe permissão para retornar temporariamente às tarefas terrenas. Até ali Alcíone participara de um grupo de almas sublimes que realizava pesquisas no sistema de Sírius, com o objetivo de transmitir um dia, por inspiração, a seus irmãos terrenos as conquistas dos habitantes daquela sublimada estrela no campo da arte, do ritmo e da harmonia.

Após dilatadas e ponderosas argumentações, em que o anjo do Senhor testou carinhosamente e confirmou a solidez da decisão de Alcíone, ela obteve a permissão que solicitara, sendo desligada de sua missão junto a Sírius e devendo iniciar, a partir daí, um estágio de dez anos nas regiões próximas à Crosta terrestre para adaptar-se às situações adversas dessas regiões inferiores, antes de sua imersão na matéria.

Daí a instantes, chegava ao templo pequena caravana de entidades jubilosas. Era a reduzida expedição que operava nas esferas de Sírius. Um dos seus componentes, depois de fitar a vastidão do céu, entrou no templo e dirigiu-se a Astênio, interrogando:

— Quem é o viajor que vai seguindo na direção das Faixas Negras?

— É Alcíone, que se propôs novo trabalho entre os espíritos encarnados na Terra.

— Que dizes? — indagou tomado de espanto — Alcíone beberá novamente o cálice amargo de tamanha renúncia?

6

.

5

—São os sacrifícios do amor, meu filho! — respondeu o preposto do Cristo, evidenciando compreensão e serenidade. — Só o amor poderia compeli-la a permanecer ausente do nosso Amado Lar.

— Então, saíram todos para o jardim resplendente que rodeava o santuário, e, contemplando a figura luminosa que se afastava rumo às zonas obscuras, enviaram à abnegada companheira, que partia para tão longa e perigosa viagem, seus votos de confiança e amor, em preces sinceras (REN, p. 11-33).

Tal o devotamento, o espírito sacrificial e o amor incomum dos que habitam a radiosa esfera do Amor Fraternal Universal.

## Capítulo 7

### A sétima esfera: Diretrizes do Planeta

7.

1

A sétima e última esfera — Diretrizes do Planeta — é, certamente, onde o Cristo está entronizado, no seio de uma Humanidade cuja altitude evolutiva é por ora inconcebível para nós. E desse refulgente Céu celestial, governa esse maravilhoso *Organismo de Esferas* chamado planeta Terra, que Ele mesmo formou por determinação de Deus, pela aglutinação dos fluidos universais.

Quem nos poderia proporcionar alguma informação dessa esfera paradisíaca?

Narcisa, *falando da Ministra Veneranda*, fornece alguns parâmetros do merecimento que o espírito precisa amear para, um dia, ser levado a visitar esse plano divino:

— [...] “É a entidade com maior número de horas de serviço na colônia e a figura mais antiga do Governo e do Ministério, em geral. *Permanece em tarefa ativa, nesta cidade, há mais de duzentos anos.* [...] As Fraternidades da Luz, que regem os destinos cristãos da América, homenagearam Veneranda conferindo-lhe a medalha do Mérito de Serviço, a primeira entidade da colônia que conseguiu, até hoje, semelhante

triunfo, *apresentando um milhão de horas de trabalho útil, sem interromper, sem reclamar e sem esmorecer.* [...] Soube que essa benfeitora sublime vem trabalhando, *há mais de mil anos*, pelo grupo de corações bem-amados que demoram na Terra, e espera com paciência. [...] Com exceção do Governador, a ministra Veneranda *é a única entidade, em Nosso Lar, que já viu Jesus nas Esferas Resplandecentes*, mas nunca comentou esse fato de sua vida espiritual e esquivava-se à menor informação a tal respeito. [...]” (NL, p. 178-179).

7

.

2

Notem a beleza da informação dada por Narcisa: “Com exceção do Governador, a ministra Veneranda é a única entidade em Nosso Lar, *que já viu Jesus nas Esferas Resplandecentes*”, confirmando, assim, para nós, que Jesus tem de fato um lugar em que normalmente permanece neste planeta, cercado por seus assessores — recebendo visitas dos que conseguem adquirir esse merecimento altíssimo —, enquanto governa o planeta a partir dessa esfera, que é a mais elevada dentre as que compõem este globo.

Por falar em assessores do Cristo, essa ideia nos parece um pouco estranha, porque estamos acostumados a só falar em apóstolos do Cristo. No livro já mencionado, porém — *A vida nos mundos invisíveis* —, o autor vai falar de dois assessores do “Grande Ser”, um caldeu e um egípcio, que desceram à quinta esfera a fim de convidar os três amigos (Benson, Edwin e Rute) para uma visita às esferas resplandecentes do planeta. A narrativa está no último capítulo do citado livro, intitulado *Os reinos superiores*.

Monsenhor Benson, como já dissemos, desencarnou na Inglaterra, em 1914. Levado por seu guia espiritual, Edwin, a uma esfera superior do planeta (que nos sinaliza ser a quinta — Arte,

Cultura e Ciência —, pela harmonia e beleza reinantes no ambiente), lá ambos conheceram Rute, e os três se tornaram grandes amigos. O autor descreve, com graça e leveza, as atividades que passaram a exercer naquele plano.

Benson se reporta a incursões de estudos que fizeram a uma esfera inferior à sua, semelhante ao Umbral descrito por André Luiz em *Nosso Lar*, e também, em outro momento, à visita de uma Entidade muito superior, um Grande Ser, vinda das regiões resplandecentes, que se materializou no santuário de sua esfera e levou grandes ensinamentos a seus habitantes. Nessa ocasião, os espíritos presentes podiam fazer petições mentais àquela Entidade, as quais seriam analisadas posteriormente para possível atendimento. Benson mentalizou a oportunidade de escrever um livro sobre a realidade dos Mundos Invisíveis, a fim de amenizar o desgosto que sentia no Mundo Espiritual por haver escrito uma obra, quando estava na Crosta, que procurava desmerecer os postulados da Terceira Revelação.

7

.

3

Diz ele, ao falar das esferas superiores, que há somente duas maneiras de se penetrar nessas esferas: uma, é o ingresso definitivo através de nosso progressivo desenvolvimento espiritual; e a outra, temporária, é por convite especial de algum dos moradores dessas regiões. Fora disso, qualquer visita se torna impossível por causa das barreiras magnéticas que protegem cada esfera e também devido ao nível (ou peso espiritual) específico em que se encontra cada alma, permitindo-lhe habitar somente a região condizente com essa ponderabilidade ou nível.

Certo dia, narra o autor, ele e seus dois amigos estavam em sua casa na quinta esfera, quando receberam a visita inesperada de duas

personagens das regiões superiores. Eram um egípcio e um caldeu. Vinham trazer o convite da Grande Alma — a quem Benson fizera anteriormente a petição mental — para uma visita a seu lar nas altas esferas.

Após a surpresa inicial, todos ficaram muito felizes com o convite e se prepararam para a viagem, iniciando a subida para os limites do novo reino. Durante o trajeto, Benson perguntou ao egípcio se ele podia dizer algo a respeito do Grande Ser que iam visitar, e recebeu a explicação, que ele (Benson) traduziu mais tarde em suas próprias palavras:

O ilustre personagem na direção de cuja casa nos encaminhávamos era conhecido de vista por todas as almas. Seu desejo era uma ordem, sua palavra, lei. O azul, o branco e o dourado de sua vestimenta revelavam o estupendo grau de seus conhecimentos, sabedoria e espiritualidade. Milhares o chamavam de Bem-amado Mestre, sendo um destes o caldeu, que era seu braço direito. Quanto à sua função especial, ele era o governante de todos os reinos do mundo espiritual e exercia coletivamente essa função, assim como a função particular de governos individuais. Todos os outros governantes, portanto, eram subordinados a ele, e ele, por assim dizer, unia os reinos e soldava-os em um só, fazendo deles um vasto universo, criado e mantido pelo Grande Pai de todas as coisas.

7

.

4

Prossegue Benson:

Nenhum rei mortal jamais presidiu sobre tão vasto estado, como este personagem de quem falo. E seu reino é governado pela lei universal da verdadeira afeição. O medo não existe,

nem poderia existir na menor fração, porque não há a mais leve causa para ele, nem jamais haverá. Ele é o grande Elo invisível entre o Pai, o Criador do Universo, e seus filhos. Mas, não obstante a suprema elevação da sua posição espiritual, ele baixa do seu lar celestial para nos visitar, como já disse. E é permissível a outros, de grau muito inferior, ir visitá-lo em sua casa. Nada há de não substancial, vago, irreal, acerca dele. Já o vimos em grandes dias festivos.

Percebe-se o pudor e a reverência do autor espiritual pela Grande Alma ao omitir o seu nome na descrição que dele faz, assim como nós, o leitor e eu, também não o declinaremos, deixando que nossa alma seja conduzida suavemente ao sabor de sua narrativa.

Quando o grupo atingiu uma região mais rarefeita, os três sentiram certo desconforto espiritual e precisaram receber energias extras do egípcio, dando-lhes forças para continuar a viagem e ajustando sua visão à intensidade da luz dos reinos superiores em que estavam adentrando. Foram também avisados de que sua permanência naquela esfera não podia ser prolongada além de sua capacidade de resistência à atmosfera rarefeita e à intensidade da luz ambiente, não obstante o auxílio energético dos emissários do Grande Ser.

Em seguida, tiveram a sensação de que estavam flutuando novamente e, logo depois, quando cessou o movimento e uma forte luz brilhou perante seus olhos, eles sentiram chão sólido sob os pés e tiveram sua primeira visão do novo reino. “Entráramos num domínio de inimitável beleza” — escreveu Benson. “Nenhuma imaginação pode vislumbrar tal deslumbramento”. Sua visão se espalhava por milhas e milhas, onde se divisavam mansões belíssimas construídas à base de pedras preciosas, como safira, diamantes, topázios, esmeraldas e ametistas.

Uma luz brilhou repentinamente de um magnífico palácio, vindo direto para o caldeu, e este respondeu com outro raio de luz. A presença do grupo naquele reino já era conhecida e eles estavam

sendo convidados a caminhar até o palácio, onde seu anfitrião os estava aguardando.

7.

5

A partir deste momento, passo a palavra diretamente a Monsenhor Benson, para que o leitor não perca a beleza e a poesia com que ele descreve esse encontro inolvidável:

Entramos. Nosso anfitrião estava sentado a uma janela. Assim que nos viu, levantou-se e veio nos cumprimentar. Primeiro agradeceu ao egípcio e ao caldeu por nos terem trazido. Depois tomou cada um pela mão, para nos dar as boas-vindas. Havia vários assentos vagos perto do que ele ocupara e sugeriu que nos sentássemos para gozar de sua vista predileta.

Ao aproximarmos-nos da janela, avistamos um canteiro das mais magníficas rosas brancas, tão puras quanto um campo de neve, e que exalavam um aroma maravilhoso. Rosas brancas, nos disse, eram suas flores favoritas.

Sentamo-nos e tive a oportunidade de observá-lo de perto enquanto falava; visto assim notei diferenças do que ele me parecera à distância. Diferenças que eram quase uma questão de intensidade de luz. Seu cabelo, por exemplo, parecia ser dourado quando nos visitara [na quinta esfera], mas aqui parecia de clara *luz* dourada. Parecia jovem, de juventude eterna, mas podia-se sentir a incontável eternidade de tempo que jazia por trás dela.

Quando falava, sua voz era pura música, seu riso como água cascadeante, e nunca imaginei possível poder emitir tanta bondade, afeição e consideração, e nunca julguei que um indivíduo pudesse possuir talimensidão de sabedoria como ele. Sentia-se que, abaixo do Pai do Céu, ele é que tinha a chave de

todo o conhecimento. Mas, por estranho que pareça, apesar de termos sido transportados a distâncias incomensuráveis à presença deste ser transcendente e maravilhoso, nos sentíamos, contudo, perfeitamente à vontade em sua presença. Ria conosco, brincava, falava de suas rosas, dirigindo-se a cada um de nós individualmente, exibindo exato conhecimento de todos os nossos assuntos, coletiva ou pessoalmente. Finalmente abordou a razão de seu convite para o visitarmos.

7  
·  
6

Com meus amigos eu visitara os reinos sombrios e contara o que vira lá. Ele achava que seria um agradável contraste se visitássemos os planos superiores e suas belezas. Se mostrássemos que os habitantes de tais lugares não são sombras irreais, mas, pelo contrário, como nós, capazes de sentir e mostrar as emoções de suas naturezas esplêndidas, capazes de compreensão humana, susceptíveis de riso fácil e alegria pura, como nós mesmos.

Convidara-nos para essa visita para nos dizer que estes reinos estão ao alcance de toda alma nascida sobre a terra, e cujo direito ninguém nos pode roubar; e que apesar de levar-se anos infintos para alcançar esse fim, havia meios ilimitados para nos auxiliar. Esse, disse ele, é o grande e simples fato da vida espiritual. Não há mistérios; é tudo simples, direto e desimpedido de crenças complicadas, religiosas ou não. Não é preciso ser adepto de qualquer religião, que em si não tem autoridade nenhuma para assegurar às almas o poder de garantir a salvação. Nenhum grupo religioso, que alguma vez tenha existido, pode fazê-lo.

E assim, este reino de beleza incomparável está livre e acessível a todos que trabalham na mais ínfima condição. Poderá levar eternidades para se realizar, mas esse será o grandioso epílogo da vida de milhões.

Nosso bom amigo, o caldeu, mencionou então que nossa estada chegava a seu limite.

Quando nos erguemos, não pude resistir à tentação de olhar as rosas pela janela, uma vez mais.

Nosso anfitrião disse que nos acompanharia até a colina de onde tivéramos nossa primeira visão de seu reino. Seguimos um caminho diferente dessa vez, e qual não foi o nosso prazer quando ele nos conduziu diretamente ao canteiro das rosas brancas. Curvou-se e colheu três das mais perfeitas flores que jamais vira, e presenteou-nos a cada um com uma rosa. Nossa alegria era maior ainda por saber que, com a afeição que sentíamos por elas, nunca murchariam e morreriam. Minha preocupação era apenas que, em caminho para casa, fossem amassadas pela desusada densidade de nossa atmosfera mais pesada. Mas ele assegurou-nos que isso não aconteceria, porque seriam amparadas pelo seu pensamento.

7.  
7

Finalmente alcançamos o ponto de partida. Palavras não exprimiriam o nosso sentimento, mas os nossos pensamentos passaram a ele, que nos havia dado essa suprema felicidade, esta antecipação do nosso destino — o destino de todos os entes da terra.

Com uma bênção para todos, desejou-nos, sorrindo, uma boa viagem, e nós partimos.

Tentei descrever algo do que vi, mas as palavras são poucas porque não posso traduzir o espiritual em termos terrenos.

Para dar-vos uma descrição exata eu levaria uma existência enchendo volumes, e portanto, escolhi o que achei que seria de mais interesse e benéfico. Meu sincero desejo é que tenha despertado vosso interesse, vos tenha afastado por uns momentos da vida terrena, e dado uma ideia do mundo que jaz além daquele em que agora viveis.

\*\*\*

O trabalho incessante e incansável do Cristo em benefício da libertação espiritual dos bilhões de seres que habitam todas essas esferas (principalmente da quarta para baixo), consoante a Sua vibrante afirmativa: *Conhecereis a Verdade e a Verdade vos libertará*, é um exemplo extraordinário para todos os que desejam ardentemente galgar mais altos cimos de evolução.

Sabemos, pela narrativa dos Evangelhos, que Jesus fez uma passagem de 33 anos e meio pela Crosta terrestre, há dois milênios, trazendo à consciência humana uma diminuta nesga de Seu resplandecente Reino Celestial. Mas foi mal recebido, escarneado e crucificado, e ainda lhe pediram que não voltasse mais: “Estava no mundo, o mundo foi feito por intermédio dele, mas o mundo não o conheceu. Veio para o que era seu, e os seus não o receberam” (Jo 1:10 e 11).

Invisível aos olhos humanos, é de crer-se que o Cristo nos tenha feito muitas outras visitas em todos esses milênios, como aquela belíssima (descrita pelo Espírito Humberto de Campos) que Jesus fez às florescentes plagas americanas, por volta do último quartel do século XIV, acompanhado de seu luminoso séquito celestial (BCMPE, p. 19 a 25).

7

.

8

Se tão mal recebido por aqui, o Divino Mestre persiste em retornar e oferecer, a Seus tresmalhados filhos deste plano inferior, o Seu grande Amor não correspondido, com que frequência não terá descido às esferas mais elevadas deste nosso mundo, onde seus habitantes O recebem com a mais pura alegria, entre os sorrisos e as flores de seus corações divinizados?

Se à Crosta Ele veio exemplificar o Amor, que é o sentimento de que mais carece a sociedade terrena, a essas outras esferas de vida superior (principalmente dos altiplanos da quarta esfera para cima) irá, certamente, levar diferentes manifestações de Seu alcandorado Espírito, como as Grandes Descobertas, as Ciências Divinas e as Artes Superiores.

## Capítulo 8

# As esferas da Terra e o Apocalipse de Jesus

8.

1

O conhecimento dessas esferas espirituais, tal como nos é apresentado nos textos e desenhos de *Cidade no além*, é de fundamental importância para a solução de inúmeros enigmas que desafiam, há tantos milênios, a Humanidade.

Não importa, como esclarece André Luiz, que os desenhos sejam imperfeitos, lembrando os mapas gizados por Cristóvão Colombo quando da descoberta da América: “Semelhantes esboços — diz ele — não continham a realidade total, no entanto, demonstram, até hoje, que o valoroso navegador apresentava a configuração do Novo Continente, em linhas essenciais” (CA, p. 12).

É muito importante que nos aproximemos dessas revelações com sentimento íntimo de veneração a Deus e a mais absoluta humildade. São conhecimentos que vêm esgarçando resistentes véus de obscuridade dentro de nós.

Aliás, sobre o assunto, Sua Voz (mentor de Pietro Ubaldi) nos oferece esta oportuna advertência:

O mistério tem suas defesas e suas resistências, e somente um estado de vibração intensa pode possuir a força de superá-las. A verdade só responde ao apelo desesperado de uma grande alma, *quando esta invoca a luz para fins benéficos*. Para quem observa com avidez e curiosidade, o olhar se embota e as portas do conhecimento permanecem fechadas. A lei, mais sábia do que vós, *não admite no templo os inexperientes e os não amadurecidos*; o conhecimento, arma potentíssima, não é concedido senão a quem saiba dela fazer bom uso. [...] Esta atitude do vosso eu é fundamental, porque é da lei que, *onde faltem sinceridade de entendimento e impulso da fé*, as portas do conhecimento permaneçam fechadas.

8

.

2

E conclui, avisadamente: “[...] Só ao pulsar de um grande amor o mistério se abre e revela: responde somente a quem sabe bater às suas portas. Necessária se faz quase sempre *uma coragem louca, uma vontade desesperada, o impulso frenético de uma dor imensa, um ímpeto de fé que não mede a profundidade do abismo*. Só então caem as barreiras, e os limites do concebível subitamente se dilatam. [...]” (AGS, p. 156-330).

Na *Bíblia Sagrada*, embora veladamente, a parte que tange mais de perto essa pluralidade de planos do orbe terrestre está contida evidentemente no seu último livro, denominado *Apocalipse*. Mas esse livro, por óbvio, não pode ser entendido sem o estado d’alma descrito por Sua Voz, bem como sem o apoio de muitos outros conhecimentos que advirão, como subsídios imprescindíveis, e que são preliminares da revelação integral, a ser ministrada pelo Consolador ou Espírito da Verdade, conforme a missão que lhe foi

destinada pelo Cristo, dentre outras, de anunciar “as coisas que hão de vir”.

Muitas de suas passagens, até hoje capituladas à conta de obscuras e profundamente enigmáticas, certamente só abrirão suas cortinas e deixarão entrever uma réstia de sua preciosa luz, à luz de futuras revelações espirituais. Porque sua mensagem profética, ao que tudo leva a crer, *foi calcada sobre os sete planos de evolução da Terra*, e nem todos os seus acontecimentos se deram, se dão e se darão apenas na esfera denominada Crosta terrestre.

Seu título — *Apocalipse* — significa *Revelação*, e revelação de Jesus, recebida de Deus, como se depreende de seu primeiro versículo. Sendo de Jesus, *deve merecer todo o respeito e a atenção dos verdadeiros cristãos*, que podem não entendê-la ainda, mas que dariam prova de lamentável insensatez se voluntariamente a ignorassem. É de tal importância que se constitui no único livro da *Bíblia Sagrada* onde está prescrita uma pena capital a quem lhe acrescentar ou dela omitir qualquer dado (Ap 22:18 e 19).

Embora o mundo, turbado pelo noticiário superficial e inconsequente da mídia, tenha entrevisto em suas páginas somente prognósticos de calamidades, o certo é que sua mensagem está repleta de um conteúdo profundamente humano e divino de esperança e vida para toda a Humanidade. Se nunca houve tanta Luz e Treva na Terra como nos dias atuais, isto se deve à mais ampla difusão da Verdade pelos apóstolos do bem, em todos os povos e nações, nesse alvorecer de um novo milênio. E os povos turbilhonam hoje, agitados, sob o influxo dessa nova luz, porque a Verdade, como dito alhures, quando resplandece perante o homem, faz uma de duas coisas: *ou expele a besta que mora nele ou a põe em fúria dentro dele*.

O que importa aos que sabem e creem, nessa transição para um Mundo Novo, é que penetrem reverentemente na alma, ou seja, no *Sanctum Sanctorum* desse livro-santuário e se embebam da deslumbrante riqueza espiritual que ele contém. E deixem de parte o átrio exterior — seu corpo —, que, segundo seu capítulo 11, foi entregue aos gentios para ser pisoteado por eles até o final dos tempos. Assim, pois, o mundo de César, tal como transparece do texto, será calcado aos pés por César, numa necessária catarse coletiva, até que o seu tempo se complete, e as hordas do mal sejam alijadas deste mundo.

A luz do *Apocalipse*, então, após a implementação desse expurgo planetário, esplenderá, serena e majestosamente, para os lídimos cristãos,

- *nas sete promessas de plenitude ao Vencedor* (o que venceu a si mesmo), insertas nas sete cartas às igrejas da Ásia (cap. 2 e 3);
- *na visão do trono de Deus, dos vinte e quatro anciãos e dos quatro seres viventes*, que não têm descanso, nem de dia nem de noite, proclamando: Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, aquele que era, que é e que há de vir (cap. 4);
- *no assinalamento dos salvos de todas as nações*, levado a efeito pelo anjo que subia da banda do Sol nascente, constante do capítulo sétimo;
- *no encontro do Cordeiro de Deus com os remidos sobre o monte Sião*, ao som do novo cântico que somente eles podiam cantar (cap. 14);
- *na antevisão do novo Céu e da nova Terra*, bem como da Cidade Santa, que descia do céu, ataviada como noiva adornada

para o seu esposo, na qual habitarão os remidos, sob a promessa divina de que “Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram” (cap. 21); e, finalmente,

- *na promessa da volta de Jesus*, feita por Ele mesmo, com estas palavras: “Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro” (cap. 22).

8

.

4

Ao transpormos, portanto, o limiar desse livro sacro, de onde se descortina o vasto panorama de uma Era Nova para toda a Humanidade, estamos plenamente conscientes das limitações da condição humana, bem como de nossa indignidade para tal empreendimento. Daí sugerirmos prudente reserva quanto aos tópicos que se seguem. Pois é público e notório que (com as ressalvas de estilo) há muita presunção intelectual, na vasta literatura terrena, dos que pretendem “revelar” o *Apocalipse*. Isto, aliado à dificuldade de penetração em sua simbologia obscura, leva essa obra belíssima — *repositório de verdades eternas e inestimáveis que o Cristo nos destinou* — a lamentável descrédito nos círculos mais cultos, quando ouvem falar desses assuntos, assim como a enorme confusão na mente popular, sempre ávida de novidades, nos dias que correm. Tal fato, porém, não deve inibir-nos de estudá-la e compartilhar fraternalmente a suma de tais meditações.

Este é um livro de estudos, não de revelações. Cumpre, portanto, deixar claro que não traz nenhuma *revelação apocalíptica*. Há certamente avatares na Terra e no espaço assinalados para tal missão e eles serão reconhecidos, a seu tempo, principalmente por suas obras. Saibamos, pois, em nossa condição de tarefeiros inábeis, aguardar, com tranquila expectativa, a manifestação de seu

contributo de luz em benefício da Humanidade. As passagens que se seguem, selecionadas das radiantes páginas do Apocalipse, visam tão somente a trazer apoio e fornecer subsídios à tese dos vários planos de vida, os quais fazem de nosso Lar Cósmico esse *complexo organismo de esferas* que os homens ainda estão muito longe de conhecer em sua verdadeira e majestosa essencialidade.

Mas temos de estar atentos à advertência de Benson, quando escreveu, cheio de razão: “O *Apocalipse* não foi escrito sem lágrimas, nem será compreendido sem lágrimas” (APA, p. 75).

## Capítulo 9

### As visões de João Evangelista

9.

1

Vejam os alguns exemplos mais significativos no livro do Apocalipse do Cristo, segundo João:

I) “Vi como que *um mar de vidro, mesclado de fogo*, e os vencedores da besta, da sua imagem e do número do seu nome, que se achavam em pé *no mar de vidro*, tendo harpas de Deus; [...]” (15:2).

A visão desse cenário sublime, montado sobre um solo de fluidos cristalizados, só poderia ter sido proporcionada, indubitavelmente, dos altiplanos da quarta esfera para cima, onde a substância eterizada cria esse estado de translucidez, o que pode ser visto também em outras passagens desse mesmo Apocalipse, como, por exemplo, no capítulo 4.

II) “Ora, *nem no céu, nem sobre a terra, nem debaixo da terra*, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele” (5:3).

Esta linguagem confirma a existência dos vários planos espirituais do planeta e poderia ser desdobrada, com a maior naturalidade, da seguinte forma: “Ora, *nem nas esferas acima da Crosta terrestre, nem sobre a Crosta, nem nas esferas abaixo dela*, ninguém podia abrir o livro, nem mesmo olhar para ele”.

III) “Então, vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; *lançou-o no abismo, fechou-o, e pôs selo sobre ele*, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. [...]” (20:1 a 3).

O *Apocalipse* chama de *Abismo* o que, em André Luiz, é denominado *Trevas* ou *regiões subcrostais*.

9

.

2

Façamos aqui uma pequena pausa para reflexão.

As várias esferas da Terra — geralmente divididas em sete — fazem parte da tradição esotérica de todos os povos, principalmente dos que habitam o hemisfério oriental, e esse sistema de divisão teve origem no mundo espiritual, como vimos no final do Capítulo 4°. Na *Bíblia*, o Apóstolo Paulo fala em *terceiro céu*, onde teria encontrado um homem (hoje sabemos tratar-se de Estêvão, graças ao romance histórico *Paulo e Estêvão*, de Emmanuel) que ouvira “palavras inefáveis” nessa elevada dimensão.

Na verdade, a denominação de *esferas* é mais adequada do que *céus* para essas subdivisões dimensionais do planeta. Porque céu dá uma ideia de região espiritualmente superior, habitada por seres angélicos (o que não ocorre em todas essas dimensões). Esfera é nomenclatura neutra e está mais de acordo com os diversos estágios evolutivos em que se encontram seus habitantes.

Em *Cidade no além* são dados nomes a essas esferas, estabelecendo-se de forma clara e reveladora, através dessas denominações, o caráter principal de cada uma. Começa-se, porém, na citada obra, da Crosta terrestre *para cima* e, para que fosse

mantida a divisão por sete, o Umbral é dividido em três partes (Normal, Médio e Grosso).

Entretanto, à página 80 do livro, revela-se a existência de duas esferas situadas abaixo da Crosta (“Núcleo Interno” e “Núcleo Externo”), que também são habitadas, conforme se deduz do conjunto de revelações trazido por André Luiz. Estas duas esferas são denominadas por ele de regiões subcrostais (ou Trevas) e, na passagem apocalíptica que estamos comentando, de Abismo.

A realidade, no entanto, é que, analisadas sob o prisma de uma visão cósmica, *as três esferas na Terra, que recebem a denominação de Umbral no livro de Heigorina, podem ser unificadas em apenas uma*, contendo, porém, várias subdivisões. Essas subdivisões, de resto, acontecem também nas demais esferas, pois a progressão natural das coisas, seguindo uma linha ascendente do centro do globo para a periferia, faz com que as regiões mais próximas do interior do planeta sejam menos evoluídas que as mais distantes dele, ocorrendo, assim, dentro de uma mesma divisão, vários níveis de evolução. Aliás, mal comparando, vemos essas sensíveis diferenças ocorrer até mesmo na pouco maleável Crosta terrestre. Aqui, homens adaptados a viver nas regiões polares, como os esquimós, sobreviveriam com extremo desconforto, por exemplo, no calor tórrido da África (e vice-versa). O mesmo ocorrendo com os habitantes de regiões situadas ao nível do mar em comparação com os que vivem em grandes altitudes (como os Andes, por exemplo), no ar rarefeito dos planaltos montanhosos.

9

.

3

Por que, então — perguntamos nós —, as duas esferas mais interiores do planeta foram excluídas daquelas sete denominações? Talvez porque fora temerário, naquela altura, tornar patente aos

olhos humanos a existência de esferas de vida *abaixo* da superfície da Crosta terrestre. As coisas espirituais — diz a *Bíblia* — se discernem espiritualmente e, sendo o conhecimento progressivo, é preciso esperar o amadurecimento de cada ideia para que seja apresentada *com proveito* a ideia seguinte.

Gil Restani de Andrade, numa excelente abordagem sobre o tema intitulada “O Mundo Espiritual”, inserta em *Reformador* de agosto de 1996, nos fala dessas esferas. Começa pelo Abismo e discrimina, em seguida, numa linha ascensional, os vários sítios habitados da casa planetária, denominando-os Trevas, Esferas Terrestres, Umbral, Zonas de Transição, Esferas Superiores e Esferas Resplandecentes.

Dito isto, aproximamo-nos de uma importante dedução, com base no que ficou estabelecido em “Cidade no Além”, bem como nos subsídios da farta literatura espírita e das Sagradas Escrituras trazidos à baila neste estudo e que foram apresentados até o momento ou o serão nos capítulos seguintes. Estamos convictos de que, à luz destes pacientes estudos, a sucessão das esferas se ajustaria melhor à realidade dos fatos se for levada em conta a seguinte classificação (agora, a começar da mais elevada):

- 7° – Diretrizes do Planeta
- 6° – Amor Fraternal Universal
- 5° – Arte, Cultura e Ciência
- 4° – Umbral
- 3° – Crosta terrestre
- 2° – Trevas
- 1° – Abismo

A dedução que aqui apresentamos (e que poderá causar estranheza aos que ainda não tiveram oportunidade de meditar maduramente o assunto) é o fato de a Humanidade encarnada *estar habitando a 3ª esfera da Terra, e não a 1ª*, como tem sido divulgado até o momento. E assim como outras tantas verdades abriram seus próprios caminhos dentro da Terceira Revelação, esta realidade também deverá abrir o seu, oportunamente. É para isso que esperamos vê-la submetida ao elevado foro de controle universal estabelecido por Allan Kardec, sem o que se pulverizará na vala comum, onde se dissolve tudo o que não tem suporte na eternidade.

Como vimos na sinopse sobre o Umbral, nas Trevas são lançados os chamados “demônios” que, colapsados pela consciência de culpa, não oferecem qualquer perspectiva de redenção a curto ou médio prazo. É o caso de Satanás. Este ser simbólico, porém, segundo a Doutrina Espírita, não representa uma entidade tomada individualmente, mas a falange de espíritos esclerosados no mal. Segundo André Luiz, são

Espíritos caídos no mal, desde eras primevas da Criação Planetária, e que operam em zonas inferiores da vida, personificando líderes de rebelião, ódio, vaidade e egoísmo; não são, todavia, demônios eternos, porque individualmente se transformam para o bem, no curso dos séculos, qual acontece aos próprios homens (LIB, p. 103).

Acerca da enigmática prisão de Satanás no Abismo, além do Apocalipse, encontramos referências nas epístolas de Pedro e Judas, onde o primeiro afirma que “Deus não poupou a anjos quando pecaram, antes precipitou-os no inferno, *os entregou a abismos de trevas*, reservando-os para juízo; [...]” (II Pe 2:4), e o segundo

reforça: “[...] e a anjos, os que não guardaram o seu estado original, mas abandonaram o seu próprio domicílio, *Deus tem guardado sob trevas*, em algemas eternas, para o juízo do grande dia; [...]” (Jd 1:6).

Até as entidades obsessoras, atuantes na Crosta terrestre, denotam conhecer e temer essas formidáveis regiões abissais. Quando Jesus ordenou aos espíritos imundos que saíssem do endemoninhado geraseno, eles lhe rogaram “*que não os mandasse sair para o abismo*” (Lc 8:31). Preferiram a manada de porcos.

## Capítulo 10

### Batalha no céu

1  
0  
.  
1

IV) “Houve peleja *no céu*. Miguel e seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e seus anjos; todavia, não prevaleceram nem mais se achou *no céu* o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, *foi atirado para a terra* e, com ele, os seus anjos” (Ap 12: 7 a 9).

V) “Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente. Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por mil anos; *lançou-o no abismo*, fechou-o, e pôs selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo. [...] Quando, porém, se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão, *e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra*, Gogue e

Magogue, a fim de reuni-los para a peleja. O número deles é como a areia do mar” (Ap 20:1 a 3; 7 e 8).

Na ciclópica batalha do Arcanjo Miguel contra o dragão, provavelmente é dado o nome de céu às regiões umbralinas, porque não se pode conceber a existência do dragão (espíritos temporariamente votados ao mal) nas esferas superiores à quarta. Realmente, as cidades das regiões superiores do Umbral podem ser classificadas como verdadeiros céus. “Há compromisso entre todos os habitantes equilibrados da colônia” — diz a senhora Laura, cidadã de Nosso Lar —, “no sentido de não se emitirem pensamentos contrários ao bem. Dessarte, o esforço da maioria se transforma numa prece quase perene. Daí nascerem as vibrações de paz que observamos” (NL, p. 127). É claro que, fora das muralhas da mencionada cidade — e de outras existentes no Umbral — o mal exerce seu predomínio transitório.

1  
0  
.  
2

Mas a profecia é taxativa e deixa muito claro: virá a hora em que o Umbral será expurgado de seus maus elementos (a expulsão do dragão). E esse grande acontecimento já vem sendo preparado, pelo visto, há muito tempo, através das varreduras magnéticas que são feitas periodicamente nessas regiões tenebrosas pelo “fogo purificador” (OVE, p. 157-171.) Pois o dragão e seus anjos, através da reencarnação e de hordas de obsessores que periodicamente assolam nosso plano, são “precipitados”, de tempos em tempos, sobre a Crosta terrestre.

Dentre as brumas do simbolismo que, à cautela, envolve todo mecanismo profético, é possível vislumbrar, sem afirmações

dogmáticas, o quanto é singular, nesse desencadeamento tremendo de forças planetárias, a posição estratégica do hábitat humano. A Crosta vem sendo ou será o epicentro desse entrechoque de grandezas apocalípticas, consubstanciado na ceifa do joio, quando da consumação do “fim do mundo”, segundo a parábola do Senhor (Mt 13:24). Mas essa aparente vagueza da profecia é pura ilusão. Às vezes, em sua precisão cirúrgica, ela chega a marcar *ano, mês, dia e hora* para certos acontecimentos, como em *Apocalipse, 9:15*.

O capítulo 11 do *Apocalipse* apresenta a gigantesca obra preparatória da volta do Cristo, levada a efeito pelas duas testemunhas mártires (em que alguns intuem o Velho e o Novo Testamento e, outros, a volta ao mundo dos profetas Enoch e Elias). Elas também são denominadas de os dois profetas, as duas oliveiras e os dois candeeiros, que se acham em pé diante do Senhor da Terra. Quando, porém, tiverem concluído o testemunho que devem dar, a besta *que surge do abismo* pelejará contra elas.

Do fogo cruzado resultante do dragão, que é precipitado do céu (Umbral), e da emersão da besta, que surge das entranhas da Terra (Abismo), a Humanidade terrestre verá ferir-se — de acordo com a mais ponderada interpretação bíblica — a escatológica batalha do Armagedon. Essa batalha final, também conhecida por Grande Tribulação, envolverá todas as nações (bem como os seres desencarnados das esferas próximas), devido a seus pesados débitos cármicos, naquele *dilúvio de fogo* de que fala o Apóstolo Pedro (II Pe 3:7; 10 a 12), levando João, o Evangelista-Profeta, a exclamar doridamente: *E quem poderá sobreviver?* (Ap 6:17).

Será o terceiro ai, ou sétima trombeta, do *Apocalipse*: “[...] Ai, ai, ai *dos que moram na terra*, por causa das restantes vozes da trombeta dos três anjos que ainda têm de tocar” (8:13). O primeiro ai, ainda segundo os mais conceituados intérpretes, aconteceu no período entre os anos de 1914–1918, e o segundo, entre 1939–1945. O terceiro e último ai, *quando vier*, será aquele que sepultará para sempre a memória de todas as guerras já ocorridas neste mundo (vide, a esse respeito, o profeta Isaías, 2:2 a 4).

E quando virá? A resposta a esta pergunta poderá ser encontrada no final do próximo capítulo.

## Capítulo 11

### O fim do mundo?

1

1

•

1

A hora que vivemos é, sem dúvida, um dos pontos culminantes da história da Humanidade, em que as trevas da alta madrugada esbravejam e se revoltam ao pressentir o encontro inevitável com as claridades do alvorecer divino que se aproxima. É aquela zona cinzenta que medeia entre duas fases planetárias: a de Provas e Expições e a de Regeneração. São repetitivas as profecias a esse respeito, desde o Velho Testamento da *Bíblia Sagrada* ao *Apocalipse de Jesus*, segundo São João. Isto sem falar na contribuição de sábios e estudiosos desses magnos assuntos, ou profetas e videntes extrabíblicos, como São João Bosco, São João Vianney (Cura d’Ars), o Venerável Holzhauser, Edward Lyndoe, Nostradamus, Pietro Ubaldi, bem como inúmeras vozes veneráveis do Espiritismo.

A verdade é que essa passagem para um novo ciclo é necessária e não deverá ocorrer sem as turbulências de percurso comuns a tais períodos de transição, embora hoje mais exasperadas, mas nada que

coloque em xeque a sobrevivência da Humanidade ou do planeta Terra como um todo, como às vezes mal-agouram os catastrofistas de plantão.

“Os vaticínios do que está para acontecer e que desde há algum tempo já vem acontecendo e que se intensificará dia a dia, até ao ápice, constam de inúmeros relatos em diversas obras literárias”, escreve Weimar Muniz de Oliveira, em bem-elaborado estudo sobre o assunto, sob o título *Ascendente espiritual da Terra – I – os tempos são chegados*, inserto em *Reformador* de junho/1993, p. 182 a 184, ao qual remetemos os interessados. E apresenta um rol de várias obras espíritas para fundamentar sua explanação.

1

1

.

2

Por oportuno, damos a seguir alguns *flashes* da palavra de Jesus e dos salmistas, profetas e apóstolos, constantes das Sagradas Escrituras, assim como de mentores de alta conceituação em nosso meio, visando a uma reflexão mais acurada sobre o tema. Alertamos, porém, aos que não estiverem familiarizados com o discurso bíblico, que expressões como *Senhor dos Exércitos* ou *Santo de Israel*, expurgadas do véu da letra que as empanava, eram nomes sob os quais Jesus (ou mesmo seus prepostos) se apresentava àqueles povos semibárbaros, “de dura cerviz”, dos tempos pré-evangélicos, por representarem a única linguagem passível de ser entendida, ainda que parcialmente, por eles; *Jerusalém* e *Sião* significam hoje, sob o ponto de vista da profecia, a Crosta terrestre ou a Humanidade; e *a ira (ou terror) do Senhor*, abstração feita de todo antropomorfismo superado, deve ser entendida não como a atuação pessoal do Cristo em raivosa batalha contra as forças do mal, mas como a justa reação

da Lei Divina em face de seus transgressores, para a reposição das coisas em seus devidos lugares.

Dito isto, vamos à sinopse.

Salmos:

Os reis da terra se levantam e os príncipes conspiram contra o Senhor e contra o seu Ungido, dizendo: Rompamos os seus laços e sacudamos de nós as suas algemas. Ri-se aquele que habita nos céus; o Senhor zomba deles. *Na sua ira, a seu tempo, lhes há de falar, e no seu furor os confundirá (2:2 a 5).*

O Senhor põe à prova ao justo e ao ímpio; mas ao que ama a violência, a sua alma o abomina. *Fará chover sobre os perversos brasas de fogo e enxofre, e vento abrasador será a parte do seu cálice (11:5 e 6).*

O rosto do Senhor está contra os que praticam o mal, *para lhes extirpar da terra a memória (34:16).*

*Porque os malfeitores serão exterminados, mas os que esperam no Senhor possuirão a terra. Mais um pouco de tempo e já não existirá o ímpio; procurarás o seu lugar e não o acharás. Mas os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz (37:9 a 11).*

*O caluniador não se estabelecerá na terra; ao homem violento o mal o perseguirá com golpe sobre golpe (140:11).*

1  
1  
.  
3

Isaías:

Naquele dia os homens lançarão às toupeiras e aos morcegos os seus ídolos de prata, e os seus ídolos de ouro, que fizeram para ante eles se prostrarem, *e meter-se-ão pelas fendas das rochas, e pelas cavernas das penhas*, ante o terror do Senhor, e a glória da sua majestade, quando ele se levantar para espantar a terra (2:20 e 21).

“Ai dos que puxam para si a iniquidade com cordas de injustiça, e o pecado como com tirantes de carro! E dizem: Apresse-se Deus, leve a cabo a sua obra, para que a vejamos; aproxime-se, manifeste-se o conselho do Santo de Israel, para que o conheçamos. Ai dos que ao mal chamam bem, que fazem da escuridade luz, e da luz escuridade; põem o amargo por doce, e o doce por amargo! Ai dos que são heróis para beber vinho, e valentes para misturar bebida forte; os quais por suborno justificam o perverso, e ao justo negam justiça! Pelo que, como a língua de fogo consome o restolho, e a erva seca se desfaz pela chama, assim será a sua raiz como podridão, e a sua flor se esvaecerá como pó; porquanto rejeitaram a Lei do Senhor dos Exércitos, e desprezaram a palavra do Santo de Israel. *Por isso se acende a ira do Senhor contra o seu povo, povo contra o qual estende a sua mão, e o fere, de modo que tremem os montes e os seus cadáveres são como monturo no meio das ruas*. Com tudo isto não se aplaca a sua ira, mas ainda está estendida a sua mão (5:18 a 25).

[...] *Quando o homem violento tiver fim, a destruição for desfeita e o opressor deixar a terra*, então um trono se firmará em benignidade, e sobre ele no tabernáculo de Davi se assentará com fidelidade um que julgue, busque o juízo e não tarde em fazer justiça” (16:4 a 5).

Ai do bramido dos grandes povos que bramam como bramam os mares, e do rugido das nações que rugem como rugem as impetuosas águas. Rugirão as nações, como rugem as muitas águas, *mas Deus as repreenderá, e fugirão para longe; serão*

*afugentadas como a palha dos montes diante do vento, e como pó levado pelo tufão (17:12 e 13).*

Na verdade a terra está contaminada por causa dos seus moradores, porquanto transgridem as leis, violam os estatutos, e quebram a aliança eterna. Por isso a maldição consome a terra, e os que habitam nela se tornam culpados; *por isso serão queimados os moradores da terra, e poucos homens restarão (24:5 e 6).*

1  
1  
.  
4

A terra está de todo quebrantada, ela totalmente se rompe, a terra violentamente se move. A terra cambaleia como um bêbado, e balanceia como rede de dormir; a sua transgressão pesa sobre ela, ela cairá e jamais se levantará. *Naquele dia o Senhor castigará, no céu, as hostes celestes, e os reis da terra, na terra (24:19 a 21).*

Vai, pois, povo meu, entra nos teus quartos, e fecha as tuas portas sobre ti; esconde-te só por um momento, até que passe a ira. Pois eis que o Senhor sai do seu lugar, *para castigar a iniquidade dos moradores da terra: a terra descobrirá o sangue que embebeu e já não encobrirá aqueles que foram mortos (26:20 e 21).*

Eis que as nações são consideradas por ele como um pingo que cai dum balde, e como um grão de pó na balança; as ilhas são como pó fino que se levanta (40:15).

JEREMIAS:

Lava o teu coração da malícia, ó Jerusalém, para que sejas salva! *Até quando hospedarás contigo os teus maus pensamentos?* (4:14).

Eis a tempestade do Senhor! O furor saiu e um redemoinho tempestuou sobre a cabeça dos perversos. *Não voltará atrás o brasume da ira do Senhor, até que tenha executado e cumprido os desígnios do seu coração.* Nos últimos dias entenderéis isto (30:23 e 24).

#### EZEQUIEL:

Portanto assim diz o Senhor Deus: Pois que todos vós vos tornastes em escória, eis que eu vos ajuntarei no meio de Jerusalém. Como se ajuntam a prata, e o cobre, e o ferro, e o chumbo, e o estanho, no meio do forno, para assoprar o fogo sobre eles, a fim de se fundirem, *assim vos ajuntarei na minha ira e no meu furor, e ali vos deixarei e fundirei.* Congregar-vos-ei, e assoprarei sobre vós o fogo do meu furor; e sereis fundidos no meio de Jerusalém. Como se funde a prata no meio do forno, assim sereis fundidos no meio dela; e *sabereis que eu, o Senhor, derramei o meu furor sobre vós* (22:19 a 22).

1  
1  
·  
5

#### JOEL:

Tocai a trombeta em Sião, e dai voz de rebate no meu santo nome; perturbem-se todos os moradores da terra, porque o dia do Senhor vem, já está próximo; *dia de escuridade e densas trevas, dia de nuvens e negridão!* Como a alva por sobre os montes, assim se difunde um povo grande e poderoso, qual desde o tempo antigo nunca houve, nem depois dele haverá

pelos anos adiante, de geração em geração. À frente dele vai fogo devorador, atrás, chama que abrasa: diante dele a terra é como jardim do Éden, mas atrás dele um deserto assolado. Nada lhe escapa. A sua aparência é como a de cavalos; e como cavaleiros assim correm. Estrondeando como carros, vêm, saltando pelos cumes dos montes, crepitando como chamas de fogo que devoram o restolho, como um povo poderoso, posto em ordem de combate. [...] Diante deles treme a terra e os céus se abalam; o sol e a lua se escurecem, e as estrelas retiram o seu resplendor. [...] sim, grande é o dia do Senhor, e mui terrível! Quem o poderá suportar? (2:1 a 5;10 e 11).

#### ZACARIAS:

Em toda a terra, diz o Senhor, *dois terços dela serão eliminados, e perecerão*; mas a terceira parte restará nela. Farei passar a terceira parte pelo fogo, e a purificarei, como se purifica a prata, e a provarei, como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: É meu povo, e ela dirá: O Senhor é meu Deus (13:8 e 9).

#### JESUS:

E certamente ouvireis falar de guerras e rumores de guerras; vede, não vos assusteis, porque é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. Porquanto se levantará nação contra nação, reino contra reino, e haverá fomes e terremotos em vários lugares; porém, tudo isto é o princípio das dores. [...] *porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais.* [...] Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento e os poderes dos céus serão abalados (Mt 24:6 a 8; 21;29).

Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas *que têm de suceder*, e estar em pé na presença do Filho do homem (Lc 21:36).

PAULO:

Irmãos, relativamente aos tempos e às épocas, não há necessidade de que eu vos escreva; pois vós mesmos estais inteirados com precisão de que o dia do Senhor vem como ladrão de noite. *Quando andarem dizendo: Paz e segurança, eis que lhes sobrevirá repentina destruição*, como vem a dor do parto à que está para dar à luz; e de nenhum modo escaparão” (I Ts 5:1 a 3).

PEDRO:

Ora, os céus que agora existem, e a Terra, pela mesma palavra têm sido entesourados para fogo, estando reservados para o dia do juízo e destruição dos homens ímpios. [...] Virá, entretanto, como ladrão, o dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas. Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do dia de Deus, por causa do qual os céus incendiados serão desfeitos e os elementos abrasados se derreterão. Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” [II Pe 3:7;10 a 13).

PIETRO UBALDI, na *Mensagem de natal*, assim registra o pensamento de Sua Voz (seu mentor espiritual):

[...] O vosso progresso científico tende a tornar-se e tornar-se-á tão hipertrófico, porque não contrabalançado por um paralelo progresso moral, que o equilíbrio não poderá ser mantido nos acontecimentos históricos. Tem crescido e crescerá cada vez mais, sem precedentes na História, o domínio humano sobre as forças da natureza. Um imenso poder terá o homem, mas ele para isso não está preparado moralmente, *porque a vossa psicologia é, em substância, infelizmente, a mesma da tenebrosa Idade Média*. É um poder demasiadamente grande e novo para vossas mãos inexperientes.

1  
1  
.  
7

[...] *Eu percebo um aumentar de tensão, lento, porém constante, que preludia o inevitável explodir do raio*. Essa explosão é a última consequência, mesmo de acordo com a vossa lógica, de todo movimento. Desproporção e desequilíbrio não podem durar; a Lei quer que se resolvam num novo equilíbrio. Assim como a última molécula de gelo faz desmoronar o *iceberg* gigantesco, assim também de uma centelha qualquer surgirá o incêndio [...].

[...] A destruição, porém, é necessária. Haverá destruição somente do que é forma, incrustação, cristalização, de tudo o que deve desaparecer, para que permaneça apenas a ideia, que sintetiza o valor das coisas. *Um grande batismo de dor é necessário, a fim de que a humanidade recupere o equilíbrio, livremente violado: grande mal, condição de um bem maior*.

Depois disso, a humanidade, purificada, mais leve, mais selecionada por haver perdido seus piores elementos, reunir-se-á em torno dos desconhecidos que hoje sofrem e semeiam em silêncio; e retomará, renovada, o caminho da ascensão. Uma nova era começará: o espírito terá o domínio e não mais a matéria, que será reduzida ao cativo. Então, aprendereis a ver-nos e escutar-nos; desceremos em multidão e conhecereis a Verdade (GM, p. 22-23).

Já na *Mensagem do perdão*, são tão sublimes os conceitos registrados que Ubaldo a envia a Ernesto Bozzano, perguntando-lhe se, pelo texto, seria possível identificar a Entidade comunicante. Responde o conceituado pesquisador italiano de ciências psíquicas:

[...] Parece-me que dela transparece claramente quem é que se manifesta: “Deus, perdoa-os, não sabem o que fazem [...]”. “Por vós me deixaria crucificar outra vez [...]”. “Não queirais renovar-me as angústias do Getsêmani [...]”. Infere-se que deve tratar-se nada menos que de Jesus Nazareno. [...] (COM, p. 115).

1  
1  
.  
8

Eis o tópico desta mensagem que nos interessa neste contexto:

Homens, tremei! É supremo o momento. É por motivos supremos que do Alto desço até vós. Escutai-me: o mundo será dividido entre aqueles que me compreendem e me seguem e aqueles que não me compreendem e não me seguem. Ai destes últimos! Os primeiros encontrarão asilo seguro em meu coração e serão salvos; sobre os outros a Lei, não mais compensada pelo meu amor, descera inelutavelmente e eles

*serão arrastados por um vendaval sem nome para trevas indescritíveis.*

[...] Tremei, porque *quando eu já não for o Amor que perdoa e vos protege, serei o turbilhão que tempestua, serei o desencadear dos elementos sem peias, serei a Lei que, não mais dominada pela minha vontade, trazendo consigo a ruína, inexoravelmente explodirá sobre vós.* [...] Ó vós que me admirais, tímidos, no ímpeto da tempestade, admirai-me, antes, no poder que tenho de fazer-me humilde para vós, no saber descer do meu elevado reino à vossa treva; admirai-me nessa força imensa que possuo de constranger meu poder a uma fraqueza que me torna semelhante a vós (GM, p. 41; 43-44).

ANDRÉ LUIZ, transcrevendo palavras de Eusébio:

Nos séculos pretéritos, as cidades florescentes do mundo desapareciam pelo massacre, ao gládio dos conquistadores sem entranhas, ou estacionavam sob a onda mortífera da peste desconhecida e não atacada. Hoje, as coletividades humanas ainda sofrem o assédio da espada homicida, e chuvas de bombas arremetem contra populações indefesas; [...].

Vossos caminhos *não parecem percorridos por seres conscientes*, mas semelham-se a estranhas veredas, ao longo das quais tripudiam duendes alucinados. Como fruto de eras sombrias, caracterizadas pela opressão e maldade recíprocas, em que temos vivido, odiando-nos uns aos outros, vemos a Terra convertida em campo de quase intérminas hostilidades. Homens e nações perseguem o mito do ouro fácil; criaturas sensíveis abandonam-se aos distúrbios das paixões; cérebros vigorosos perdem a visão interior, engeuecidos pelos enganos da personalidade e do autoritarismo. *Empenhados em disputas intermináveis, em duelos formidandos de opinião, conduzidos por desvairadas ambições inferiores, os filhos da Terra abeiram-se de novo abismo, que o olhar conturbado não lhes deixa perceber* [...] (NMM, p. 28-29).

HUMBERTO DE CAMPOS, em mensagem ditada em 2 de janeiro de 1937, faz a seguinte narrativa: “Os grandes Espíritos, que sob a tutela amorosa de Jesus dirigem os destinos da Humanidade, reuniram-se *há pouco tempo*, nos planos da Erraticidade, para discutirem o método de se estabelecer o Gênio da Paz na face da Terra”.

Resumamos. Essa divina plêiade repassou a História da Humanidade, desde as eras mais remotas aos tempos atuais, concluindo que, após tantas lutas e sofrimentos, provavelmente chegara a hora de o gênero humano ver estabelecido em seu seio a Era de Paz profetizada por Jesus. E, ato contínuo, enviaram ao mundo um Mensageiro com a missão de investigar a possibilidade da realização desse grande projeto.

O solícito Enviado Celeste mergulhou na atmosfera fumarenta da Terra e, depois de percorrer todas as nações e atestar o deplorável estado de miséria moral e belicosidade em que se encontravam, retornou abatido e desesperançado às regiões superiores, apresentando de tudo circunstanciado relato, em reunião, às Entidades Veneráveis que o ouviam com penoso assombro...

A essa altura, quando a confusão de vozes se estabelecia no recinto iluminado, onde se reuniam as falanges espirituais do Infinito, o Gênio da Verdade, que era o supremo diretor desse conclave angélico dos espaços, exclamou gravemente:

— Calai-vos, meus irmãos!... *Ninguém, na Terra, poderá colocar outro fundamento a não ser o de Jesus Cristo. A evolução moral dos homens será paga com os mais penosos*

tributos de sangue das suas experiências. As criaturas humanas conhecerão a fome, a miséria, a nudez, a carnificina e o cansaço, para aprenderem no amor d’Aquele que é o Jardineiro Divino dos seus corações. *Transformarão as suas cidades prestigiosas em ossuários apodrecidos*, para saberem erguer os monumentos projetados no Evangelho do Divino Mestre. Chega de mensagens, de arautos e mensageiros... *No fumo negro da guerra* o homem terá a visão deslumbradora da luz maravilhosa dos planos divinos!...” (CAT, p. 143;148-149).

1  
1  
.  
1  
0

EMMANUEL:

Irmãos, entrelaçai os braços e uni corações, em torno do Caminho, da Verdade e da Vida! *Tormentas de dor rondam os castelos da vaidade humana e gênios escuros do morticínio acercam-se das moradias sem alicerces*. Os monstros que devoraram as civilizações do persas e dos assírios, dos egípcios e dos gregos, dos romanos e dos fenícios espreitam a grandeza fantasiosa dos vossos palácios de ilusão!... Os oráculos que prognosticaram queda e ruína em Persépolis e Babilônia, Tebas e Atenas, Roma e Cartago prenunciam angustiados vaticínios em vossas cidades poderosas... Polvos mortíferos do ódio e da ambição desregrada multiplicam-se no oxigênio terrestre, predizendo misérias e desolação. Trazem a fome e a peste em novos aspectos, desorganizando-vos a vida e desintegrando-vos os celeiros... Todos vivemos tempos dramáticos de prece, expectativa e vigília... (REF, jun. 1993, p. 184).

[...] *São chegados os tempos em que as forças do mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reação temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império perecível.*

Ditadores, exércitos, hegemonias econômicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo.

A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício.

[...] *O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.*

*Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. Os filhos da Jerusalém de todos os séculos devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que reventarão das nuvens pesadas de suas consciências enegrecidas.*

Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir.

Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.

[...] Sim, porque *depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento.* O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado (ACL, p. 214-215).

Finalmente, reproduzindo a voz do próprio Cristo, diz Emmanuel:

Quando a escuridão se fizer mais profunda nos corações da Terra, *determinando a utilização de todos os progressos humanos para o extermínio, para a miséria e para a morte,* derramarei minha luz sobre toda a carne e todos os que vibrarem com o meu reino e confiarem nas minhas promessas, ouvirão as nossas vozes e apelos santificadores!...

[...] Sim! amados meus, porque o dia chegará no qual todas as mentiras humanas hão de ser confundidas pela claridade das revelações do céu. Um sopro poderoso de verdade e vida varrerá toda a Terra, *que pagará, então, à evolução dos seus institutos, os mais pesados tributos de sofrimentos e de sangue...* Exausto de receber os fluidos venenosos da ignomínia e da iniquidade de seus habitantes, *o próprio planeta protestará contra a impenitência dos homens, rasgando as entranhas em dolorosos cataclismos...* As impiedades terrestres formarão pesadas nuvens de dor que rebentarão, na face escura da Terra e, então, das claridades da minha misericórdia, contemplarei meu rebanho desditoso e direi como os meus emissários: Ó Jerusalém, Jerusalém!...

[...] Trabalharemos com amor, na oficina dos séculos porvindouros, reorganizaremos todos os elementos destruídos, examinaremos detidamente todas as ruínas buscando o material passível de novo aproveitamento e, quando as instituições terrestres reajustarem a sua vida na fraternidade e no bem, na paz e na justiça, *depois da seleção natural dos Espíritos e dentro das convulsões renovadoras da vida planetária*, organizaremos para o mundo um novo ciclo evolutivo, consolidando, com as divinas verdades do Consolador, os progressos definitivos do homem espiritual (H2A, p. 353-355).

1  
1  
.  
1  
2

A pergunta que está no ar e galvaniza todos os espíritos é esta: Quando acontecerá tudo isto? O *quando* desses acontecimentos nos remete a Jesus: “[...] Não vos compete conhecer *tempos ou épocas* que o Pai reservou para sua exclusiva autoridade” (At 1:7). Ainda: “Mas a respeito daquele dia e hora *ninguém sabe*, nem os anjos dos céus, nem o Filho, *senão somente o Pai*” (Mt 24:36). Por fim: “Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que os vossos corações fiquem sobrecarregados com as conseqüências *da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo*, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente como um laço” (Lc 21:34).

Embora as seguintes palavras repugnem às consciências modernas já enluaradas de paz, não podemos nos esquecer de que foram proferidas por Aquele que é o próprio Amor e o

vivenciou em máximo grau neste mundo: “Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito” (Lc 21:22).

Cumpre-nos, como seres racionais amantes da Verdade, pré-avisados de que a letra mata mas o espírito vivifica, não comodamente renegá-las, por nos chocarem os princípios éticos já conquistados, mas pesquisar-lhes ou procurar intuir-lhes o profundo sentido oculto sob o véu da letra.

## Capítulo 12

### Os redimidos e a volta de Jesus

1

2

•

1

VI) “Depois destas coisas vi, e eis grande multidão que ninguém podia enumerar, de todas as nações, tribos, povos e línguas, em pé diante do trono e diante do Cordeiro, vestidos de vestiduras brancas, com palmas nas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Ao nosso Deus que se assenta no trono, e ao Cordeiro, pertencem a salvação. [...] Um dos anciãos tomou a palavra, dizendo: Estes, que se vestem de vestiduras brancas, quem são e donde vieram? Respondi-lhe: Meu Senhor, tu o sabes. Ele, então, me disse: *São estes os que vêm da grande tribulação*, lavaram suas vestiduras e as alvejaram no sangue do Cordeiro, razão por que se acham diante do trono de Deus e o servem de dia e de noite no seu santuário” (Ap 7:9 a 11; 13 a 15).

Esta passagem da grande tribulação deve ser completada por estas outras do mesmo livro, 11:7 e 13:15, onde somos informados de que os habitantes da Terra, fiéis ao Cristo, irão sofrer mortal

perseguição dos poderes da treva, ao longo do período denominado de *transição final*.

Mas agora uma pergunta se impõe: Quando ocorrerá o encontro de Jesus com essa multidão inumerável, procedente da grande tormenta de fim de ciclo, onde alvejou suas vestes no sangue (doutrina) do Cordeiro, merecendo, por isso, a salvação? A Doutrina Espírita nos responde que deverá ocorrer nos longes de um futuro remoto, muito além da fase de *Regeneração* que se aproxima e que certamente se prolongará por vários milênios, dada a marcha paulatina da Humanidade.

\*\*\*

1

2

.

2

Aqui, embora nos afastando um pouco do tema nuclear deste estudo, pedimos licença para abrir estes parênteses sobre a volta triunfal do Cristo, ou sua segunda vinda, ao interior do planeta — à Crosta terrestre — que Ele mesmo formou por ordem do Eterno Pai. É que desejamos trazer à reflexão de todos importante página de esclarecimento sobre o assunto. E o fazemos, tendo em vista as várias denominações religiosas e seitas que, através dos tempos (basta recordar o Movimento Millerita, nos Estados Unidos, no século XIX, e outros, no século XX), têm marcado datas para a mencionada volta, baseados geralmente em interpretações pessoais das profecias, levando seus adeptos à frustração, após os sucessivos malogros de seus prognósticos.

Sintetizamos:

1) Espírito protetor e governador do vosso planeta, a cuja formação presidiu, encarregado do vosso progresso e de vos levar à perfeição, ele [Jesus] recebeu do pai, seu e vosso pai, vosso Deus e seu Deus, *três missões*. As *duas primeiras* consistiram em *preparar*, entre os homens, a realização do progresso físico do vosso mundo, do progresso físico, moral e intelectual da Humanidade terrena e a da regeneração humana. A *terceira* consiste em levar a efeito a *realização* daquela obra, conduzindo-vos à perfeição.

2) A *primeira* ele a cumpriu desempenhando a sua missão terrena e continuou a cumpri-la no estado de Espírito invisível aos homens, com o concurso do *Espírito Santo*, isto é, dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, que, sob a sua direção, trabalham na sua obra.

3) A *segunda* é a da nova era que se abre diante de vós pela revelação espírita: a era do *Espírito da Verdade*, que vem, por intermédio dos messias, ou seja, dos enviados especiais e dos missionários, errantes e encarnados, conduzir progressivamente as gerações humanas à verdade, ensinar-lhes todas as coisas e anunciar-lhes as que hão de vir.

4) A *terceira* ele a virá cumprir nos tempos preditos, como Espírito da Verdade, trazendo o complemento e a sanção da Verdade, para vo-la mostrar sem véu. Manifestar-se-á então aos homens em todo o seu poder, em toda a majestade de sua pureza perfeita e imaculada, cercado dos Espíritos puros, dos Espíritos superiores e dos bons Espíritos, que vos terão preparado e levado a esses tempos, em que sereis, do mesmo passo, capazes e dignos de receber o Mestre e de suportar a Verdade *sem véu*.

5) Sim, tudo se cumprirá. Jesus preparou a infância, hoje prepara e vai desenvolver a inteligência da idade madura. Dentro em pouco virá colher os frutos de seus trabalhos e receber aqueles de seus discípulos que houverem aproveitado de seus ensinamentos. [...] Não vos equivoqueis a respeito do sentido destas palavras — *dentro em pouco*, [...]. Nós não contamos, sabei-o bem, os anos e os séculos na eternidade, como contaís os minutos, as horas, os dias e os anos da vossa existência humana.

6) [...] Jesus virá de novo à Terra, descendo do céu *da mesma forma* que os discípulos o viram para lá subir: *no estado espírita*; “descendo do céu *sobre as nuvens*”, mas, dessa vez, “com grande majestade” — em todo o seu fulgor espírita. Isso se dará *quando houver levado o planeta e a humanidade terrenos do período material ao extremo limite do período fluídico puro*, quando estiverdes perto de atingir a perfeição.

7) Tendo-se tornado verdadeiramente “*o seu reino*”, o planeta em que habitais será levado por ele para as regiões dos fluidos puros, onde ficará constituindo “*um dos Reinos do Pai*”, aos quais só têm acesso os Espíritos puros, pois só eles os podem habitar. [...] Deveis compreender que, *na época* do segundo advento de Jesus, os Espíritos então encarnados, ou, por melhor dizer, *incorporados* no vosso planeta, estarão quase a atingir a perfeição. [...] Estais no início dessa era, que é *a do advento* do Espírito, *porém, longe vos achais ainda de haver dado um passo nesse sentido*.

8) Coragem, filhos da nossa igreja, *da Igreja do Senhor*, aproximam-se os tempos em que os discípulos e o Mestre aparecerão *de novo* entre vós, em que vossos olhos desvendados verão o Justo nas nuvens do céu, em que os anjos, isto é, os Espíritos purificados, descerão à Terra para mais eficazmente vos estenderem seus braços fraternais. Entoai cânticos de alegria, rejubilai, rejubilai — *os tempos se aproximam!* (OQE, p. 170; 191 e 192, v. 2; 525, v. 3 e 425 v. 4).

1  
2  
.  
4

Como dissemos acima, arrimados nesta e em várias outras passagens da codificação kardequiana, o encontro de Jesus com a Humanidade renovada deverá ocorrer nos longes de um futuro remoto. Ou seja, muito além da fase de *Regeneração* que se aproxima e que certamente se prolongará por vários milênios, dada a marcha paulatina do ser humano.

O que normalmente acontece com os prosélitos desses movimentos religiosos mais afoitos, de forte colorido messiânico, é que de tempos em tempos se deixam empolgar por suas lideranças — nem sempre transparentes em seus objetivos (pelo menos para os adeptos). E estes, assim deslumbrados, abdicam do ato de raciocinar por si próprios, tornando-se, dessa forma, voluntariamente impermeáveis à beleza e profundidade do que foi ensinado pelo Consolador de forma tão cristalina:

Jesus virá de novo à Terra, [...]. Isso se dará *quando houver levado o planeta e a humanidade terrenos do período material ao extremo limite do período fluídico puro, quando estiverdes perto de atingir a perfeição.* [...] Estais no início

dessa era, que é *a do advento* do Espírito, *porém, longe vos achais ainda de haver dado um passo nesse sentido.*

Espraiando um olhar panorâmico e compassivo sobre o estágio evolutivo atual da Humanidade, não fica difícil prognosticar o quão longe estamos dessa Era abençoada. É que na Obra divina não há milagres, varinhas de condão, pós de pirlimpimpim nem transformações repentinas de homens em anjos: o que há é progressão, é transição, é evolução, e tudo isto com muita morosidade, visto que a natureza não dá saltos.

Doutrinou o insigne Codificador:

Expulso do domínio da materialidade, pela Ciência, o maravilhoso se encastelou no da espiritualidade, onde encontrou o seu último refúgio. [...] Se for expulso da Espiritualidade, o maravilhoso já não terá razão de ser e só então se poderá dizer que passou o tempo dos milagres (AG, p. 261).

1

2

.

5

De confundirem dois acontecimentos proféticos estabelecidos na *Bíblia Sagrada, com imenso lapso temporal entre ambos*, é que muitos líderes religiosos vêm tomando, em seus arroubos místicos, a nuvem por Juno. E não é preciso ter “olhos de mercador de diamantes” para separar um do outro.

Um, é a vidência que grande parte da Humanidade terá da presença do Cristo nos céus do planeta quando da época da Grande Tribulação, pois é fato conhecido que as faculdades anímicas se aguçam e exteriorizam durante as grandes dores individuais ou os cataclismos coletivos. O outro, é o de Sua anunciada volta à Crosta

terrestre, em cumprimento à divina promessa feita por Ele ao colégio apostólico.

Diz, textualmente, Jesus no livro de *Mateus*, capítulo 24, versículos 20 a 27, ao comentar os acontecimentos do chamado Armagedon:

<sup>20</sup> Orai para que a vossa fuga não se dê no inverno, nem no sábado;

<sup>21</sup> porque nesse tempo haverá grande tribulação, como desde o princípio do mundo até agora não tem havido, e nem haverá jamais.

<sup>22</sup> Não tivessem aqueles dias sido abreviados, e ninguém seria salvo; mas por causa dos escolhidos tais dias serão abreviados.

<sup>23</sup> *Então se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! ou: Ei-lo ali! não acrediteis;*

<sup>24</sup> porque surgirão falsos cristos e falsos profetas operando grandes sinais e prodígios para enganar, se possível, os próprios eleitos.

<sup>25</sup> Vede que vo-lo tenho predito.

<sup>26</sup> *Portanto, se vos disserem: Eis que ele está no deserto! não saiais: Ei-lo no interior da casa! não acrediteis.*

<sup>27</sup> *Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até no ocidente, assim há de ser a vinda do Filho do homem.*

Para os que têm olhos de ver e ouvidos de ouvir, o Divino Mestre falou com grande clareza, dizendo que *não estaria presente entre os homens* (nem no deserto, nem no interior da casa, nem em lugar algum) nesse período de grande tumulto, mas seria visível no alto, tanto por crentes quanto por ímpios (vide *Apocalipse*, 1:7), como se fosse um relâmpago que riscasse os céus de oriente a ocidente (versículo 27 acima).

E isto, por quê? Para que os que fossem banidos da Terra para mundos inferiores guardassem de forma indelével em sua retina espiritual a grande oportunidade que desprezaram (de novo a lenda do *paraíso perdido*) quando o mundo que os acolhia foi submetido à seleção planetária de separação de joio e trigo, para ser elevado a nova categoria evolutiva, e eles foram excluídos daí devido à sua persistência no mal.

Essa vidência coletiva, a se consumir num momento crítico da História da Humanidade, não nos parecerá tão estranha e improvável se atentarmos para o seguinte fato, registrado pelo historiador Flávio Josefo, e noticiado pela Terceira Revelação:

Jesus predisse a ruína de Jerusalém. Conforme a História vos transmitiu, durante um ano inteiro foi visto sobre aquela cidade um cometa, que aparentava a forma de uma espada, ao mesmo tempo que em toda a província, antes do nascer do Sol, *se viam, atravessando as nuvens, carros cheios de guerreiros.*

[...] A aparição de cometas é frequente. Sempre os houve mais ou menos visíveis para os homens.

Quanto aos carros cheios de guerreiros, atravessando as nuvens, o que havia nesse caso *eram manifestações espíritas, efeitos de mediunidade naqueles que as viam.* Essas manifestações tinham por fim abalar os Espíritos encarnados, despertando-lhes a atenção. Assim como são frequentes os cometas, também as visões mediúnicas se produzem frequentemente entre vós [OQE, p. 319/320 (v. 3)].

Quanto ao segundo acontecimento — a volta real do Cristo a este plano —, Ele deixou bem claro que isto só ocorreria quando a Humanidade, em uníssono, viesse a proclamar, de todo o coração, em todos os quadrantes do globo: “Bendito o que vem em nome do Senhor!”.

É o que diz o texto de *Mateus*, capítulo 23, versículos 37 a 39, com estas palavras:

1

2

.

7

<sup>37</sup> Jerusalém, Jerusalém! que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!

<sup>38</sup> Eis que a vossa casa vos ficará deserta.

<sup>39</sup> *Declaro-vos, pois, que desde agora já não me vereis, até que venhais a dizer: Bendito o que vem em nome do Senhor!*

Jerusalém significa, aqui, a totalidade da espécie humana. E não nos consta que os sobreviventes da Grande Tribulação estarão, já desde o início da Nova Era, de almas puras, harmonizadas e unificadas, proclamando num cântico de júbilo aquele excelso hosana de boas-vindas ao Salvador. Pelo contrário: almas ainda endividadas perante a Lei, tendo passado pelo grande teste da seleção final e sido promovidas para um novo ciclo, agora de regeneração, estarão muito abaladas e ocupadas em cuidar da própria sobrevivência, em enterrar os mortos (que, segundo o profeta Zacarias, 13:7 e 9, constituir-se-ão de dois terços da Humanidade), e em iniciar a reconstrução de um mundo em ruínas,

que beirou o caos, graças à insanidade bélica de seus dirigentes, que refletiam nessa atribulada era o ânimo coletivo de seus comandados.

O cântico de glória “*Bendito o que vem em nome do Senhor!*” será entoado, sim, de todo o coração, por toda a Humanidade, mas somente quando essa mesma Humanidade estiver entrando no último ciclo evolutivo deste planeta, aquele que foi denominado, pelas veneráveis entidades que ditaram a Terceira Revelação, de “mundo celeste ou divino”.

Por fim, atentemos para o fato de que, na época futura desse divino encontro, os habitantes da Crosta não serão espíritos encarnados, mas *incorporados*. Isto equivale a dizer que, dado seu estado evolutivo mais avançado, seus corpos físicos — comparados com os de hoje — terão em sua composição menos elementos de origem material e muito mais de origem perispirítica. Será uma Humanidade que já estará desfrutando de um estado semifluídico. Esse estado combina perfeitamente com a ideia de progressividade de toda a criação nos planos da matéria, da energia e do espírito, segundo os postulados do Espiritismo.

1

2

.

8

Ainda segundo a Doutrina Espírita, para que tudo venha assim do infinitamente pequeno e ascenda ao infinitamente grande é que existem as seguintes categorias de mundos:

- Mundos primitivos;
- Mundos *ad hoc*;
- Mundos de provações e expiações;
- Mundos regeneradores;
- Mundos felizes;

- **Mundos Celestes ou Divinos.**

MUNDOS PRIMITIVOS, saídos dos fluidos incandescentes, mundos onde se elaboram as essências espirituais que ali são depositadas; onde, quando o globo tem entrado no período material, elas se desenvolvem e progridem, passando, progressiva e sucessivamente, pela materialização nos reinos mineral e vegetal e, depois, pela encarnação no reino animal. Em chegando a época propícia ao aparecimento neles do homem, pela encarnação de Espíritos que faliram em condições que exijam a encarnação humana primitiva, esses mundos se tornam, para tais Espíritos, para as humanidades que os compõem, mundos de provações e de expiações, os quais, todavia, como os Espíritos que os vão habitar, prosseguem na sua marcha ascensional, sempre em correlação com a de seus habitantes.

MUNDOS *ad-hoc*, onde a essência espiritual, após transpor os reinos mineral, vegetal e animal, é preparada para o estado espiritual, para o estado de espírito formado, de inteligência independente, livre e responsável.

MUNDOS DE PROVAÇÕES E EXPIAÇÕES [como a Crosta terrestre atual], uns inferiores aos outros, uns aos outros superiores, havendo-os de todas as gradações ao longo da respectiva escala, desde os apropriados ao aparecimento do homem, à encarnação primitiva, até os que servem de habitação a Espíritos prestes a entrar no período de regeneração.

MUNDOS REGENERADORES, destinados a preparar os Espíritos, que faliram e que ainda têm o que expiar, para saírem progressivamente do período da materialidade. São mundos de transição, onde domina a justiça, onde os Espíritos continuam e acabam a sua depuração, tornando-se capazes de só praticar o bem e incapazes da prática do mal. Também nessa categoria de mundos, há-os em todos os graus da escala, inferiores uns aos outros, uns aos outros superiores. [...] Nos diversos mundos regeneradores, preparatórios e intermediários entre os de expiação e os felizes, o corpo se liberta progressivamente de uma parte da matéria putrescível, se torna pouco a pouco mais leve, sem contudo ficar de todo livre da decomposição da matéria.

Quanto mais o corpo se aperfeiçoa, em consequência do adiantamento do Espírito, tanto mais volatilizáveis se fazem, por ocasião da morte, as matérias e se isentam da decomposição animal.

1

2

.

9

MUNDOS FELIZES, onde, regenerado, depurado de todos os maus pendores, o Espírito só tem que progredir no bem, sem mais ter que lutar contra o mal. Esses mundos, como os Espíritos que os habitam, se acham no princípio do período de semifluidéz. Aí começa a desmaterialização do corpo. [...] Na categoria dos mundos felizes, também os há inferiores e superiores uns aos outros, em todos os graus da respectiva escala ascensional e progressiva, através da qual eles vão passando por estados cada vez mais fluídicos, de conformidade com os Espíritos que os habitam, até chegarem à condição de mundos celestes ou divinos.

MUNDOS CELESTES OU DIVINOS, os que atingiram o estado fluídico puro e aos quais só os puros Espíritos podem ter acesso (OQE, p. 422-424, v. 4).

Chamamos a atenção para o fato de que, embora todos os planetas se enquadrem em uma ou outra dessas classificações, cada um deles passa necessariamente por todas essas fases. A Terra (ou, mais especificamente, a Crosta terrestre), por exemplo, já foi mundo primitivo, hoje é de provas e expiações, amanhã será de regeneração, e assim por diante. A evolução dentro de um mesmo plano ou esfera é horizontal, mas, dentro do planeta, é vertical. Isto significa que, enquanto você não merecer sair da Crosta, ficará reencarnando nela indefinidamente (evolução horizontal), mas quando você avança na aquisição de Ciência Universal e Amor Divino, é transferido para a

esfera imediatamente superior e, assim, sucessivamente, até a perfeição (evolução vertical).

1

2

.

1

0

Fechamos os parênteses.

\*\*\*

*Salvação* é sinônimo de regeneração. *Alvejar as vestes* significa entrar na senda da redenção. E a fase regenerativa que se aproxima não fará do homem moderno, num abrir e fechar de olhos, um prodígio de espiritualidade. A lição de Santo Agostinho é muito clara para ser ignorada:

“*Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes.* A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por depurar-se. Sem dúvida, em tais mundos, o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, *mas liberta das paixões desordenadas de que sois escravos*, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as frentes vê-se escrita a palavra amor; perfeita equidade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis.

“Nesses mundos, portanto, ainda não existe a felicidade perfeita, *mas a aurora da felicidade.* O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que libertos só se acham os seres

completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém sem as pungentes angústias da expiação [...].

Mas, ah!, nesses mundos, *ainda falível é o homem* e o Espírito do mal não há perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, *pode recair nos mundos de expiação*, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam (OESE, p. 84-85).

A judiciousa explanação de Santo Agostinho nos leva naturalmente à seguinte pergunta: Qual a diferença entre o homem da fase de *Expição* e o da fase de *Regeneração*? E a resposta é lógica: a de um doente que deixa a UTI e passa a ser medicado em casa. Continua doente, mas já conta com a atenção dos familiares. Ou como diz a sabedoria popular: *de pato a ganso é pequeno o avanço*. A era antevista por Jesus, de um novo Céu e uma nova Terra, continuará adiada. Será muito se o terceiro milênio realizar o sonho de John Lennon, na sua canção *Imagine*, de um mundo unificado e pacífico, sem países, religiões, destruições, possessões, ambições etc.

1

2

.

1

1

Todos esses fatos englobados trazem a certeza absoluta de que só vencerão a si mesmos os que estiverem com o Cristo (ou que viverem espontaneamente princípios semelhantes aos Seus, em qualquer parte do mundo, mesmo não O conhecendo). É o que ensinam os Espíritos, com estas palavras:

O Cristianismo, propriamente dito, tal como em geral o ensinam, é um recinto acanhado, ah! muito acanhado, para que possa conter mais do que uma fração mínima da humanidade. Tão acanhado ele é, que bem se poderia dizer estar o universo inteiro condenado, se só fossem salvos os chamados ‘cristãos’. O Cristianismo *de Jesus* é o Belo e o Bem por toda parte onde exista, onde seja praticado com desinteresse e por amor da humanidade (grifo do original) (OQE, p. 378, v. 4).

Os que assim agem, colocam-se sob a proteção divina, conforme a sublime promessa do Cristo: “Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra” (Ap 3:10). E completa o evangelista Marcos, 13:20: “Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias”.

Tranquilizem-se as almas excessivamente sensíveis, que se condoem da sorte dos que se classificarão *à esquerda* do Cristo. Como ensina o Consolador, Jesus não estabeleceu duas categorias de Espíritos, uma de “eleitos” e outra de “réprobos”. É preciso compreender toda a grandeza do sentido das palavras do Divino Mestre: “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua vida pela redenção *de muitos*”. Disse “de muitos” e não “de todos”, porque, quando chegar o tempo da regeneração deste mundo, Espíritos rebeldes e obstinadamente culpados haverá que serão afastados deste planeta e mandados para outros de categoria inferior, onde terão de expiar e progredir, sob as vistas de *outro Cristo de Deus*. Assim, nem todos chegarão ao fim, ou seja, à perfeição *debaixo da mesma direção*, mas todos *hão de chegar* (OQE, p. 226, v. 3).

1

2

.

1

2

Está bem visto, portanto, que ser “salvo” ou “eleito” não significa qualquer privilégio concedido por Deus a algumas pessoas, de preferência a outras. Significa ser classificado por seus próprios méritos para uma nova etapa evolutiva, geralmente no mesmo planeta e na mesma esfera renovada ou em esferas mais sublimes.

E para isso não será preciso ocorrer o fim do mundo. “Eis que faço novas todas as coisas”, diz Jesus (Ap 21:5). E fazer novo não é o mesmo que fazer de novo. Fazer de novo é zerar o que está feito e iniciar nova criação. Fazer novo é renovar o que já existe. O Cristo fará, pois, com o planeta exatamente o que faz com o ser humano, visto que permite ao espírito transitar por todas as faixas de evolução, passando por todos os reinos da Natureza, até resplandecer no Reino de seu Pai como as estrelas no firmamento. Assim também o planeta progride e se depura. Quando essa progressão atingir a plenitude, será o fim do mundo, não do mundo físico, mas do mundo do mal, *do terrorismo físico, psicológico e religioso, e do obscurantismo espiritual.*

## *Capítulo* 13

### Trigo e joio

1

3

·

1

É preciso notar também que a situação dos habitantes do planeta está sempre de acordo com o nível de materialidade ou fluidificação da dimensão que habitam.

Nas esferas inferiores, como Abismo e Trevas, só existe joio entre os seus habitantes residentes: os grânulos de trigo que por lá transitam somente o fazem em missões socorristas de comovente piedade cristã.

Na Crosta, que habitamos, a erva daninha está e permanecerá misturada ao trigo em todos os povos, tribos, línguas e nações, e também — é claro — em todas as Religiões, até o dia (ou período profético) da ceifa prometida por Jesus.

Ainda uma vez, quem nos socorre é Kardec:

Tendo que reinar na Terra o bem, necessário é sejam dela excluídos os Espíritos endurecidos no mal e que possam

acarretar-lhe perturbações. Deus permitiu que eles aí permanecessem o tempo de que precisavam para se melhorarem; mas, chegado o momento em que, pelo progresso moral de seus habitantes, o globo terráqueo tem de ascender na hierarquia dos mundos, interdito será ele, como morada, a encarnados e desencarnados que não hajam aproveitado os ensinamentos que uns e outros se achavam em condições de aí receber. Serão exilados para mundos inferiores, como o foram outrora para a Terra os da raça adâmica, vindo substituí-los Espíritos melhores. Essa separação, a que Jesus presidirá, é que se acha figurada por estas palavras sobre o juízo final: “Os bons passarão à minha direita e os maus à minha esquerda” (AG, p. 397-398).

1  
3  
·  
2

No Umbral, as gramíneas já se encontram separadas: o trigo, juntado nas cidades fortificadas (como, por exemplo, Nosso Lar), simbolizadas nos celeiros da parábola; e o joio, espalhado pela “terra da liberdade” (EVC, p. 119). Pode-se afirmar que no Umbral já existe, efetivamente, um só rebanho para um só Pastor. Para isso, bastaria que, por uma abstração mental, se quiséssemos ter uma visão de conjunto, reuníssemos os habitantes de todas as metrópoles num só local. Isto é impossível de acontecer, por enquanto, aqui na Crosta, devido ao exclusivismo sectário em que se fecha a maioria dos agrupamentos humanos, além do conflito de interesses que os move, em suas mais variadas concepções de vida e evolução. Mas essa não é a maior dificuldade. Difícil seria encontrar por aqui algum rebanho formado só de ovelhas, ou uma seara constituída só de trigo.

Na quinta esfera — Arte, Cultura e Ciência — só existe trigo entre seus habitantes, como vimos na deslumbrante descrição de Victor Hugo, sem necessidade de cidades fortificadas como no Umbral, o que transforma o orbe todo numa resplandecente megalópole de eleitos.

Na esfera denominada Amor Fraternal Universal, o trigo atinge, evidentemente, as suas mais elevadas quintessências, como vimos nos casos de Asclépios e Alcíone.

E, finalmente, de Diretrizes do Planeta ou sétima esfera é que Jesus, o Pão da Vida, se abalou um dia, há vinte séculos, para vir humildemente bater à porta de nossa obscura morada. E Ele aqui veio depositar na terra árida dos corações — dando mais uma prova de sua Caridade Imensa e de sua Infinita Esperança na regeneração do ser humano —, a semente viva do glorioso Reino de Seu Pai.

\*\*\*

Do exposto acima percebe-se que as três esferas inferiores do planeta e a parte inferior do Umbral são constituídas, majoritariamente, de joio, e as outras três esferas superiores e a parte superior do Umbral, somente de trigo.

1

3

.

3

Particularizando ainda mais a quantidade de joio que, proporcionalmente, habita essas quatro primeiras esferas inferiores, podemos dizer que no Abismo e nas Trevas só existe joio entre seus habitantes residentes; na Crosta, o joio se mescla ao trigo na proporção de dois por um (dois de joio por um de trigo); e, no

Umbral, a mescla se perfaz inversamente, na proporção de um por dois (um de joio por dois de trigo). Onde está a prova ou os indícios dessas inferências? Nas profecias.

Em relação às regiões subcrostais, as profecias sinalizam que o dragão ou Satanás *foi preso nos subterrâneos do planeta*, sem qualquer menção à existência de trigo nessas profundezas tenebrosas. (Ap 20:1 a 3.) Em relação à Crosta, os vaticínios dizem que *dois terços dela serão eliminados* por ocasião da seleção final a ser levada a efeito pelo Cristo, e que *um terço se salvará* (Zc 13:8). E em relação ao Umbral — que é chamado céu em *Apocalipse*, 12:7 —, as profecias revelam que o dragão arrastará *um terço das estrelas do céu* e as lançará para a terra [Crosta], quando chegar a hora derradeira da perseguição aos seguidores do Cordeiro (Ap 12:3 e 4).

Não nos equivoquemos quanto à bela e ilusiva expressão “estrelas do céu”: são os seguidores do dragão, também chamado Satanás em *Apocalipse*, 12:9. Notemos que Satanás é sinônimo de Lúcifer, o anjo decaído. Originalmente, Lúcifer significava anjo de luz, estrela da manhã, e depois de sua queda, Satanás, de acordo com a evolução semântica do termo. Quando Satanás, portanto, for expulso do Umbral, ele arrastará consigo para a Crosta um terço dos habitantes umbralinos, ou seja, todos os seus “anjos”, “estrelas” ou hostes infernais.

Notemos também a sabedoria da previsão profética ao estabelecer de forma racional e lógica a progressiva amplificação do bem no orbe terrestre à medida que se sobe na escala das esferas: somente joio no Abismo e nas Trevas; dois terços de joio e um de trigo na Crosta; um terço de joio e dois de trigo no Umbral; e exclusivamente trigo nas três últimas esferas seguintes.

Na exposição e explicação da parábola do joio (Mt 13:24 a 30 e 36 a 43), Jesus revela que, em época futura, o planeta chegará à maturação simultânea tanto do joio quanto do trigo. Nessa época, o joio terá de ser excluído de seu meio para que o orbe — só habitado por trigo a partir daí — passe a usufruir do nível superior a que fará jus no concerto do Universo.

1  
3  
.  
4

De pouco adiantará ao planeta, porém, ser expurgado do joio que habita a Crosta, se a erva daninha das outras esferas (voluntariamente daninha, frise-se) continuar a infeccionar a casa planetária. O expurgo, assim, terá que ser completo, abrangendo todas as esferas que hoje acolhem o joio, para que a Terra possa integrar finalmente a comunidade dos mundos felizes que revolteiam na Casa do Pai.

Quem disse que as coisas se darão desta maneira foi Jesus. Ele revelou no Evangelho que, na época da ceifa, o joio será atado em feixes para ser queimado (Mt 13:30). E acrescentou, no Apocalipse, que, nessa época, ao joio da Crosta serão agregados os joios do Umbral e das esferas subcrostais, para serem excluídos em bloco do planeta Terra. Se aproximarmos as profecias do Evangelho e do *Apocalipse*, veremos com clareza o quadro delineado pelo Divino Mestre.

De acordo com Jesus, virá a hora em que o Umbral será expurgado do joio que o habita, e esse expurgo, executado pelo Arcanjo Miguel e seus anjos (Ap 12:7/9), terá por consequência a expulsão definitiva do dragão e seus anjos *para a Crosta planetária*. Ao realizar-se esse evento, as almas redimidas que permanecerem no Umbral, agora purificado, ouvirão esta clarinada do Alto: “Por isso, festejai, ó céus, e vós, os que neles habitais. Ai da Terra [Crosta] e do mar, pois o diabo *desceu até vós*, cheio de grande cólera, sabendo que lhe resta pouco tempo”. (Ap 12:12.) Dessa forma, o Umbral ficou definitivamente livre do joio, e por isso devia festejar, e a Crosta foi sobrecarregada com a presença dele, e por isso, previamente advertida (“Ai da terra etc.”), devia prevenir-se.

Virá também a hora (certamente sincronizada com a do evento umbralino) em que os habitantes do Abismo (Ap 20:1) — espíritos profundamente vinculados ao mal sob a emblemática figura de Satanás — serão libertados de sua prisão por ordem superior, *com permissão para subir à Crosta e “seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra [...], a fim de reuni-las para a grande peleja”* (Ap 20:7). Dessa forma, as esferas subcrostais também ficarão livres do joio, que, *por curto lapso de tempo*, emergirá “à tona do lago maravilhoso da vida”. Do entrechoque resultante dessa refrega de hordas anticrísticas a ocorrer na Crosta, a Humanidade terrena verá ferir-se a batalha do Armagedom, que envolverá, no plano físico, todas as nações da Terra, devido a seus pesados débitos cármicos contraídos perante a Lei (Ap 16:12 a 16). Dessa batalha apocalíptica resultará a expulsão definitiva do joio para mundo inferiores, liberando a Terra para sempre de sua presença. Nesses mundos primitivos o joio receberá nova oportunidade de reeducação.

1  
3  
·  
5

Note-se que o joio umbralino tem débitos cármicos semelhantes aos dos habitantes da Crosta, podendo mesclar-se com estes sem prejuízos fatais para ambos. O mesmo não ocorre com o joio das Trevas e do Abismo, que, devido às suas profundas transgressões à Lei, se encontra preso nos socavões do planeta há muito tempo, completamente isolado da esfera carnal, deixando prever o tumulto que causará quando for autorizado a subir à Crosta.

E agora a pergunta que não quer calar: Por que a Crosta foi escolhida para esse tremendo embate de forças cósmicas? Porque, como sentenciou Jesus, *“onde estiver o cadáver, aí se ajuntarão os abutres”* (Mt 24:28). O que o Divino Mestre quis dizer com isso?

Essa frase enigmática do Evangelho nos tem induzido a sérias meditações através dos tempos. E aventamos aqui uma interpretação possível para o enigma:

Cadáver é sinônimo de morto. Que os encarnados são os “mortos” (aqueles cujo foco é exclusivamente a matéria, sem nenhum interesse em sua iluminação espiritual), a palavra do Senhor não deixa dúvida:

1) Quando Jesus disse a um de seus ouvintes que o seguisse, ele pediu que lhe fosse permitido ir primeiro sepultar seu pai. “Deixa *aos mortos* o sepultar os seus próprios mortos” — responde-lhe o Cristo. “Tu, porém, vai e prega o Reino de Deus” (Lc 9:59 e 60) Ele designou por “mortos” os parentes “vivos” do futuro discípulo.

2) Disse também Jesus que quem ouve a sua palavra e crê naquele que O enviou, *já passou da morte para a vida*, e que já chegara a hora em que *os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus*, e os que a ouvirem viverão: “Não vos maravilheis disto, porque vem a hora em que *todos os que se acham nos túmulos ouvirão a sua voz e sairão*; os que tiverem feito o bem, para a ressurreição da vida; e os que tiverem praticado o mal, para a ressurreição do juízo” (Jo 5:24 a 29.) Ao dizer “os que se acham nos túmulos”, o Cristo se referia aos Espíritos encarnados *nos túmulos vivos dos corpos físicos*, porque nos túmulos do cemitério ninguém ouvirá nada, visto que lá só existem corpos em putrefação.

1  
3  
.  
6

E o que são abutres? São, segundo a classificação humana, aves de hábitos necrófagos, também conhecidos como “coveiros da natureza”. No sentido profético são os obsessores que atuam sobre os

“mortos” na carne, atraídos por sua inconsciência e vinculação ao mal. De acordo com o instrutor espiritual Gúbio, esses “mortos” são como um “rebanho humano”, a cujas expensas sobrevivem essas colônias de criminosos invisíveis do Umbral (LIB, p. 34). Ainda segundo Gúbio, esses obsessores agem como “lampreias insaciáveis” sobre as criaturas desprevenidas, vampirizando-lhes as energias e trabalhando por mantê-las na inércia, num estado bovinamente apático, avessas a qualquer esforço de progresso espiritual (LIB, p. 62). A imagem utilizada por Gúbio não poderia ser melhor. Lampreia é uma espécie de peixe com forma de enguia, cuja boca é formada por uma enorme ventosa circular do mesmo diâmetro do corpo, reforçada por um anel de cartilagem e armada com uma língua raspadora. A lampreia, quando ataca suas vítimas, crava-lhes os dentes para fixar-se, acopla-lhes a ventosa, arranha-lhes a pele com a língua raspadora e chupa-lhes o sangue como uma bomba de sucção. Tal a atuação dos vampiros do Umbral sobre os “cadáveres” humanos.

E as entidades bárbaras das Trevas e do Abismo, por sua vez, anseiam por “subir ao lago maravilhoso da vida”, não para reverenciá-lo, mas para esmagá-lo, se necessário for, a fim de submetê-lo ao império do mal que as fascina e enceguece. Quando, portanto, todos os abutres espirituais das esferas circunjacentes estiverem congregados em cima dessa parcela da Humanidade cadaverizada e invigilante, um Poder Maior promoverá (na consumação do século, segundo o Cristo) a expulsão definitiva para orbes inferiores tanto do cadáver quanto de seus banqueteadores fúnebres.

O Espiritismo, com o espectro lírico de seus ensinamentos, é o único arsenal divino que o Cristo permitiu descer ao homem para encorajá-lo de luz e preveni-lo contra as armadilhas e arremetidas do mal. E por que o homem ainda não se revestiu dessa luz? A resposta, se dada com honestidade, seria muito embaraçosa, e nos remete a uma nova pergunta: Dos sete bilhões de espíritos encarnados atualmente na Crosta, quantos estão dispostos ao esforço

hercúleo de aprofundar-se na Ciência Espírita e revestir-se dessa armadura para se tornar um vencedor com Jesus?

1

3

.

7

É claro que nenhum de nós fica feliz com essa batalha cósmica e trágica esboçada pelas profecias, pois gostaríamos que houvesse uma solução mais suave e misericordiosa para resolver o problema. Entretanto, quando algumas pessoas foram noticiar a Jesus certa tragédia ocorrida em seu tempo — em que, por ordem de Pilatos, vários galileus tinham sido mortos enquanto ofereciam sacrifícios —, o Cristo lhes deu esta resposta surpreendente: Pensais que esses galileus eram mais pecadores do que todos os outros galileus, por terem padecido estas coisas? Não eram, eu vo-lo afirmo; *se, porém, não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis*. Ou cuidai que aqueles dezoito sobre os quais desabou a torre de Siloé e os matou eram mais culpados que todos os outros habitantes de Jerusalém? Não eram, eu vo-lo afirmo; *mas, se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis* (Lc 13:1 a 5).

Vemos assim que não está nas mãos do Cristo impedir as tragédias que possam envolver o mundo em qualquer tempo. Está, porém, nas mãos de cada um de nós, no sagrado exercício de nosso livre-arbítrio, praticar o bem e evitar o mal, porque aqueles que não agirem dessa forma estarão transgredindo a Lei e ficarão sujeitos à sua sanção corretiva. É a Justiça de Deus dando a cada um segundo as suas obras. A atitude correta do homem, portanto, deve ser a de *arrepender-se e renovar-se*, para merecer a proteção divina e poder, conforme ensina o Cristo, “escapar de todas essas coisas que têm de suceder” (Lc 21:36).

## Capítulo 14

### As moradas na Casa do Pai

1

4

.

1

Qual a importância destas reflexões sobre a vida nas esferas?

Um turista precavido, quando se propõe a visitar determinado país, procura, com alguma antecedência, estudar sua história, sua geografia, seu povo, sua língua, seus costumes e seus pontos turísticos de maior interesse, a fim de tirar o melhor proveito de sua viagem. Que somos nós, habitantes da Terra, senão turistas em trânsito por essa “hospedaria” chamada Crosta? E nossa passagem por essa pensão é tão rápida que, como diria Kardec, citando o Sr. Jobard, *“não vale a pena desfazer as malas”*. (RE, set. 1858, p. 364.) Aqui estamos em aprendizado, integrando uma longa excursão, com escalas predeterminadas por Aquele que tem autoridade para o fazer.

Entre o nosso “país” e o “próximo”, para o qual todos irão um dia, há uma alfândega onde obteremos o visto de saída. E não há como ludibriá-la: desde que há homens sobre a Terra (grandes ou

pequenos, miseráveis ou eminências autoinsubstituíveis), todos têm de submeter-se a essa exigência burocrática.

Após a alfândega, na passagem para a nova esfera, há *estradas de luz* para uns poucos, que souberam viver, quaisquer que fossem suas crenças, de acordo com a Lei Divina. Mas a grande maioria, bronca, asselvajada, indiferente e muitas vezes hostil às realidades da Vida Eterna, irá, sem sombra de dúvida, extravar por inóspitas regiões espirituais. Os que escapam de ser arrastados e seviciados pelos bandos de obsessores que varejam essas plagas dantescas, sofrem outros tantos tormentos apavorantes. “[...] Muita vez” — revela o autor de *Nosso lar*, descrevendo sua passagem pelo Umbral — “*suguei a lama da estrada, recordei o antigo pão de cada dia, vertendo copioso pranto. Não raro, era imprescindível ocultar-me das enormes manadas de seres animalescos que passavam em bando, quais feras insaciáveis. [...]*” (NL, p. 23).

1  
4  
·  
2

Notemos que, como escreveu Francisco Cândido Xavier, as esferas espirituais “se distinguem por vibrações distintas, que se apuram à medida que se afastam do núcleo”.

Assim como ocorre com os elétrons de um átomo que, ao receberem determinada aceleração, vão saltando para órbitas mais amplas, os espíritos também, à medida que atingem mais altos graus de evolução, transferem-se para esferas imediatamente superiores. Há exceções voluntárias e de grande sublimidade, que nos comovem a alma, como a de Bezerra de Menezes (fato bem conhecido da família espírita). O grande Apóstolo do Espiritismo no Brasil, quando convidado pela Virgem Santíssima, por meio de Celina, a

ascender, por seus méritos, a novos planos de luz, preferiu renunciar a tal estado de beatitude. E o fez para continuar em seu frutuoso e sacrificial mister, junto à imensa família dos desalentados do mundo, mergulhados nas regiões ensombradas do planeta.

Não devemos esquecer também a lição de Albert Einstein, de que tudo no Universo é relativo. Se para nós o Umbral é um plano fluídico — e, portanto, invisível —, quem pode garantir-nos que a nossa velha Crosta, aparentemente tão compacta, não seja fluídica e um verdadeiro paraíso para os habitantes das duas esferas interiores à nossa (Trevas e Abismo), aqueles que não podem “subir à tona do lago maravilhoso da vida?”

Nada é tão ilusório quanto a aparente solidez da matéria, que a ciência já demonstrou ser descontínua, ou seja, contendo imensos vácuos em seu interior. A base da matéria é o átomo, que poderia ser considerado, de acordo com a física pré-quântica, o tijolo de toda a infraestrutura material. Mas, em última análise, o que é o átomo?

Leio em *Seleções do Reader's Digest* algumas definições interessantes:

- Os átomos são tão pequenos que se uma gota d'água fosse ampliada ao tamanho da Terra, seus átomos seriam menores que laranjas. (jan. 1954, p. 74.)
- O átomo tem a estrutura do nosso sistema solar. É, quase todo, espaço vazio. O núcleo é a única parte sólida. Dizem os cientistas que, se eliminássemos todo o espaço de todos os átomos de um homem de 90 quilos, ele não seria maior do que um grão de pó (mar. 1956, p. 100).

1

4

.

3

- As moléculas se compõem de átomos tão pequenos que uns 5 milhões deles poderiam ser postos em fileira sobre o ponto final desta sentença. (...) E se eliminássemos os vazios atômicos na composição material da nossa Terra, esta se reduziria a uma pequena esfera com cerca de 800 metros de raio! (jan. 1949, p. 23-24).

Aprendemos com Sua Voz, em *A grande síntese*, que a aparente resistência da matéria ao tato nada mais é que a soma dos movimentos velocíssimos de seus átomos. E mais: “O átomo é um vórtice; vórtices são o elétron e o núcleo; vórtices são os centros e os satélites contidos no núcleo, e assim ao infinito. Quando imaginais uma partícula mínima, animada de velocidade, nunca tendes aí um corpo, no sentido comum, qual o figurais; é sempre um vórtice imaterial de velocidade. E a decomposição dos vórtices, em que rodopiam unidades vertiginosas, menores, prolonga-se ao infinito. Assim, na substância não existe matéria, no sentido em que a compreendeis; apenas há movimento. E a diferença entre matéria e energia consiste apenas na diversidade de direção do movimento: rotatório, fechado em si mesmo, na matéria; ondulatório, de ciclo aberto e lançado no espaço, na energia” (cap. 46).

Escreve José Náufel:

Lembremos que o átomo é constituído por um núcleo extremamente pequeno e pesado, dotado de carga elétrica positiva, proveniente dos prótons que nele se alojam e que são partículas de carga elétrica positiva. No núcleo, encontramos também os nêutrons, que são partículas sem carga elétrica e de massa praticamente igual à do próton. Em órbitas a uma certa distância do núcleo, giram os elétrons, partículas de carga elétrica negativa, de massa 1840 vezes menor do que a do próton. [...] De modo prático, isto significa que, ao longo de uma régua de 10 cm, podem-se enfileirar um bilhão de átomos. *Note-se, também, que o átomo é 100.000 vezes maior que o seu próprio núcleo*” (DABCI, p. 104-105, v. 1).

1  
4  
·  
4

Ora, se o átomo é 100.000 vezes maior que o seu próprio núcleo, imagine-se a extensão do espaço vazio que existe no seu interior, entre o núcleo e os elétrons! O núcleo, em cotejo com o átomo, já foi comparado a uma formiga no centro de um estádio como o Maracanã! O modelo microcósmico do átomo lembra o nosso próprio Sistema Solar, que seria, por comparação, o átomo macrocósmico de uma química astronômica.

De tudo isso resulta que somos apenas almas presas num turbilhão de poeira cósmica. Os átomos aglutinantes dessa névoa sideral são mais refinados ou mais grosseiros de acordo com o nosso grau de evolução psíquica. Compactos no Abismo e nas Trevas. Menos condensados na Crosta que habitamos. Fluídicos em Nosso Lar. Etéreos e requintadíssimos nas esferas superiores, principalmente em Diretrizes do Planeta, onde as partículas/ondas de que são indistintamente compostos transformar-se-ão exclusivamente em ondas, segundo a aplicação pessoal que fazemos, neste espaço, do princípio da incerteza, de Werner Heisenberg. O espírito, portanto, onde estiver nessa imensa cadeia cósmica estabelecida pela Sabedoria Divina, estará continuamente preso num vórtice atômico, do qual se vai libertando gradativamente por evolução. Um dia, quando abandonar seu último burel na última galáxia do Infinito, envergará então a veste nupcial a que fez jus e adentrará por fim, vitorioso e livre, os portais resplandecentes da Casa do Pai.

O que limita a compreensão do homem para essa realidade que permeia os seres e as coisas de todas as esferas do planeta são as próprias barreiras que ele permite estabelecerem-se em sua mente.

Veja o que disse o senhor Alfredo, administrador de um dos Postos de Socorro de Campo da Paz, a André Luiz, quando André duvidou de que os projéteis elétricos de defesa pudessem causar a *impressão de morte* nos espíritos atacantes, numa batalha de petardos magnéticos no Umbral: “Meu amigo! meu amigo! se já não estamos na carne, busquemos *desencarnar* também os nossos pensamentos” (OM, p. 111).

A Crosta é apenas *um* dentre os planos de vida da Terra e se sente muito envergonhada, dado o atraso moral de seus habitantes, perante as outras altas e radiantes esferas de nosso planeta. Aos que fazem dela o centro do Universo, ponto de referência para tudo e único foco de vida existente, podemos dizer, parodiando o irmão Alfredo: “Meus irmãos! Meus irmãos! Se já não estamos nas Trevas, busquemos *desentreviar* também os nossos pensamentos”.

1  
4  
.  
5

Diante, pois, dos fatos mencionados, podemos concluir serenamente que Jesus, ao falar de outras “muitas moradas” na casa do Pai, não prometeu a Seus discípulos somente transferi-los para outros planetas mais sublimados, mas assegurou principalmente elevá-los a esferas *mais luminosas da própria Terra*, para bem junto de Seu coração amoroso, quando lhes disse:

*Na casa de meu Pai [planeta Terra] há muitas moradas [as esferas]. Se assim não fora, eu vo-lo teria dito. Pois vou preparar-vos lugar. E quando eu for [para a sétima esfera], e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também”* (Jo 14:2 e 3).

## *Capítulo* 15

### O esplendor da Nova Era

1

5

.

1

Vi novo Céu e nova Terra, pois o primeiro Céu e a primeira Terra passaram, e o mar já não existe.

Vi também a cidade santa, a Nova Jerusalém, que descia do Céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo.

Então ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles.

E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram.

E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.

Disse-me ainda: Tudo está feito. Eu sou o Alfa e o Ômega, o princípio e o fim. Eu, a quem tem sede darei de graça da fonte da água da vida.

O vencedor herdará estas coisas, e eu lhe serei Deus, e ele me será filho. [...]

Então veio um dos sete anjos [...] e falou comigo, dizendo: Vem, mostrar-te-ei a noiva, a esposa do Cordeiro; e me transportou, no espírito, até a uma grande e elevada montanha, e me mostrou a santa cidade, Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, a qual tem a glória de Deus. O seu fulgor era semelhante a uma pedra preciosíssima, como pedra de jaspe cristalina.

Tinha grande e alta muralha, doze portas, e junto às portas doze anjos, [...]. As doze portas são doze pérolas, e cada uma dessas portas de uma só pérola. A praça da cidade é de ouro puro, como vidro transparente.

1

5

.

2

Nela não vi santuário, porque o seu santuário é o Senhor, o Deus Todo-Poderoso e o Cordeiro.

A cidade não precisa nem do sol, nem da lua, para lhe darem claridade, pois a glória de Deus a iluminou, e o Cordeiro é a sua lâmpada.

As nações andarão mediante a sua luz, e os reis da terra lhe trazem a sua glória.

As suas portas nunca jamais se fecharão de dia, porque nela não haverá noite.

E lhe trarão a glória e a honra das nações.

[...] Então me mostrou o rio da água da vida, brilhante como cristal, que sai do trono de Deus e do Cordeiro.

No meio da sua praça, de uma e outra margem do rio, está a árvore da vida, que produz doze frutos, dando o seu fruto de mês em mês, e as folhas da árvore são para a cura dos povos.

Nunca mais haverá qualquer maldição. Nela estará o trono de Deus e do Cordeiro. Os seus servos o servirão, contemplarão a sua face, e nas suas fronteiras está o nome dele.

Então já não haverá noite, nem precisam eles de luz de candeia, nem da luz do sol, porque o Senhor Deus brilhará sobre eles, e reinarão pelos séculos dos séculos.

Disse-me ainda: Estas palavras são fiéis e verdadeiras. O Senhor, o Deus dos espíritos dos profetas, enviou seu anjo para mostrar aos seus servos as coisas que em breve devem acontecer.

Eis que venho sem demora. Bem-aventurado aquele que guarda as palavras da profecia deste livro.

Eu, João, sou quem ouviu e viu estas coisas. E, quando as ouvi e vi, prostrei-me ante os pés do anjo que me mostrou essas coisas, para adorá-lo.

Então ele me disse: Vê, não faças isso; eu sou conservo teu, dos teus irmãos, os profetas, e dos que guardam as palavras deste livro. Adora a Deus.

Disse-me ainda: Não seles as palavras da profecia deste livro, porque o tempo está próximo.

Continue o injusto fazendo injustiça, continue o imundo ainda sendo imundo; o justo continue na prática da justiça, e o santo continue a santificar-se.

1  
5  
·  
3

E eis que venho sem demora, e comigo está o galardão que tenho para retribuir a cada um segundo as suas obras.

Eu sou o Alfa e o Ômega, o primeiro e o último, o princípio e o fim.

Bem-aventurados aqueles que lavam as suas vestiduras, para que lhes assista o direito à árvore da vida, e entrem na cidade pelas portas.

[...] Eu, Jesus, enviei o meu anjo para vos testificar estas coisas às igrejas. Eu sou a raiz e a geração de Davi, a brilhante estrela da manhã.

O Espírito e a noiva dizem: Vem. Aquele que ouve diga: Vem. Aquele que tem sede, venha, e quem quiser receba de graça a água da vida.

Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: Se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa, e das coisas que se acham escritas neste livro.

Aquele que dá testemunho destas coisas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus.

A graça do Senhor Jesus seja com todos (Ap 21 e 22).

## Referências

- (ACL) XAVIER, F. C. *A caminho da luz*. Pelo Espírito Emmanuel. Brasília: FEB, 2016.
- (AG) KARDEC, Allan. *A gênese*. Trad. Guillon Ribeiro. 53. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (AGS) UBALDI, Pietro. *A grande síntese*. Pelo Espírito Sua Voz. 9. ed. – LAKE.
- (APA) SMITH, Uriah. *As profecias do apocalipse*. Vida Plena: São Paulo.
- (AR) XAVIER, F. C. *Ação e reação*. Pelo Espírito André Luiz. 30. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (BCMPE) XAVIER, F. C. *Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 34. ed. Brasília: FEB, 2015.
- (COM) UBALDI, Pietro. *Comentários*. 1. ed. – São Paulo: Fundapu.
- (CA) XAVIER, F. C. e CUNHA, Heigorina. *Cidade no além*. Pelos Espíritos André Luiz e Lucius. 9. ed. IDE.
- (CAT) XAVIER, F. C. *Crônicas de além-túmulo*. Pelo Espírito Humberto de Campos. 17. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (DABCI) NÁUFEL, José. *Do abc ao infinito*. v. 1 a 4. 1. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- (EDM) XAVIER, F. C. *Evolução em dois mundos*. Pelo Espírito André Luiz. 27. ed. Brasília: FEB, 2015.
- (EVC) XAVIER, F. C. *E a vida continua...* Pelo Espírito André Luiz. 35. Brasília: FEB, 2016.
- (GM) UBALDI, Pietro. *Grandes mensagens*. Pelo Espírito Sua Voz. 4. ed. São Paulo: Fundapu.

- (H2A) XAVIER, F. C. *Há dois mil anos*. Pelo Espírito Emmanuel. 49. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (LIB) XAVIER, F. C. *Libertação*. Pelo Espírito André Luiz. 33. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (MM) XAVIER, F. C. *Mecanismos da mediunidade*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (NL) XAVIER, F. C. *Nosso lar*. Pelo Espírito André Luiz. 64. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (NLE) FINDLAY, J. Arthur. *No limiar do etéreo*. 3<sup>a</sup> ed. FEB.
- (NMM) XAVIER, F. C. *No mundo maior*. Pelo Espírito André Luiz. 28. ed. Brasília: FEB, 2015.
- (NSNL) GAMA, Zilda. *Na sombra e na luz*. Pelo Espírito Victor Hugo. 1. ed. Brasília: FEB, 2014.
- (OCI) KARDEC, Allan. *O céu e o inferno*. Trad. Manuel Quintão. 61. ed. Brasília: FEB, 2015.
- (OESE) KARDEC, Allan. *O evangelho segundo o espiritismo*. Trad. Guillon Ribeiro. 131. ed. Brasília: FEB, 2015.
- (OM) XAVIER, F. C. *Os mensageiros*. Pelo Espírito André Luiz. 47. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (OQE) ROUSTAING, J.-B. *Os quatro evangelhos*. 8. ed. v. 1 a 4. Rio de Janeiro: FEB, 1999.
- (OVE) XAVIER, F. C. *Obreiros da vida eterna*. Pelo Espírito André Luiz. 35. ed. Brasília: FEB, 2016.
- (RE) KARDEC, Allan. *Revista Espírita*. Trad. Evandro Noleto Bezerra. V. 1 a 12. Brasília: FEB.
- (REF) REFORMADOR, Brasília: FEB
- (REN) XAVIER, F. C. *Renúncia*. Pelo Espírito Emmanuel. 36. ed. Brasília: FEB: 2016.
- (TCX) SCHUBERT, Suely Caldas. *Testemunhos de Chico Xavier*. 4. ed. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

## *Decálogo do Escritor*

*I*

*Não terás outros deuses diante de ti, exceto o leitor.*

*II*

*Esculpirás tuas frases com o escopro de Michelangelo, até transformá-las no invólucro perfeito do teu pensamento.*

*III*

*Exporás as ideias com equilíbrio, sem a pretensão de impô-las,  
e fundamentarás a matéria para que o leitor avance com  
segurança.*

*IV*

*Falarás sobre pessoas e acontecimentos com elegância e  
dignidade.*

*V*

*Não transmitirás crenças, mas conhecimento, nem  
promoverás  
ídolos, mas discernimento.*

*VI*

*Conduzirás o leitor com gentileza, para que ele feche o livro  
com proveito.*

*VII*

*Não te considerarás escritor providencial, mas deixarás que  
tuas obras falem por ti.*

*VIII*

*Perdoarás setenta vezes sete o revisor, que fatalmente irá  
cravar algumas  
vírgulas no teu texto.*

*IX*

*Não cobiçarás a musa do próximo, nem o estilo do próximo,  
nem o livro do próximo, nem o editor do próximo, nem a  
clientela do próximo, nem a fila de autógrafos do próximo.*

*X*

*Seis livros lançarás e no sétimo descansarás, preparando-te  
para uma nova sementeira.*

*(Texto elaborado sobre o esquema estabelecido por Moisés  
no Decálogo.)*

## *A busca da Verdade*

*Conhecereis a Verdade  
e a Verdade vos libertará.*

JESUS

*Crê nos que buscamos a Verdade.  
Duvida dos que a encontraram.*

ANDRÉ GIDE

*Os que conhecem a Verdade  
não são iguais aos que a amam.*

CONFÚCIO

*Venham até a borda, ele disse. Eles disseram:  
Nós temos medo. Venham até a borda, ele insistiu.  
Eles foram. Ele os empurrou... e eles voaram.*

GUILLAUME APOLLINAIRE

# *A Revelação Espírita e a parceria entre Espíritos e homens*

*Não há revelação que se possa sobrepor à autoridade dos fatos.*

\*\*\*

*Os Espíritos não ensinam senão justamente o que é mister para guiá-lo [ao homem] no caminho da verdade, mas abstêm-se de revelar o que o homem pode descobrir por si mesmo, deixando-lhe o cuidado de discutir, verificar e submeter tudo ao cadinho da razão, deixando mesmo, muitas vezes, que adquira experiência à sua custa. Fornecem-lhe o princípio, os materiais; cabe-lhe a ele aproveitá-los e pô-los em obra.*

\*\*\*

*Numa palavra, o que caracteriza a Revelação Espírita é o ser divina a sua origem e da iniciativa dos Espíritos, sendo a sua elaboração fruto do trabalho do homem.*

ALLAN KARDEC<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> KARDEC, Allan. *A gênese*. 16. ed. FEB, p. 88, 38 e 20, respectivamente (grifos do original).

## *Índice geral 7.*

### Abismo, esfera

- Espíritos maus – 3.1
- joio entre os habitantes – 13.1, 13.3
- localização – 2.3
- Núcleo Interno – 3.1
- prisão de Satanás – 9.4, 10.1

### Abraão

- fé – 5.5
- Isaque, Jacó – 5.5

### Abutre

- sentido profético – 13.5
- significado da palavra – 13.5

### *Ação e reação*

- André Luiz, Espírito – 4.2
- existência do inferno na Espiritualidade – 4.2, 4.3
- Francisco Cândido Xavier – 4.2
- razão de ser da existência do inferno – 4.2

### Aclive – 4.5, nota

### Agostinho, Santo

- alma penitente – 12.10
- amor – 12.10
- felicidade perfeita – 12.10
- lição – 12.10

mundos regeneradores – 12.10

## Alcíone

Astênio – 6.4

Faixas Negras – 6.4

*Renúncia* – 6.3

sistema de Sírius – 6.4

Umbral – 6.3

## Alfen, instrutor espiritual

voo *cósmico* – 5.1

## Alfredo, Sr.

administrador do Posto de Socorro do Campo da Paz – 14.4

## Alighieri, Dante

*Divina comédia, A* – pref.

## Alma

Agostinho, Santo, e \* penitente – 12.10

## Alvejar as vestes

significado da expressão – 12.10

## América

descoberta da \* e Cristóvão Colombo – 8.1

## Amor Fraternal Universal

sexta esfera – 6.1

trigo – 13.2

## Anjo

conceito – 12.3

## Antigo Testamento

Fp 3:20 e 21 – 5.5

Hb 11:8 a 10 – 5.5

Hb 11:13 a 16 – 5.5

Is 2:2 a 4 – 10.3

passagem para um novo ciclo – 11.1

Rm 4:18 – 5.5

Zc 13:7 e 9 – 12.7, 13.3

## *Apocalipse*

- antevisão do novo Céu e da nova Terra – 8.3
- assinalamento dos salvos de todas as nações – 8.3
- batalha do Armagedon – 10.2, 12.5, 13.4
- Bíblia Sagrada* – 8.2
- descrédito nos círculos mais cultos – 8.4
- encontro do Cordeiro de Deus – 8.3
- passagem para um novo ciclo – 11.1
- passagens significativas – 9.1
- promessa da volta de Jesus – 8.3
- sete promessas de plenitude ao Vencedor – 8.3
- tese dos vários planos de vida – 8.4
- trombeta dos três anjos – 10.3
- visão do trono de Deus – 8.3
- volta do Cristo – 10.2

## Armagedon, batalha

- Apocalipse*, 6:17 – 10.2
- Apocalipse*, 16:12 a 16 – 13.4
- interpretação bíblica – 10.2
- Mt 24:20 a 27 – 12.5

## Arte, Cultura e Ciência, esfera

- localização – 5.1
- quinta esfera – 5.1
- trigo entre os habitantes – 13.2
- Victor Hugo – 13.2

## Árvore da vida

- trono de Deus e do Cordeiro – 15.2

## Ascendente espiritual da Terra – I – os

tempos *são chegados*

- Reformador* – 11.1
- Weimar Muniz de Oliveira – 11.1

## Asclépios, mensageiro, Espírito

- Cornélio, instrutor, Espírito – 6.1
- entidade do nosso Planeta – 6.2

materialização – 6.1  
Nosso Lar – 6.1  
Plano dos Imortais – 6.1  
reencarnação – 6.2  
Santuário da Bênção – 6.1

## Astênio

Alcíone – 6.4

## Átomo

base da matéria – 14.2  
constituição do \* e José Náufel – 14.3  
dimensão do núcleo – 14.4  
dimensão do \* e *Seleções do Reader's Digest* – 14.2  
*Do abc ao infinito* – 14.3  
*Grande síntese* – 14.3

## Baraque

fé – 5.5

## Bem

condição para o reino do \* na Terra – 13.1

## Benson, Robert Hugh, Espírito

condição para visita às esferas superiores – 7.3  
convite da Grande Alma – 7.3–7.7  
desencarnação – 4.4, 7.2  
Edwin, guia espiritual – 7.2  
esferas espirituais – 4.5  
postulados da Terceira Revelação – 7.2  
Rute – 7.2  
*Vida nos mundos invisíveis, A* – 4.4

## Bíblia Sagrada

*Apocalipse* – 8.2  
confusão entre acontecimentos proféticos – 12.5  
passagem para um novo ciclo – 11.1

## Bibliografia espírita

*Cidade no além* – 1.1

Borgia, Anthony, médium

*Vida nos mundos invisíveis, A* – 4.4

Bozzano, Ernesto, pesquisador italiano

Pietro Ubaldi – 11.7

*Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho*

Francisco Cândido Xavier – 7.7

Humberto de Campos, Espírito – 7.7

Buda

pensamento – 5.1

*Caminho da luz, A*

Emmanuel, Espírito – 11.11

Francisco Cândido Xavier – 11.11

Campo da Paz

Alfredo, Sr., administrador – 1.4

Posto de Socorro – 14.4

Campos, Humberto de, Espírito

*Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* – 7.7

carta de \* ao coração de sua queridamãezinha – 3.4

*Crônicas de além-túmulo* – 3.4, 11.9

Gênio da Paz na face da Terra – 11.9

imagem de Francisco Cândido Xavier – 3.4

sinopse – 11.9

Casa Planetária *ver* Terra

Céu

diferença entre \* e esfera – 9.2

*Céu e o inferno, O*

Allan Kardec – 1.6

*Cidade no além*

André Luiz, Espírito – 1.1, 8.1

bibliografia espírita – 1.1

caráter principal de cada esfera – 9.2

escrita e ilustração a oito mãos – 1.1

Francisco Cândido Xavier – 1.1, 8.1

Heigorina Cunha, Espírito – 1.1, 8.1

Lucius, Espírito – 1.1, 8.1

Núcleo Externo – 2.1

Núcleo Interno – 2.1

## Ciência Espírita

esforço de aprofundamento – 13.6

## Codificador *ver* Kardec, Allan

## Colombo, Cristóvão

descoberta da América – 8.1

## Comentários

Ernesto Bozzano – 11.7

Pietro Ubaldi – 11.7

## Consolador *ver também* Espírito da

Verdade

encontro de Jesus com a Humanidade – 12.4, 12.11

missão – 8.2

## Cordeiro *ver* Jesus

## Corpo físico

origem do \* no mundo celeste ou divino – 12.7

## Cornélio, instrutor, Espírito

Asclépios, Espírito, mensageiro – 6.1

## Criação Divina

Via Láctea – 6.2

## Cristianismo

ensinamento dos Espíritos e \* acanhado – 12.11

*Quatro evangelhos, Os* – 12.11

## Cristo *ver também* Jesus

Grande Tribulação – 12.1, 12.5, 12.7

*Há dois mil anos* – 11.11

Lc 21:22 – 11.12

Lc 21:34 – 11.12

volta preparatória do \* e Apocalipse – 10.2

volta triunfal – 12.2

### *Crônicas de além-túmulo*

carta de Humberto de Campos, Espírito – 3.4

Francisco Cândido Xavier – 3.4, 11.9

Humberto de Campos, Espírito – 3.4, 11.9

### Crosta terrestre

erva daninha misturada ao trigo – 13.1

esferas no interior – 2.1

existência de vida abaixo da superfície – 9.3

Núcleo Externo – 2.1

Núcleo Interno – 2.1

passagem de Jesus – 7.7

reencarnação – 3.1

significado da expressão – 1.7 , nota

terceira esfera – 3.1

### Cunha, Heigorina, Espírito

*Cidade no além* – 1.1, 8.1

### Davi

fé – 5.5

### Demônio

Trevas – 9.4

### Deus

outro Cristo – 12.11

### Dimas, Espírito

André Luiz, Espírito – 2.1

Jerônimo, instrutor, Espírito – 2.1

*Obreiros da vida eterna* – 2.1, 2.2

sepultamento – 2.1

### Diretrizes do Planeta

Jesus, o Pão da Vida – 13.2

sétima esfera – 7.1

Discípulo Amado *ver* Jesus

Divina comédia, A

Dante Alighieri – pref.

Umbral – 3.1

Divino Mestre *ver* Jesus

*Do abc ao infinito*

*átomo* – 14.3

José Náufel – 14.3

Doutrina Espírita

categorias de mundos – 12.7

encontro de Jesus – 12.1

mundo celeste ou divino – 12.7

princípio do controle universal – 4.6, 9.4

Satanás – 9.4

*E a vida continua...*,

André Luiz, Espírito – 13.2

Francisco Cândido Xavier – 13.2

Umbral – 13.2

Einstein, Albert

lição – 14.2

Elias

volta ao mundo – 10.2

Elói, Espírito

estudo dos ovoides – 2.2

*Libertação* – 2.3

Emmanuel, Espírito

*Caminho da luz, A* – 11.11

*Há dois mil anos* – 11.11

médium de \* e Francisco Cândido Xavier – 3.3

*Paulo e Estêvão* – 9.2

psicografia do livro *Missionários da Luz* – 3.3

*Reformador*, revista – 11.10

*Renúncia* – 6.3

sinopse – 11.10

## Enoch

volta ao mundo – 10.2

## Enviado Celeste *ver* Jesus

## Esfera

diferença entre \* e céu – 9.2

## Esfera superior

condição para visita – 7.3

## Esfera ultrafísica *ver também* Esfera

espiritual

ciência – 1.7

## Esfera(s) espiritual(is)

André Luiz, Espírito – 1.4

características – 1.1

classificação – 9.3

considerações – 1.1

denominações – 1.2

importância do conhecimento – 8.1

J. Arthur Findlay – 1.5

trânsito dos Espíritos – 1.3

## Espiritismo *ver também* Doutrina

Espírita

Bezerra de Menezes, Apóstolo do \* no Brasil – 14.2

prevenção contra armadilhas – 13.6

## Espírito da Verdade *ver também*

Consolador

Jesus – 12.2

missão – 8.2

revelação espírita – 12.2

## Espírito encarnado

prisão nas grades sensoriais – 3.2

## Espírito imundo

Jesus – 9.4

## Espírito purificado

anjo – 12.3

## Espírito Santo

Jesus – 12.2

## Espírito(s)

Abismo e \* maus – 3.1

classificação dos \* quanto à sua marcha evolutiva – 2.5

ensinamento dos \* e Cristianismo acanhado – 12.11

princípios de gravitação – 2.4

trânsito do \* por todas as faixas de evolução – 12.12

Trevas e \* maus – 3.1

Umbral e \* remediados – 3.1

veste nupcial – 14.4

## *Evangelho segundo o espiritismo, O*

Allan Kardec – 12.10

## *Evolução em dois mundos*

André Luiz, Espírito – 1.4

Francisco Cândido Xavier – 1.4

## Expição

diferença entre o homem da fase de \* e o da fase de Regeneração –  
12.10

## Ezequiel – 11.4

## Faculdade anímica

aguçamento e exteriorização – 12.5

## Faixas Negras

Alcíone – 6.4

## Fé

Abraão – 5.5

Baraque – 5.5

Davi – 5.5

Gideão – 5.5

Jefté – 5.5

Moisés – 5.5

Samuel – 5.5

Sansão – 5.5

Felicidade perfeita

Agostinho, Santo – 12.10

Fígner, Frederico *ver* Jacob, Irmão

Findlay, J. Arthur

esferas espirituais – 1.5

*Limiar do etéreo, No* – 1.5

Flácus, ministro, Espírito

observações do \* sobre a Terra – 1.4, nota

Gama, Zilda, médium

*Sombra e na luz, Na* – 5.4

Victor Hugo, Espírito – 5.1

*Gênese, A*

Allan Kardec – 1.6, 12.4, 13.1

juízo final – 13.1

Gênio da Paz na face da Terra

Humberto de Campos, Espírito – 11.9

Gideão

fé – 5.5

*Grande síntese, A*

átomo – 14.3

Pietro Ubaldi – 8.2, 14.3

Sua Voz, Espírito mentor – 8.1, 14.3

Grande Tribulação

presença do Cristo – 12.1, 12.5, 12.7

*Grandes mensagens*

Mensagem do perdão – 11.8

Pietro Ubaldi – 11.7

Gúbio, instrutor, Espírito

estudo dos ovoides – 2.2

lampreias insaciáveis – 13.6

*Libertação* – 2.3, 13.6

obsessores, mortos na carne – 13.6

precipícios subcrostais – 2.3

### *Há dois mil anos*

Cristo – 11.11

Emmanuel, Espírito – 11.11

Francisco Cândido Xavier – 11.11

### Heisenberg, Werner

princípio da incerteza – 14.4

### Holzhauser

passagem para um novo ciclo – 11.1

### Homem

aparecimento do \* na Terra – 2.6

atitude correta – 13.7

diferença entre o \* da fase de Expição e o da fase de Regeneração –  
12.10

### Hugo, Victor, Espírito

Arte, Cultura e Ciência, esfera – 13.2

narrativa do voo cósmico – 5.1

### Humanidade

destinos da \* e Jesus – 11.9

encontro de Jesus – 12.4

estado semifluídico – 12.7

passagem para um novo ciclo – 11.1

terceira esfera da Terra e \* encarnada – 9.4

Zilda Gama, médium – 5.1

### Huyghens, astrônomo

teorias referentes à vida em outros mundos – 3.2

### Inferno

*Ação e Reação* – 4.2

existência do \* na Espiritualidade – 4.2, 4.3

razão de ser da existência – 4.2, 4.3

### Ira do Senhor

significado da expressão – 11.2

Isaías – 11.3

Isaque

Abraão, Jacó – 5.5

Jacó

Abraão, Isaque – 5.5

Jacob, Irmão

Umbral – 4.3

*Voltei* – 4.3

Jardineiro Divino *ver* Jesus

Jefté

fé – 5.5

Jeremias – 11.4

Jerônimo, instrutor, Espírito

*Obreiros da vida eterna* – 2.1, 2.2

Jerusalém

ruína de \* e Jesus – 12.6

santa cidade – 15.1

significado da palavra – 11.2, 12.7

Jesus

assessores – 7.2

destinos da Humanidade – 11.9

encontro de \* com a Humanidade – 12.1, 12.4

esfera Diretrizes do Planeta – 7.1, 13.2

Esferas Resplandecentes – 7.2

Espírito da Verdade – 12.2

Espírito protetor e governador da Terra – 12.2

Espírito Santo – 12.2

Espíritos imundos – 9.4

exemplificação do Amor – 7.8

missões – 12.2

passagem de \* pela Crosta terrestre – 7.7

retorno – 12.3

salvação – 12.1  
Santo de Israel – 11.2  
Senhor dos Exércitos – 11.2  
sinopse – 11.5  
transformação do corpo de humilhação – 5.5  
visão de \* e Governador de Nosso Lar – 7.2

## João Bosco, São

passagem para um novo ciclo – 11.1

## Joel – 11.5

## Josefo, Flávio

aparição de cometas – 12.6  
ruína de Jerusalém – 12.6  
visões mediúnicas – 12.6

## Juízo final

*Gênese, A* – 13.1

## Kardec, Allan

*Evangelho segundo o espiritismo, O* – 12.10  
*Gênese, A* – 1.6, 12.4, 13.1  
*Livro dos espíritos, O* – 1.7, nota  
nulidade das teorias das esferas – 1.6  
princípio do controle universal – 4.6, 9.4  
*Revista Espírita* – 2.3, 14.1  
teoria das esferas – 1.5

## Lampreia

imagem utilizada pelo instrutor Gúbio – 13.6  
significado da palavra – 13.6  
vampiros do Umbral – 13.6

## Laura

cidadã de Nosso Lar – 10.1

## Lei Divina

quitação – 3.1

## Lennon, John

terceiro milênio – 12.10

## Letes

significado da palavra – 6.3

## *Libertação*

adiamento do Reino de Deus – 4.2

Almas decaídas, As – 4.2

André Luiz, Espírito – 1.4, 2.3, 13.6

conservação do primitivismo mental – 4.2

considerações sobre o Umbral – 4.1

*Elói, Espírito* – 2.3

Francisco Cândido Xavier – 1.4, 2.3, 13.6

Gúbio, instrutor, Espírito – 2.3

Satanás – 9.4

## *Limiar do etéreo, No*

J. Arthur Findlay – 1.5

## Lísias, Espírito

conceito de trevas – 2.4

Espíritos maus – 3.1

fileiras de habitantes do Umbral – 2.5

## Livre-arbítrio

bem, mal – 13.7

## *Livro dos espíritos, O*

Allan Kardec – 1.7, nota

## Lúcifer, o anjo decaído

Satanás – 13.3

## Lucius, Espírito

*Cidade no além* – 1.1, 8.1

## Luiz, André, Espírito

Abismo – 2.3

*Ação e reação* – 4.2

*Cidade no Além* – 1.1, 8.1

círculos da Terra, do Umbral e das Trevas – 2.4

embaixador terrestre – 3.3

esferas espirituais – 1.4

estudo dos ovoides – 2.2  
*Evolução em dois mundos* – 1.4  
*Mecanismos da mediunidade* – 4.2  
*Mensageiros, Os* – 1.3, 14.4  
*Mundo maior, No* – 11.8  
*Libertação* – 1.4, 2.3, 4.1, 9.4, 13.6  
*Missionários da luz* – 3.3  
*Nosso lar* – pref., 1.2, 4.1  
*Obreiros da vida eterna* – 2.1, 2.2, 3.3, 6.2, 10.2  
palavras de Eusébio – 11.8  
regiões subcrostais – 9.2  
Satanás – 9.4  
trânsito dos Espíritos pelas esferas espirituais – 1.3  
Trevas – 2.1, 2.3  
Umbral – 3.1, 4.1

Lyndoe, Edward

passagem para um novo ciclo – 11.1

Mal

predomínio transitório – 10.1

Marte

magnetismo de \* e da Terra – 1.3

Matéria

aparente solidez – 14.2

base da \* e átomo – 14.2

movimento – 14.3

resistência da \* ao tato – 14.3

*Mecanismos da Mediunidade*

André Luiz, Espírito – 4.2

Francisco Cândido Xavier – 4.2

Médium de Uberaba *ver* Xavier,

Francisco Cândido

Menezes, Bezerra

Apóstolo do Espiritismo no Brasil – 14.2

convite da Virgem Santíssima – 14.2  
supervisão e sustentação fluídica – 4.3

Mensageiro *ver* Jesus

Mensageiro *ver* Xavier, Francisco  
Cândido

*Mensageiros, Os*

André Luiz, Espírito – 1.3, 14.4  
Francisco Cândido Xavier – 1.3, 14.4

*Mensageiros da luz, Os*

*Ação e reação* – 4.2  
conceito – 4.2

Mensagem de natal

Pietro Ubaldi – 11.6

Mensagem do perdão

Pietro Ubaldi – 11.7, 11.8

Metelo, instrutor, Espírito

realidades do mundo espiritual – 3.2

Miguel, Arcanjo

batalha do \* contra o dragão – 10.1  
expurgo do joio do Umbral – 13.4

*Missionários da luz*

André Luiz, Espírito – 3.3  
Bezerra de Menezes e fiscalização do trabalho – 3.3  
Emmanuel e fiscalização do trabalho – 3.3  
psicografia do capítulo Reencarnação – 3.3  
psicografia do \* e Francisco Cândido Xavier – 3.3

Moisés

fé – 5.5

Morte

região de existência além da \* do corpo – 2.6

Mozart

comunicação de \* e revista Espírita – 2.3

Muitas moradas

significado da expressão – 14,5

Mundo

fim do \* do mal – 12.12

fim do \*, progresso e depuração do planeta – 12.12

Mundo celeste ou divino

considerações – 12.9

corpos físicos de origem perispirítica – 12.7

último ciclo evolutivo da Terra – 12.7

Mundo de provações e expiações

considerações – 12.8

Mundo espiritual inferior

Terra – pref.

Mundo espiritual superior

Terra – pref.

Mundo feliz

considerações – 12.9

*Mundo maior, No*

André Luiz – 11.8

Francisco Cândido Xavier – 11.8

palavras de Euzébio – 11.8

Mundo primitivo

considerações – 12.8

Terra – 12.9

Mundo regenerador

considerações – 12.8

Narcisa

*Nosso lar* – 7.1

Veneranda, Ministra – 7.1

Náufel, José

átomo – 14.3

*Do abc ao infinito* – 14.3

## *Nosso lar*

André Luiz, Espírito – pref., 1.2, 10.1  
encontro dos companheiros no Umbral – 4.1  
círculos da Terra, do Umbral e das Trevas – 2.4  
Governador e visão de Jesus – 7.2  
Laura, cidadã – 10.1  
localização – 1.2  
Narcisa – 7.1  
Santuário da Bênção – 6.1  
Umbral – 4.1, 14.1  
Veneranda, Ministra – 7.1

## Nostradamus

passagem para um novo ciclo – 11.1

## Novo testamento

Ap 1:7 – 12.5  
Ap 3:10 – 12.11  
Ap 6:17 – 10.2  
Ap 7:9 a 11; 13 a 15 – 12.1  
Ap 8:13 – 10.3  
Ap 9:15 – 10.2  
Ap 11 – 10.2  
Ap 11:7 e 13:15 – 12.1  
Ap 12:3 e 4 – 13.3  
Ap 12: 7 a 9 – 10.1, 13.3, 13.4  
Ap 12:12 – 13.4  
Ap 16:12 a 16 – 13.4  
Ap 20:1 a 3; 7 e 8 – 10.1, 13.3, 13.4  
Ap 20:7 – 13.4  
Ap 21:5 – 12.12  
Ap 21 e 22 – 15.3  
Ap 22:18 e 19 – 8.2  
II Pe 2:4 – 9.4  
Jd 1:6 – 9.4  
Jo 1:10 e 11 – 7.7  
Jo 5:24 a 29 – 13.5

Jo 14:2 e 3 – 14.5  
Lc 8:31 – 9.4  
Lc 9:59 e 60 – 13.5  
Lc 13:1 a 5 – 13.7  
Lc 21:22 – 11.12  
Lc 21:34 – 11.12  
Lc 21:36 – 13.7  
Mc13:20 – 12.11  
Mt 13:24 – 10.2  
Mt 13:24 a 30 e 36 a 43 – 13.3, 13.4  
Mt 23:37 a 39 – 12.6  
Mt 24:20 a 27 – 12.5  
Mt 24:28 – 13.5

### Núcleo Externo

crosta terrestre – 2.1

### Núcleo Interno

crosta terrestre – 2.1

### *Obreiros da vida eterna*

André Luiz, Espírito – 2.1, 2.2, 3.3, 10.2

constelação de Hércules – 6.2

expulsão do dragão – 10.2

Francisco Cândido Xavier – 2.1, 2.2, 3.3, 10.2

Jerônimo, instrutor, Espírito – 2.1, 2.2

Júpiter – 6.2

Saturno – 6.2

sepultamento de Dimas, Espírito – 2.1, 2.2

Via Láctea – 6.2

### Oliveira, Weimar Muniz de

Ascendente espiritual da Terra – I– os tempos são chegados – 11.1

*Reformador* – 11.1

### Organismo de Esferas

Terra – 7.1

### Ovoide

conceito – 2.2

## Parábola do joio

Mt 13:24 a 30 e 36 a 43 – 13.3

## *Paulo e Estêvão*

Emmanuel, Espírito – 9.2

Francisco Cândido Xavier – 9.2

## Paulo, Apóstolo

Hb 11:13 a 16 – 5.5

sinopse – 11.6

terceiro céu – 9.2

## Paulo, Espírito

Alfen, instrutor espiritual – 5.1

narrativa da existência na França – 5.3

narrativa do voo sideral – 5.1

nova encarnação na Terra – 5.2

objetivo da viagem espiritual – 5.1

## Pedro – 11.6

## Pensamento

encontro dos companheiros no Umbral – 4.1

## Plano dos Imortais

Asclépios, mensageiro, Espírito – 6.1

## Pólux

*Renúncia* – 6.3

## Poverello

significado da palavra – 3.3, nota

## Princípio de gravitação

Espírito – 2.4

## Princípio do controle universal

Allan Kardec – 4.6, 9.4

## Profecia

Crosta – 13.3

regiões subcrostais – 13.3

Umbral – 13.3

Ptolomeu, astrônomo

teoria das esferas – 1.6

*Profecias do apocalipse, As*

Uriah Smith – 8.4

Provação

espíritos na vigília da loucura – 2.1

*Quatro evangelhos, Os*

advento do Espírito – 12.3

anjos – 12.3

Espíritos purificados – 12.3

J.-B., Roustaing – 2.6, 12.3, 12.9, 12.11

mundos celestes ou divinos – 12.9

Reencarnação

crosta terrestre – 3.1

intervalo de \* para Asclépios – 6.2

psicografia do capítulo \* no livro *Missionários da luz* – 3.3

*Reformador*

Ascendente espiritual da Terra – I– os tempos são chegados – 11.1

Emmanuel, Espírito – 11.10

Gil Restani Andrade – 9.3

Mundo Espiritual, O – 9.3

Regeneração

diferença entre o homem da fase de \* e o da fase de Expição –  
12.10

fase da \* e encontro com Jesus –12.1, 12.4

sinônimo da palavra – 12.10

Região subcristal *ver* Trevas

*Renúncia*

Alcíone – 6.3; 6.5

Emmanuel, Espírito – 6.3

Francisco Cândido Xavier – 6.3

Pólux – 6.3

Revelação espírita

era do Espírito da Verdade – 12.2

### *Revista Espírita*

Allan Kardec – 2.3, 14.1

comunicação de Mozart – 2.3

### Rio de Janeiro

cidade espiritual Nosso Lar – 1.2

### Roustaing, J.-B.

advento do Espírito – 12.3

anjos – 12.3

Espíritos purificados – 12.3

mundos celestes ou divinos – 12.9

*Quatro evangelhos, Os* – 2.6, 12.3, 12.9, 12.11

### Rute

Edwin, guia espiritual de Benson – 7.2

Robert Hugh Benson, Espírito – 7.2

### Saint-Pierre, Bernardin de, romancista

Planeta Vênus – 3.2

### Salmos – 11.2

### Salvação

Jesus – 12.1

sinônimo da palavra – 12.10

### Salvador *ver* Jesus

### Samuel

fé – 5.5

### Sansão

fé – 5.5

### Santo de Israel

Jesus – 11.2

### Santuário da Bênção

Asclépios, mensageiro, Espírito – 6.1

Nosso Lar – 6.1

### Satanás

Doutrina Espírita – 9.4  
expulsão do Umbral – 13.3  
Lúcifer, o anjo decaído – 13.3  
prisão de \* no Abismo – 9.4, 10.1, 13.3

Schubert, Suely Caldas

*Testemunhos de Chico Xavier* – 3.3

*Seleções do Reader's Digest*

*átomo* – 14.2

Senhor dos Exércitos

Jesus – 11.2

*Sete esferas da Terra, As*

fontes – pref.

Sião

significado da palavra – 11.2

*Sombra e na luz, Na*

Zilda Gama, médium – 5.4

Smith, Uriah

*Profecias do apocalipse, As* – 8.4

Swedenborg, médium

costumes das habitações astrais – 3.2

Teologia cristã

teoria das esferas – 1.6

Terceira Revelação *ver* Doutrina Espírita

Teresa d'Ávila

descrição do inferno – 3.2

Terra

aparecimento do homem – 2.6

campo magnético – 1.1

embate de forças cósmicas – 13.5

esferas espirituais – 1.1

Espírito protetor e governador – 12.2

expurgado do joio – 13.4

forma, natureza, origem e destino – pref.  
grande mãe – 3.3  
grande magneto projetado no espaço – 1.4  
magnetismo da \* e de Marte – 1.3  
mundo primitivo – 12.9  
mundos espirituais superiores e inferiores – pref.  
nova visão realista e séria – pref.  
observações sobre a \* e ministro Flácus – 1.4, nota  
Organismo de Esferas – 7.1  
organização – pref.  
organização viva – 2.4  
reino do bem – 13.1  
Reino do Pai – 12.3  
situação dos habitantes doplaneta – 13.1  
vida no interior – 1.4

### *Testemunhos de Chico Xavier*

Suely Caldas Schubert – 3.3

### Transição final

Ap 11:7 e 13:15 – 12.1

### Trevas

André Luiz, Espírito – 2.1  
conceito de \* e Lísias, Espírito – 2.4  
demônios – 9.4  
Espíritos maus – 3.1  
joio entre os habitantes – 13.1, 13.3  
Núcleo Externo – 3.1

### Ubaldo, Pietro

*Comentários* – 11.7  
conhecimento – 8.1  
Ernesto Bozzano – 11.7  
*Grande síntese, A* – 8.2, 14.3  
*Grandes mensagens* – 11.7  
lei – 8.1  
Mensagem de natal – 11.6

Mensagem do perdão – 11.7  
passagem para um novo ciclo – 11.1  
Sua Voz, Espírito mentor – 8.1, 14.3  
verdade – 8.1

## Umbral, esfera

adiamento do Reino de Deus – 4.2  
Alción – 6.3  
André Luiz, Espírito – 3.1, 4.1  
bloqueio das saídas das esferas inferiores – 4.3  
céu – 13.3  
cidades das regiões superiores – 10.1  
conceito – 4.1  
considerações – 4.1  
Divina comédia, A – 3.1  
divisão em três partes – 9.2  
*E a vida continua...* – 13.2  
Espíritos remediados – 3.1  
expulsão de Satanás – 13.3  
expulsão do dragão – 10.2  
expurgo do joio – 13.4  
fileiras de habitantes do \* e Lísias – 2.5  
função – 4.1, 4.2  
interesse – 4.2  
ligação entre as mentes humanas – 4.1  
localização – 2.3, 2.6, 3.1, 4.1, 4.2  
*Nosso lar* – 4.1, 14.1  
plano fluídico – 14.2  
população – 4.2  
purificação – 13.4  
quarta esfera – 4.1  
trigo, joio – 13.2, 13.3

## Universo

grau de desenvolvimento espiritual – 6.2

## Veneranda, Ministra

Diretrizes do Planeta, sétima esfera – 7.1

figura mais antiga do Governo e do Ministério – 7.1  
horas de serviço – 7.1  
medalha do Mérito de Serviço – 7.1  
Narcisa – 7.1  
*Nosso lar* – 7.1  
tempo de tarefa ativa – 7.1  
visão de Jesus – 7.1

## Vênus, planeta

Bernardin de Saint-Pierre, romancista – 3.2

## Veste nupcial

espírito – 14.4

## Via Láctea

detalhe da Criação Divina – 6.2

## Vianney, João, São (Cura d’Ars)

passagem para um novo ciclo – 11.1

## *Vida nos mundos invisíveis, A*

Anthony Borgia, médium – 4.4

assessores de Jesus – 7.2

Robert Hugh Benson, Espírito – 4.4

## *Voltei*

Jacob, Irmão – 4.3

Umbral – 4.3

## Xavier, Francisco Cândido

*Ação e reação* – 4.2

*Brasil, coração do mundo, pátria do evangelho* – 7.7

*Caminho da luz, A* – 11.11

*Cidade no além* – 1.1

considerações sobre as esferas – 1.1

*Crônicas de além-túmulo* – 3.4

distinção entre as esferas espirituais – 14.2

imagem de \* por Humberto de Campos, Espírito – 3.4

*Evolução em dois mundos* – 1.4

*Há dois mil anos* – 11.11

hífen de luz entre a Terra e o Céu – 3.3  
Homem Crístico de amanhã – 3.5  
*Libertação* – 1.4, 2.3, 4.1, 9.4, 13.6  
*Mecanismos da mediunidade* – 4.2  
médium de Emmanuel – 3.3  
*Mensageiros, Os* – 1.3, 14.4  
*Mundo maior, No* – 11.8  
Nosso lar – 1.2, 4.1, 10.1  
*Obreiros da vida eterna* – 2.1, 2.2, 3.3, 6.2, 10.2  
*Paulo e Estêvão* – 9.2  
psicografia do livro *Missionários da luz* – 3.3  
*Renúncia* – 6.3  
Zacarias – 11.5

---

7 Remete à numeração presente à margem das páginas. Utilizou-se a abreviatura pref. para Prefácio.

Conselho Editorial:

*Jorge Godinho Barreto Nery – Presidente*  
*Geraldo Campetti Sobrinho – Coord. Editorial*  
*Evandro Noletto Bezerra*  
*Marta Antunes de Moura*  
*Miriam Lúcia Herrera Masotti Dusi*

Produção Editorial:

*Rosiane Dias Rodrigues*

Revisão:

*Elizabete de Jesus Moreira*  
*Orlando Ayrton de Toledo*

Capa, Projeto gráfico e Diagramação:

*Thiago Pereira Campos*

Foto de Capa:

*istock.com / VitalyEdush*

Normalização Técnica:

*Biblioteca de Obras Raras e Documentos Patrimoniais do Livro*

E-Book:

*Diego Henrique Oliveira Santos*

Mantenha-se atualizado sobre os lançamentos da FEB Editora, cadastrando-se no site  
[www.febeditora.com.br](http://www.febeditora.com.br).



# As sete esferas da Terra

Conhecemos realmente o Planeta que nos serve de moradia? A vida desenvolve-se apenas na superfície do globo terrestre? Quais são as “muitas moradas” a que se referia Jesus?

As respostas a estes e outros questionamentos encontram-se nesta instigante obra de Mário Frigéri.

Em um estudo minucioso e surpreendente, o autor nos convida a refletir sobre a constituição do Planeta em que vivemos e como a vida estende-se além das fronteiras físicas.

Para isso, Frigéri compila valiosos trechos divulgados na literatura espírita, especialmente em *Nosso lar*, do Espírito André Luiz, assim como na Codificação de Allan Kardec e também no *Apocalipse de João*.

O notável trabalho de Frigéri nos brinda com uma nova visão, conscienciosa, realista e séria, que contribuirá para o melhor entendimento da natureza do nosso Planeta.

ISBN 978-85-9466-033-6



9 788594 660336